



MAIO — JUNHO DE 1927

ANNO I — N.º 3

REVISTA DE ENSINO

ORGAM OFFICIAL
DA DIRECTÓRIA GERAL DA INSTRUÇÃO PUBLICA
DE
ALAGOAS

SUMMARIO:

A Escola Rural	Craveiro Costa
Modelos Civicos	Reynaldo Costa
Brasil	Hygino Bello
A Escola e o Lar	
Methodologia:	Consuelo Barretto
Verbos quanto ao sujeito	Maria Ambrozzio
Exercicio Pratico	Augusta Zanotti
Noções sobre quadrilateros	Ritta Brennand
Adjectivo qualificativo	
A Terra Aravel	Assis Cintra
Educação Civica	Craveiro Costa
Da Historia Alagoana	
A dialetação portugueza no nordeste brasileiro	Mario Marroquim
Commemorações Civico-Ecolares	
Os grandes educadores alagoanos	Barbara Heliodora
Conselhos	
O ensino primario no Estado	Olavo Bilac
Passaro captivo	Octavio Pires
Defeitos de educação	Araripe Junior
Educação Nacional	
Jogos escolares	Cypriano Jucá
Ode aos jagadeiros de Alagoas	
A saude do povo e a escola primaria	Dr. Dias Martins
Primeiras licções de Arithmetica	Charles Laisant
A Gymnastica escolar	Jorge Demercy
Noticiario	
Os meus livros	Roberto Correia

MACEIÓ — ALAGOAS

— BRASIL —

REVISTA DE ENSINO

ORGAN OFFICIAL DA DIRECTORIA DA INSTRUÇÃO PUBLICA

ANNO I

MACEIÓ, MAIO-JUNHO DE 1927

NUM. 3

A Escola Rural

(**CRAVEIRO COSTA**)

Entre a população rural brasileira a acção do magisterio primario não devia ser a acção, quasi mecanica, da simples alfabetisação, mais das vezes um esforço que se perde, mas a acção educativa que, tendo por ponto de partida a criança, podesse envolver sua familia. Envolve-a no sentido de, pouco a pouco, corrigir defeitos seculares, que são vincos profundos de um lastimavel e funesto abandono da educação popular; banir tradições e habitos, que são herança de tresentos annos de trabalho escravo; incutir na alma rude do sertanejo o sentimento de generosidade, de respeito pela vida de seu semelhante, de amôr pela existencia tranquilla e independente do campo; accender na consciencia do caboclo a chamma do patriotismo, do apêgo ao pedaço da terra natal, do acatamento ao principio da autoridade; dar, enfim, a essa vasta população rural, do littoral e do sertão, no fundo pacifica, laboriosa e hospitaleira, as noções elementares da economia, do conforto pessoal, da conservação da saude, da ambição da prosperidade.

Não tem sido essa, entretanto, em todo o Brasil, a missão principal da escola rural.

A escola funda-se numa zona agricola ou pastoril, povoada por gente ainda na fase primaria de civilisação, sómente para ensinar a ler, escrever e contar. Mais nada.

Foi uma orientação que nos ficou do regime administrativo colonial, aquella

mesma orientação absurda que preferia o ensino do latim, da retorica e da filosofia, no meio de populações analfabetas, ao ensino das primeiras letras.

Já é tempo, porém, de se ir integrando a escola rural na sua verdadeira missão social. Porque, a não ser assim, a população do interior jámais lhe alcançará a vantagem. E não será sem razão.

Dizem ao homem do campo que elle deve mandar os filhos á escola mais proxima. E elle, automaticamente, os manda, embora lamente ter de privar-se do auxilio dos meninos maiores ás suas cancelas agricolas.

Ao fim de dois ou tres annos, os meninos deixam a escola. Estão alfabetisados: sabem lêr, escrever e contar. Mas, moralmente, civicamente, profissionalmente, são os mesmos. A escola não lhes modificou o character, não lhes deu uma noção exacta do cumprimento do dever pela consciencia do proprio dever, não lhes deu os elementos primarios essenciaes para se acomodarem praticamente, utilmente na vida, na mesma vida de seus paes, porem com intelligencia e dignidade.

Como seus paes nunca viram um arado; não conhecem outros processos de cultura senão aquelles mesmos que o portuguez colonial nos deixou; desconhecem as noções elementares de hygiene do corpo e da casa, de civismo, de prosperidade pelo trabalho. Como seus paes são verdadeiros escravos

da terra sob a vara pastoral do senhor do latifundio.

Alguns, com aquellas tinturas escolares de semi-analfabetos criam tedio á vida do campo e, mal se emplumam, abandonam o rincão natal, attrahidos pelas maravilhas urbanas de que tanto lhes falava o professor nostalgico... Na capital vagabundeiam, ou, em breve, se engajam na primeira léva de trabalhadores, para outros Estados, em busca da fortuna com que os seduz o contractador.

Sente-se que a escola falhou para uns e para outros. E falhou porque a simples alfabetisação, principalmente nas zonas ruaes, não basta. Falta-lhe qualquer coisa. E o que lhe falta é precisamente o essencial, o complemento da alfabetisação, o aparelhamento para a propria vida do campo, a educação do trabalho ao lado do desbravamento da intelligencia.

Ha cem annos que o idealismo nacional entoa commovedoramente a aria sentimental da alfabetisação do povo. Ha cem annos que os governos fundam escolas nas zonas ruaes, e, nos ultimos annos, sob o regimen republicano, por toda parte o numero de escolas quadruplicou. Não se póde negar que se tem feito muito. A alfabetisação tem attingido a muitas centenas de milhares de creanças sertanejas, em todo o paiz.

Mas o sertanejo continua o mesmo homem de cem annos passados : a escola não lhe tem imprimido outros habitos de vida, não lhe tem banido os estigmas que o deprimiam, não o tem tornado um factor intelligente de progresso.

E' claro que, assim sendo, a escola rural precisa de uma organisação especial, que, tirando-a da preocupação exclusiva de ensinar a lêr e escrever, prepare a creança do campo para uma vida mais proveitosa, torne-a um individuo capaz de utilidade consciente, como força productora de trabalho, e não o matuto, bronco

cavador da terra, que não póde competir com o colono europeu, o Geca que, por saber garatujar o nome, o chefe politico da localidade fez eleitor, para aquelles pleitos intrincados em que os defuntos não votam ou o prestijio se manifesta pela força indiscutivel do cacête...

A escola assim orientada teria a missão regeneradora que lhe devia competir. E' uma organisação complexa e de difficil execução. Mas se devia tentar com firmeza e proposito de vencer, principalmente no nordeste ainda virgem do contacto do imigrante europeu.

O sertanejo é o producto de um abandono secular. Sem aspirações, sem idéa alguma de conforto, com uma noção errada da moral, quasi tão nomade como o ancestral das malocas e com igual intuición do respeito á vida e á propriedade alheias, não póde ser conquistado para a civilisação por professoras inexperientes e pela carta de a b c. A regeneração moral, o levantamento dessas forças enormes que se perdem nas matas e nas caatingas, o desenvolvimento das qualidades existentes em estado de aproveitamento mas embotados pelo abandono em que tem vivido, é uma missão superior ás forças dessas mocinhas que as Escolas Normaes diplomam todos os annos.

Para obra tamanha não basta que a creança do sertão permaneça na escola o tempo necessario á alfabetisação e que o professor cumpra seriamente esse dever ; é indispensavel que o mestre, tendo a comprehensão perfeita da sua responsabilidade conviva intimamente com a gente do campo e pouco a pouco, possa combater os seus vicios, mostrar-lhe as vantagens do trabalho, da temperança, da observancia dos preceitos de hygiene ; dar-lhe uma idéa clara da patria, para que possa interessar-se pelos seus destinos, e torne-se, por fim, o professor, um amigo que se deseje, um guia que se venera. Isto

não se póde esperar de mocinhas de dezoito annos, porque é um apostolado, que exige abnegação rara e renuncias de que poucos são capazes.

Ora, em todos os regulamentos de instrucção publica em que tenho posto os olhos as escolas ruraes são o ponto de partida da profissão. No interior, nos pontos mais afastados da vida urbana, começa o professor seu tirocinio.

E não é tudo : o exercicio em escolas ruraes é tambem punição. Para ellas são removidos os professores desidiosos, ou os comprovadamente inidoneos. São as escolas ruraes a Siberia do magisterio. As alumnas mestras crearam-lhes horrôr. Para estas o idéal da profissão passou a ser uma collocação na capital. Mas a primeira nomeação tem de ser para o interior. Para o interior ellas partem, sem a convicção da grandeza do serviço que o governo lhes confia, maldizendo as contingencias materiaes da vida que as obrigam a enormidade do sacrificio. Partem com a preocupação absorvente de uma remoção para a cidade, ou melhor, para a capital.

A má vontade com que recebem a nomeação, a idéa fixa de uma proxima transferencia mais vantajosa, o isolamento propositado a que se condemnam, são outras tantas causas do insuccesso da escola rural.

E' o quadro geral.

Devia haver no magisterio primario uma classe especial — a do professorado rural e nos programmas das Escolas Normaes um curso de que fizessem parte conhecimentos seguros e praticos de agricultura e zootechnia, devendo ser para essa classe as melhores remunerações orçamentarias.

E as escolas ruraes passariam a ter uma organização eminentemente regeneradora, do ponto de vista da educação do trabalho e do ponto de vista moral, para que o matuto, libertando-se das taras seculares que o inferiorisam, se integrasse, pouco a pouco, na civilização brasileira como elemento

apreciavel de trabalho, de saude, de civismo.

Essas escolas, fixas em uns pontos, ambulantes noutros, diurnas aqui, nocturnas acolá, teriam, ao lado da alfabetisação, as demonstrações praticas dos modernos processos agricolas e da industria pastoril ; teriam as palestras educativas, aos domingos, com exhibições cinematograficas, ou mesmo de simples lanternas de projecção fixa sobre assumptos civicos hygienicos, moraes, sanitarios, com ensinamentos racionais sobre a maneira de combater o impudismo e o anquilostomiase, os dois grandes flagellos do homem do campo, emfim sobre themas que podessem interessar o matuto, em linguagem capaz de transmitir-lhe, pela insistencia das lições e aproveitamento apropriado dos factos, alguma influencia sobre o espirito do caboclo.

O professorado não seria mais, nessas escolas, um degredo, porque ellas passariam a ter outra finalidade, seriam, missõnatos de regeneração social, a obra benemerita de saneamento e de civismo que o sertão está a exigir.

E tudo está nos limites do possivel . . .

E' preciso que o ensino seja uma cadeia de reflexos intelligentes que, partindo do mestre, se dirijam ao alumno e tornem ao mestre.

* * *

E' preciso que o ensino determine o alumno a agir, a revelar uma actividade salutar.

* * *

E' preferivel que a creança aprenda como ha de fazer em lugar de aprender lições.

* * *

A curiosidade infantil é o melhor programma para o ensino primario.

* * *

O mestre deve cuidar mais da educação do que da instrucção.

Modelos CÍVICOS

IV

LADISLAU DE SOUZA MELLO NETTO

Nasceu na cidade das Alagôas, segundo uns, em Maceió, segundo outros, no dia 27 de junho de 1839.

Seu pae, negociante, destinou-o ao commercio, não obstante os pendores artisticos e literarios do filho. Afinal, aos 16 annos de idade, seu pae mandou-o cursar a Escola de Bellas Artes do Rio de Janeiro, onde o jovem alagoano permaneceu durante dois annos, tendo conquistado os primeiros premios. Apesar disso, abandonou o curso, que seguia brilhantemente, e como desenhista incorporou-se á commissão chefiada por Emilio Liaís, para explorar a costa de Pernambuco. Ladislau Netto publicou uma serie de artigos descriptivos dessa exploração, que impressionaram mais pela belleza da forma que pelo fundo scientifico. Em 1861, porém, o moço alagoano chamou a attenção dos competentes para o seu nome e sua obra, publicando no *Correio Mercantil* uma narrativa completa dos trabalhos dessa commissão.

O homem de sciencia revelou-se então no modesto desenhista da commissão. Já não era o litterato, era o investigador admiravel das sciencias naturaes. Desde então Ladislau Netto dedicou-se de corpo e alma ao estudo da natureza.

Em 1863 appareceram os seus primeiros trabalhos sobre os vasos lactiferos e a anatomia das plantas trepadeiras, acolhidos em Paris com admiração.

O governo imperial, sempre inclinado ao amparo dos homens de talento, mandou-o, no anno seguinte, aperfeiçoar os seus estudos no Velho Mundo. Foram tres annos a

fio de perquirições infatigaveis, de convívio com os maiores sabios desse tempo. Na Europa publicou varias monografias e memorias sobre botanica, recebidas com applausos por toda parte e pelas summidades europeas consideradas contribuições preciosissimas. O seu nome foi dado a um genero novo e a especies novas de plantas. Era a consagração universal.

De regresso ao seu paiz, em 1867, assumiu o cargo de director da secção de Botanica do Museu Nacional, para o qual havia sido nomeado dois annos antes, quando na Europa. O Museu entrara numa lamentavel faze de decadencia. A obra de Ladislau Netto — *Investigações scientificas sobre o Museu Imperial e Nacional* — foi uma verdadeira resurreição para a velha instituição creada por D. João VI. A obra foi recebida na Europa com admiração do mundo scientifico. Em 1870 foi nomeado vice-director do Museu, e, por fim, director, em 1876.

Iniciou então o grande alagoano um curso popular de sciencias naturaes e é desse tempo o começo da publicação dos *Archivos do Museu Nacional*.

Absorvido pelos seus estudos, devotado ao seu Museu, onde passou a residir para consagrar-lhe todo o seu tempo, alheio em absoluto a politica e as glorias efemerias do mundo, surprehendeu-o a Republica em plena faina scientifica. O Museu Nacional, que elle fizera resurgir do abandono, era o seu mundo, o seu lar.

Alagôas, querendo dar-lhe uma demonstração de reconhecimento, elegeu-o deputado á Constituinte. Ladislau Netto continuou no seu Museu, declinando, por uma carta notavel, da honra que lhe davam os seus conterraneos.

Era commendador da Ordem da Rosa, membro de quasi todas as associações scientificas o mundo, socio honorario do Instituto Archeologico e Geographico Alagoano.

Os seus trabalhos publicados mais notáveis são os seguintes :

Rechercher Sur Les Vaisseaux Lactiferes (1863); *Rechercher Anormale des Fígues Primpantes* (1863-1864); *Apontamentos sobre as Plantas Economias do Brasil* (1865); *Breve noticia sobre a colleção de madeiras do Brasil* (1866); *Investigações historicas e scientificas sobre o Museu Nacional* (1870); *Itineraire Botanique dans La Province de Minas Geraes*; 1866); *Apontamentos relativos á Botânica applicada no Brasil* (1871).

Falleceu Ladislau Netto no Rio de Janeiro no dia 18 de março de 1894, repentinamente, na estação de S. Francisco, onde fôra em visita a um amigo.

V

DR. AURELIANO CANDIDO TAVARES BASTOS

Nasceu em 20 de Abril de 1839, na velha cidade das Alagôas, esse grande brasileiro. Filho do Conselheiro Dr. José Tavares Bastos e de D. Rosa Candida de Araujo Tavares Bastos, bacharelou-se e recebeu o gráo de doutor em direito pela Faculdade de S. Paulo, após um curso brilhantissimo, em abril de 1859. Doutor em direito aos 20 annos de idade, com uma cultura juridica, scientifica, filosofica e literaria admiravel na sua idade, Aureliano buscou na Côrte o campo propicio ás suas aspirações, afirmando-se logo na imprensa, um escriptor eximio; no fôro, um causidico notavel, e, mais tarde, na burocracia, um funcionario muito acima da vulgaridade. Em 1861, Alagôas fê-lo seu representante na Camara temporaria, elegendo-o as corren-

tes liberaes da provincia. E logo o jovem parlamentar passou a figurar na linha de frente, ao lado de José Bonifacio, por quem tinha grande admiração, combatendo o partido conservador no poder, revelando-se um orador eloquentissimo e um perfeito estadista aos 22 annos. Despeitado, o governo demittiu-o do cargo de Official Maior da Secretaria da Marinha e o velho Inhaúma subscreveu o acto que dispensava do cargo o brasileiro genial *por incompetente*.

Alagôas renovou-lhe o mandato em 1863 e 1866, continuando Aureliano no parlamento a sua formidavel campanha contra as ideas politicas e os principios administrativos do partido que lhe era adverso.

O seu ardor combativo, a sua actividade mental assombrosa, as noites consumidas no estudo das mais graves questões nacionaes minaram-lhe o organismo. Partiu para a Europa, onde seu nome repercutia, em busca de melhoras. A tuberculose devorava-lhe os pulmões e a 3 de dezembro de 1875, em Nice, apagou-se a chamma daquelle genio, que, no Brasil, só teve um emulo — o grande Ruy.

Seu corpo, embalsamado, foi trasido para o Rio de Janeiro, onde o mundo official e o povo tributaram-lhe honras e homenagens excepcionaes. Foi uma apothese o desfile dos despojos do insigne alagoano pelas ruas da metropole enlutada.

Na sua obra, ainda hoje considerada primorosa pelo estilo, erudição portentosa e visão perfeita das necessidades brasileiras, em todas as suas modalidades — administração, economia, finanças, politica, avultam :

Os males do presente e as esperanças do futuro, (1861); *Cartas do solitario*, (1861-1862); *O vale do Amazonas*, (1866); *A situação e o partido liberal*, (1872); *A Provincia*, (1870); *A reforma eleitoral e parlamentar e a constituição da magistratura*, 1873; e *A Opinião e a Corôa*, 1873.

Foi casado com d. Maria Alice Alves Barbosa e de seu consorcio teve sómente uma filha, d. Elisa Tavares Bastos, casada com o fazendeiro Ubaldo Tavares Bastos, filho do irmão de Aureliano, Dr. Americo Candido Tavares Bastos.

VI

DR. FRANCISCO IGNACIO DE CARVALHO MOREIRA (Barão de Penedo)

Nasceu na cidade de Penedo, em 26 de dezembro de 1815, sendo seus paes o capitão João Moreira de Carvalho, portuguez, e d. Maria Joaquina de Almeida e Silva, nascida na cidade de Alagoas. Formou-se em direito em S. Paulo, onde, em 1840, casou-se com d. Carlota Emilia de Aguiar e Andrada, filha do Conselheiro José Bonifacio de Andrada e Silva.

Copiosa e solida cultura juridica, os seus trabalhos, quando se fundou, no Rio, o Instituto da Ordem dos Advogados, tornaram-no conhecido e acatado como jurista. Alagoas mandou-o á Camara dos Deputados. Foi rapida, mas brilhante, a sua passagem pelo parlamento nacional. O governo chamou-o á diplomacia, em 1851, como ministro plenipotenciario do Brasil em Washington. Nessa carreira tornou-se notabilissimo. Nem um outro diplomata brasileiro o excedeu e raros o igualaram no seu tempo. Joaquim Nabuco o considera o diplomata brasileiro mais notavel dessa epoca de grandes diplomatas. Em 1855 foi transferido para Londres, que era a nossa mais importante e trabalhosa representação no Velho Mundo. Sustentou perante o governo britanico ás nossas reclamações na famosa questão Christie, obtendo reparação completa.

Os seus serviços, nessa fase das nossas relações internacionaes, foram considerados tão importantes, que varias provincias sugeriram o seu nome para o Senado. O

governo imperial, porém, não podia dispensar o grande diplomata na Europa, onde já era vasto o seu renome.

Quando a intransigencia do Bispo de Olinda, (1872-1873) levantou a celebre questão religiosa, o governo brasileiro mandou-o em missão especial junto a Pio IX. A habilidade de Carvalho Moreira obteve do Santo Padre a celebre carta que começa — *gesto tua non laudantur* — ao Bispo de Olinda, na qual o Summo Pontifice fazia censuras ao prelado pernambucano. Exerceu a diplomacia durante 37 annos, exerceu-a com brilho para o seu paiz e gloria para o seu nome.

O mundo official da Inglaterra, a côrte toda, os grandes homens da Gram-Bretanha — nas letras, nas sciencias, na politica, nas finanças, a propria familia real, consideravam Penedo o expoente maximo da diplomacia naquelles tempos.

Em Londres, como nosso ministro, encontrou-o a Republica. Estava fatigado o grande brasileiro. Aposentou-se.

Falleceu Francisco Ignacio de Carvalho Moreira, Barão de Penedo, Conselheiro de Estado, no Rio de Janeiro, em 1.º de abril de 1907.

VII

DR. JOÃO FRANCISCO DIAS CABRAL

Nasceu na cidade de Maceió, em 27 de dezembro de 1834 e era filho de Francisco Dias Cabral e de d. Maria do Rego Cabral. Doutor em medicina pela Academia da Bahia, em 1856. Foi um dos maiores expoentes da mentalidade alagoana, nas letras e nas sciencias e teria sido um nome nacional se não tivesse limitado a sua actividade á estreiteza da vida provinciana.

Socio fundador do Instituto Archeologico e seu secretario perpetuo desde o dia da sua fundação até a data de seu fallecimento, de 1869 a 1885, nas collecções, no

archivo, na bibliotheca, na Revista, em tudo que a Casa das Alagôas possui existe um traço bem vivo, uma recordação indelevel da actividade febril, do saber profundo, do espirito de organização e de methodo do preclaro scientista, benemerito por seus prestimos inolvidaveis ao Instituto e tambem benemerito pela sua acção sempre procurada e sempre encontrada prestadia e efficiente, nas sociedades litterarias, nas agremiações artisticas, nos centros de propaganda abolicionista, nos gremios propagadores da instrucção primaria e de ensino professional.

A todos os grandes commettimentos do seu tempo, nas campanhas de altruismo collectivo e nas cruzadas individuaes em que combateu sósinho, na tribuna e na imprensa, pelas suas idéas, expostas e defendidas com desassombro, isolando-se, por isso, do meio rastejante em que elle foi um fôco de luz e a expressão perfeita da bondade, da hombridade e do saber, Dias Cabral sempre deu o seu pensamento e o seu

trabalho com enthusiasmo e desinteresse.

No Instituto, no Lyceu de Artes e Offic'ios, no Asilo das Orfans, na Santa Casa de Misericordia, nas sociedades abolicionistas, artisticas e literarias, na imprensa, em tudo que fosse utilidade e escapasse a influencia deleteria da politica, a cujas seduções sempre voltou o rosto, para viver como um beneditino, na sua sciencia, na sua bondade e no seu trabalho, Cabral esteve á vanguarda dos lutadores mais impavidos e de maior abnegação.

Foi um sabio, um justo e um patriota, nos cargos innumeros que serviu com brilho e dignidade, na sua vida de scientista, na sua clinica, na sua fé, no seu lar, na sua obra de pensamento e de coração.

Falleceu Dias Cabral aos 19 de julho de 1885, em Maceió, prestando-lhe a cidade homenagens extraordinarias.

A sua obra, publicada na Revista do Instituto e na imprensa local, é solida e tratada num estylo que lembra Garret.

BRASIL

Terra santa, Brasil, terra bem dita,
Onde o céu é de anil e o sol de opala!...
A natureza que em teu seio habita,
De luz resplende e de riquezas fala.

Tudo em ti, meu Brasil, vive e palpita...
Desde a flôr que rebrilha e o aroma que exhala,
Até o grão de areia que se agita
E o mar fremente que segredos cala!

Não ha por ti quem se não mostre ufano!
Terra santa, a mais bella, a mais formosa
Do vasto continente americano!

Serás sempre o paiz abençoado
Porque tens do futuro a luz radiosa
E sempre viva a gloria do Passado!...

REYNALDO COSTA

A ESCOLA E O LAR

HYGINO BELLO

O magno problema que preoccupa em nossos dias o norteamento das nossas instituições sociaes é, indubitavelmente, a missão da escola, na formação das gerações do futuro.

Temos feito muito no progredimento do commercio, das industrias e das artes em 38 annos de vida republicana de nosso paiz, mas, infelizmente, pouco se tem feito na formação do espirito de nossa nacionalidade e assim se explica o indifferentismo que se nota nas camadas populares por tudo que diz respeito aos destinos e á marcha republicana de nosso querido Brasil.

E' ensurdecedora a gritaria dos agitadores, a arregimentação dos salvadores de ideaes politicos; todos clamam contra a marcha irregular das administrações publicas, contra o malbarateamento dos recursos economicos do paiz, contra esbulhos de direitos, mas fingem esquecer que as luctas de principios, tudo vae passando com a indifferença clamorosa do povo, justamente a parte constituitiva do grande organismo nacional. A psychologia das multidões retrata-se em geral nas vacillações do momento. Ao povo falta a instrucção, unico meio de torna-lo digno dos grandes idéaes da patria e capaz de comprehender os magnos problemas que se offerecem ao estudo consciante dos homens. A magia dos que enfecham nas mãos os altos destinos da nação supplanta o direito de pesquisa, de estudo consciante dos problemas em evidencia.

Um povo que se materialisa, que se torna indifferente á sorte de sua patria, que se deixa mover pelos accenos dos comicios incendiarios, intempestivos, deixou de seguir

os sagrados ensinamentos de sua finalidade para representar o papel secundario de porta voz dos interesses de sectarista contra os interesses geraes do paiz, da familia republicana brasileira.

Ha a inconsciencia, a propensão fatidica das oportunidades, a onda que se avoluma, cresce e tenta romper os diques da verdadeira democracia, mas não existe o norteamento pela lucta dos principios, a positivação consciante da verdadeira moral republicana.

E', infelizmente, o que, inebriados, contemplamos na vida psychologica de nosso Brasil republicano.

Como nortear a nossa nacionalidade no caminho sereno e confiante dos destinos de nossa patria?

Como antepor ás seducções dos agitadores, o povo, si vive divorciado de sua verdadeira soberania, si a patria é figura apagada nas cogitações de suas pugnas sociaes?

Cumpre-nos estudar a psychologia nacional, descobrir o microbio do estado morbido do paiz, á luz da rasão e da experiencia, antes de enflorar programmas e alardiar principios partidarios, que são verdadeiros palliativos, cujos effeitos têm a duração das rosas de Malherbes.

A escola e o lar são os dous centros formadores de nossa nacionalidade.

E' preciso que a escola trabalhe na formação do caracter nacional e o lar seja a força em evidencia a amparar e a robustecer essa missão social.

E' preciso que se comprehenda, uma vez por todas, que a verdadeira missão da es-

cola é educar, formando na creança de nossos dias o homem do futuro.

Nella encontrará a patria a geradora dos seus futuros cidadãos, homens que sejam capazes de corrigir os erros do presente e abrir novos horisontes á marcha triumphal de nossa nacionalidade para a sua perfeição republicana.

Não exigimos que a escola nos forneça cerebros illuminados extraordinariamente na instrucção, antes exigimos que de sua elevada missão social, surjam os operarios conscientes, fortalecidos pelo caracter, formados n'um ambiente de verdadeira moral social, porque a verdadeira educação é a bussola que nos guia com segurança pelos envios oceanos da vida humana.

Temos grandes talentos, extraordinarias cerebrações em todos os departamentos da vida nacional; temos as grandes coragens de civismo e de patriotismo; temos as coragens abnegadas, como recentemente Ribeiro de Barros vem de testemunhar, cor-tando o azul ceruleo de nosso céo, mas, é mister confessar, pouco temos feito pela validade de nosso patriotismo republicano, a pureza de nossas convicções, o caracter nacional.

Não se induza que procuremos por esta forma deprimir de nossos costumes, nem embirmo-nos nas injuncções pessimistas.

Queremos accentuar que o máo estar

que sentimos actualmente em nossa vida nacional, nada mais é do que o resultado de nossa indiferença pelo que diz respeito á nossa patria. E assim se dá, assim se verifica esta apathia doentia, porque a formação do caracter nacional não tem merecido as mais accentuadas atenções de nossas escolas e de nossos lares. Reformas e mais reformas se multiplicam, mas o ponto capital não foi ainda ferido convenientemente.

E' necessario que o menino tenha a idéa objectiva da patria com suas multiplas manifestações. No lar elle recebe os primeiros influxos affectivos da familia, da sociedade em que vive, pois, ahi mesmo teremos a idéa geradora da patria, com os seus encantos, suas disciplinas e suas occupações.

Na escola, o mestre aproveitando essas primeiras noções, conduzirá a creança a observar o mappa, ver a grandeza magestática da patria querida, tomando-lhe todas as pulsações de heroismo de seus filhos, partindo do presente para despertar-lhe as esperanças do futuro. E' nestas condições que o papel de educador corresponde tacitamente á sua missão educadora.

Façamos em nossas escolas o culto ao civismo, na grandeza de nosso povo, fugindo da estafante monotonia das datas e positivando os factos historicos em sua elevação educacional.

O bom exito de qualquer methodo depende principalmente da intelligencia com que é posto em pratica (Spencer).

* * *

O mestre precisa ser um mixto admiravel de maternal carinho e de rigida energia; ter artes de prender, reter as creanças expansivas, amando a liberdade, sem que elles tomem tedio ás horas de lição (Tolstoi).

A escola é o mestre.

* * *

Não basta ao mestre o saber; elle precisa tambem saber ensinar.

* * *

A aquisição de conhecimentos requer tempo e trabalho espontaneo do pensamento e, todo o excesso de esforço, perturba o desenvolvimento das faculdades (Spencer).

Methodologia

VERBOS QUANTO AO SUJEITO

— 4.º anno —

A professora, tocando a sineta, impondo silencio, põe-se de pé e dirige-se aos alumnos que se conservam sentados.

— Meus alumnos, estou com muita vontade de palestrar hoje. E vocês ? Tambem ? Então comecemos.

Devemos sempre procurar para nos conversações coisas interessantes que, além de nos proporcionarem horas agradaveis, deixem em nosso espirito algum beneficio.

Vejam a materia e o ponto da nossa conversa. Sobre que preferem ?

— Português ? Muito bem. Vejo que os amiguinhos gostam de estudar.

Sinto-me deveras alegre. Agora o ponto.

Ah ! desejam que lhes fale do verbo ?

Será feita a vontade de vocês. Não preciso dizer quaes as palavras que são verbos, porque ja lhes expliquei em lições anteriores. Ja são seus conhecidos velhos, não é assim ?

— Perfeitamente.

— Mas, não sabem tudo acêrca da palavra mais importante da linguagem. E' como se diz — a alma da oração.

Não podemos formar sentenças, sem que o senhor verbo não venha representar o papel mais saliente.

Estudemos o verbo em relação ao sujeito.

Jorge vá ao quadro e escreva.

O menino estuda a lição

Sublinhe os verbos desta sentença.

Muito bem. Só encontrou um, o *estudar*.

Agora quero que me diga qual o sujeito do verbo estudar.

— O menino.

— Acertou. Como comprehendeu você,

que o menino é o sujeito ?

Não sabe ? E' assim : conhecido o verbo faremos a este as perguntas — *Quem ?* — tratando-se de pessoas — *Que ?* — de cousas.

Preste atenção. *O menino estuda*. *Estuda* é o verbo ; perguntaremos.

Quem é que estuda ?

A resposta será :

O menino.

Logo o menino é o sujeito. Digo *quem* e não *que* em vista de menino ser pessoa.

Na sentença, — *A chuva molha a terra* — conhecerei o sujeito assim :

O verbo é *molha*, perguntarei, que é que molha a terra ?

Terei como resposta, — *a chuva*.

Está visto que o *chuva* é o sujeito.

Como *chuva* é cousa e não pessoa, emprego *que* e não *quem*.

Sujeito é o ser, pessoa ou cousa, no qual recahe o juizo que formamos.

Vamos ver como podemos chamar o verbo estudar em relação ao sujeito.

Tem o nome de verbo activo. Penso que não sabem a razão. Sabem ?

— Não.

E' pelo seguinte : o sujeito, o menino, é o agente da acção verbal, isto é, faz, pratica a acção.

E' tambem chamado *verbo transitivo* porque a acção transita, passa do sujeito para um outro termo, denominado complemento directo.

Comprehende ? Quer dizer que completa, termina o sentido do verbo.

Directo significa — ligado immediatamente.

Todo o verbo cujo sujeito é o agente da acção, não é pronominal e tem um complemento directo, é um *verbo activo*.

O verbo estudar é um verbo activo porque o sujeito, *menino*, faz a acção e o complemento directo, *lição*, recebe.

Não é sómente activo, o verbo em relação ao sujeito.

Carlos vá ao quadro e escreva.

A lição é estudada pelo menino.

Encontrará você ainda nesta phrase o verbo estudar ?

Encontra, sim.

Empregado da mesma forma ?

— Não.

— Pois bem; ja não se pode dizer que elle é activo. Preste attenção.

— Qual o sujeito ?

— A lição.

— Será elle o agente da acção verbal ?

— Não !

— A lição poderá ser estudada por si mesma ?

— Causa impossivel.

— Então o sujeito não é agente, não faz a acção e sim recebe, supporta ou soffre.

Quando o sujeito recebe a acção e não faz, tem um nome differente, o de *paciente* e o verbo de *passivo*.

Vejam bem : — Todo o verbo que manifesta uma acção recebida, supportada ou soffrida pelo sujeito que neste caso se chama paciente é um *verbo passivo*. Estes dois modos, que têm os verbos para com o sujeito, chamam-se vozes do verbo.

Temos então a voz activa e a voz passiva. Os verbos activos podem tornar-se passivos e estes activos.

Sejam os exemplos.

O fogo derrete os metaes.

O Marechal Deodoro proclamou a Republica. O preguiçoso aborrece o trabalho.

Que me dizem dos verbos destas sentenças. São activos.

Porque ?

— Porque os sujeitos são agentes, fazem a acção. Por conseguinte estão na voz activa.

Mas se forem escriptas assim :

Os metaes são derretidos pelo fogo.

A Republica foi proclamada pelo Marechal Deodoro. O trabalho é aborrecido pelo preguiçoso.

Estarão ainda os verbos na voz activa ?

— Não, senhora. Estão na voz passiva.

— Porque ?

— Porque os sujeitos não são agentes são pacientes, recebem a acção e não a fazem.

— Muito bem. Vejo que comprehenderam.

Vamos estudar como são apassivados os verbos. Não temos em nosso idioma uma forma simples ou synthetica.

Temos os processos seguintes :

Exemplo : — *As arvores foram cortadas pelo lenhador.*

Quantos verbos ha nesta phrase ?

— Dois.

— Perfeitamente.

— Quaes são ?

— Foram e cortadas.

— Este verbo cortar em que tempo se acha ?

— No participio passado.

— Sim, no participio passado variavel ; reparem que é a forma feminina plural.

E o outro verbo ?

— E' o verbo *ser*.

— Tambem no mesmo tempo ?

— Não senhora. Está na 3.^a pessoa do plural do preterito perfeito-simples do indicativo. — Bravos ! Noto que os meus alumnos sabem conjugar os verbos. Eis um dos processos para a passividade dos verbos : — Com qualquer tempo do verbo *ser* e o participio passado variavel do verbo activo.

Vamos ao outro processo.

Seja a phrase : —

Antonio baptisou-se na Igreja do Rosario.

— Estará na voz activa ?

— Não sei.

— Não sabe ?

— Qual o sujeito ?

— Antonio.

— Antonio podia entrar numa igreja e elle mesmo baptisar-se ?

— Não senhora.

— Com certeza foi um padre que o baptisou.

— Perfeitamente.

— Uma vez que elle não podia baptisar-se, não fez a acção, não é agente, é o paciente.

O verbo é activo ou passivo ?

— Agora comprehendí, E' passivo.

— Mas está apassivado o verbo baptisar pelo verbo ser ?

Eu disse Antonio foi baptisado ?

— Não senhora.

— Que será então que está apassivando o verbo baptisar ?

Será o substantivo, Antonio ?

— Não, senhora. O que está apassivando o verbo baptisar é o pronome *se*.

— Acertou. Haverá algum de vocês que saiba como se chama então o pronome *se* quando serve para apassivar os verbos ? Não sabem ? Chama-se particula a passivadora. Quasi sempre é usado este processo quando o sujeito fôr animal ou cousa. Exemplos —

Nas margens dos rios avistam-se multidões de aves e descobrem-se verdejantes collinas.

Encontram-se livros, muito bons, na Casa Ramalho.

Está aqui outro processo da passividade dos verbos. — Com o pronome *se* que tomará então o nome de particula apassivadora.

Terminou a minha lição. Vou agora fazer no quadro negro um questionario afim de ver quem prestou attenção e comprehendeu e quem dará melhores respostas.

A professora formulará no quadro o maior numero possivel de quesitos sobre o que foi ensinado, pedindo muitos exemplos.

Verificará assim, si os alumnos prestaram attenção e si comprehenderam.

Em outra aula continuará a explicar os verbos quanto ao sujeito, entrando os reflexivos, os pronominaes e sua distincção, e os neutros.

Consuelo Barretto.

Do Grupo Escolar "Fernandes Lima".

* * *

CLASSE PRE-ESCOLAR

Exercicio pratico.

O que faz Dirce á hora do "lunch".

1 Ao primeiro toque da sineta, levanta-se da cadeirinha, sem fazer barulho.

2 Guarda os brinquedos na estante.

3 Vae ao lavatorio fazer o asseio das mãos.

4 Volta a sentar-se sem arrastar a cadeira e sem tropeçar nos moveis.

5 Espera o segundo toque da sineta para cantar a canção da hora do lunch.

6 Canta sem esforço e com muito compasso.

7 Levanta-se com todo cuidado e vae á cestinha tirar a merenda.

8 Não traz o lunch em papel de jornal nem em papel de côres.

9 Desdobra seu guardanapo bem limpo e engommado, estende na mesa e sobre elle colloca a merenda.

10 Serve-se com todo o cuidado.

11 Não deixa cahir migalhas no chão.

12 Logo que termina o lunch, segura pelas pontas o guardanapo cheio de migalhas e vae deital-as no balde do lixo.

13 Lava novamente as mãos e enxuga-as com todo o cuidado.

14 Dobra direitinho o guardanapo e guarda-o na cestinha.

15 Passa o espanadorzinho na mesa e arruma as cadeirinhas.

Dirce é uma bôa menina e por isto a professora a elogia todos os dias.

Maria Ambrozzio.

Do Grupo escolar Modelo "D. Pedro II".

NOÇÕES SOBRE QUADRILATEROS

— 3.º anno —

A professora terá á mão cartõesinhos de tamanhos e fórmulas diferentes, taboinhas diversas, cadernos, etc.

P. — Meus alumnos, desejo falar-lhes hoje sobre as fórmulas dos objetos presentes. Querem conhecê-las ?

(Os alumnos estendem a mão direita e com o dorso da mesma voltada para si, erguem-na, dando assim o signal affirmativo da classe).

P. — Pois bem. Recommendo muita attenção ! Que objectos (mostrando-os) são estes, José ?

A. — Cartões, taboinhas e cadernos.

P. — Com certeza vocês sabem distinguil-os pelos tamanho. (Verificando) Manoel, venha separar o maior dos cartõesinhos e a menor das taboinhas.

(O alumno faz a separação exacta).

P. — Qual de vocês sabe reconhecê-l-os pela fórmula ?

A. — (?)

P. — Vejo que ninguem sabe e tenho muito prazer em ensinar. Como denominamos, Antonio, as bordas ou contornos (mostrando) de uma corpo, uma taboinha, por exemplo ?

A. — Denominamos lados.

P. — Sim, lados. E os contornos do cartõesinho, do caderno, são tambem lados. João ?

A. — São, sim, senhora.

P. — Quantos lados apresenta cada um destes objectos (aponta-os) ?

A. — Apresenta quatro.

P. — Muito bem. Naccôr, por que nome são conhecidos os cantos de um objecto, como vemos aqui, os quaes resultam do encontro de duas linhas ou lados ?

A. — São angulos.

P. — Quantos angulos ha em cada objecto presente ?

A. — Ha quatro angulos.

P. — Perfeitamente. Vejo que meus alumnos se recordam bem das nossas lições anteriores de geometria. Quem é capaz de traçar no quadro-negro, uma figura parecida com algum dos objectos á vista ?

A. — Eu traço.

P. — Muto bem, Moacyr; inicie o seu trabalho.

(O alumno faz um modelo da taboinha quadrada).

P. — Bonito, Moacyr ! Vejo que sabe desenhar !

A. — Eu tambem quero desenhar outra.

P. — Pois não, Murillo. Gosto muito de aproveitar a bôa vontade dos meninos. Desenhe este cartõesinho (dá-lhe um de fórmula rectangular).

A. — (Depois de executar o trabalho). Prompto !

P. — O seu desenho tambem me agrada.

Agora irei denominar as duas figuras traçadas no quadro por Moacyr e Murillo. Quem sabe ?

A. — (?)

P. — Primeiramente devemos verificar em cada figura, o numero de lados e de angulos de que é formada. Luiz, conte-os e depois responda.

A. — Tem quatro lados e quatro angulos.

P. — Bem. Vou dar o nome da figura formada por quatro lados e por quatro angulos : Quadrilatero ou quadrangulo. O vocabulo quadrilatero é composto do prefixo (escrevendo) quadri (de *quatuor*, quatro, do latim) e latero (*latus*, lado, do latim) ; quadrilatero quer dizer quatro lados.

O mesmo se dá com a palavra quadrangulo formado do mesmo prefixo e da palavra angulo (*angulos*) do latim, canto, angulo) significando portanto quatro angulos. Ponha no alto dessas figuras, José, os seus nomes, para que fiquem bem gravados na memoria de todos.

(O alumno escreve).

P. — Porque chamamos quadrilatero ou quadrangulo aquellas figuras, João ?

A. — Porque têm quatro lados e quatro angulos.

P. — Lambert, eis aqui um caderno, cujos lados e angulos respectivamente, são quatro. Qual é, pois, sua fórmula ?

A. — E' a de um quadrilatero.

P. — Ou...

A. — Quadrangulo.

P. — Que quer dizer a palavra quadrilatero, Antonio ?

P. — E a palavra quadrangulo, Luiz ?

A. — Quer dizer quatro lados.

A. — Quatro angulos.

P. — Milton, dê exemplo de um objecto que tenha a fórmula de quadrilatero.

A. — O livro.

P. — Outros mais.

A. — O mappa, a ardosia...

P. — Basta. O quadrilatero, meus filhos, conforme a disposição dos seus lados e angulos, toma differentes nomes. Querem conhecer alguns quadrilateros desta espécie e os seus nomes ?

(Os alumnos dão o signal affirmativo de classe.)

P. — Muito me satisfaz o interesse que vccês vêm demonstrando em minha lição. Empunhando uma taboinha quadrada. Servirino, examine os lados desta taboinha e diga-me se tem lados maiores ou menores.

A. — Não, senhora; os lados são todos do mesmo tamanho.

P. — Sim. Os lados são eguaes entre si. Fale-me agora dos angulos; como são elles ?

A. — São todos rectos.

P. — (Erguendo um caderno). E neste caderno, Sergio, como são os seus lados e angulos ?

A. — (Depois de observar respondeu). Dois dos seus lados são curtos e dois são compridos e os angulos são rectos.

P. — Muito bem. Quaes os lados curtos:

são os oppostos, isto é, do lado contrario ou os consecutivos ?

A. — São os oppostos.

P. — (Apresentando a taboinha e o caderno). Posso dizer, Jacques que a taboinha e o caderno tem a mesma fórmula ?

A. — Não senhora.

A. — Porque ?

A. — (Com difficuldade). Porque...

P. — Quem quer auxiliar ao Jacques ? (Os alumnos fazem o signal affirmativo).

P. — Polycarpo, auxilie.

A. — (Empunhando a taboinha e depois o caderno). A taboinha tem os lados eguaes entre si e o caderno sómente os oppostos são eguaes.

P. — Perfeitamente. Noto que Polycarpo é attencioso e comprehende bem as minhas explicações. E, como Polycarpo, vejo outros alumnos tambem attentos á minha lição, o que muito me satisfaz. Prosigamos o nosso estudo. Passemos agora a observar as duas figuras do quadro. São ellas eguaes ou differentes, Osman ?

A. — São differentes.

P. — Então diga porque differe uma da outra.

A. — A figura traçada por Moacyr tem os lados eguaes e a outra, dois dos seus lados são alongados.

P. — Ha tambem differença nos angulos de ambas as figuras ?

A. — Não, senhora, porque são todos rectos.

P. — Bem. Já viram vccês que a 1.^a figura (indicando o quadrado) é formada por quatro lados eguaes entre si e por quatro angulos rectos. Vou pois denominal-a: quadrilatero quadrado ou simplesmente quadrado. Comprehenderam ?

(Os alumnos dão o signal affirmativo).

P. — Vamos ver quem aproveitou a explicação. Diga Milton como chamamos a figura que tem os lados eguaes entre si e todos os angulos rectos ?

A. — Quadrilatero quadrado.

P. — Que é um quadrilatero quadrado, Alfredo ?

A. — E' a figura de quatro lados eguaes e angulos rectos.

P. — Quem quer traçar um quadrado ? (Todos os alumnos respondem affirmativamente por meio do signal de classe).

P. — Bem; vejo que todos sabem traçar o quadrado. Agora irão conhecer o nome do quadrilatero que Murillo traçou. Se ainda estão dispostos a ouvir-me, prolongarei a lição e no caso contrario deixal-a-ei para amanhã. Que dizem ?

(Os alumnos pedem a continuação).

P. — Recommendo agora muita attenção porque vou dar nome á figura de Murillo. (Escreve no quadro). Quadrilatero rectangulo. Chamamos rectangulo a figura formada por quatro angulos rectos e lados oppostos eguaes. Qual o nome por que denominei a figura de lados oppostos eguaes.

P. — E os angulos ?

A. — São todos rectos.

P. — Exemplo de um objecto de forma rectangular, Jayme ?

A. — A ardosia, a porta.

P. — Muito bem. Estou satisfeita com o resultado obtido nas nossas lições de hoje. Vou registrar na caderneta, a nota optima que costumo prometter aos meus alumnos applicados.

Augusta Zanotti Calheiros.

Do Grupo Escolar "Fernandes Lima".

UMA LIÇÃO DE LINGUAGEM

(1.º anno)

Adjectivo qualificativo

(A professora traça no quadro negro o esboço de uma casa assobradada).

Professora. — Olhem para este quadro negro e digam-me o que eu desenhei nelle.

Alumna. — Uma casa assobradada.

P. — Sim... Sabem vocês para que servem as casas ?

A. — Para a gente morar nellas.

P. — E' isto mesmo, as casas servem para morarmos nellas. Todas as pessoas moram em uma casa só ?

A. — Não, senhora, em cada casa moram sómente as pessoas de uma familia.

A. — De quem será essa casa ?

P. — Vou satisfazer sua natural curiosidade, d'zendo-lhe quem mora nessa casa: - a familia de Jeannette, a bôa colleguiha que ha dias está doente. Aproveitemos a occasião e vamos visital-a.

A. — A casa é assoalhada e eu não vejo escada. Por onde subiremos ?

P. — E' exacto, não vemos escada, mas eu vou desenhá-la. (Traça no quadro negro uma escada ao lado da casa.) Agora vocês vêm que para chegarmos á casa de Jeannette precisamos subir uma escada de nove degráus.

Vocês estão achando a escada muito alta ? Po's temos um meio de subil-a sem esforço. Em cada degráu descansaremos, escrevendo uma palavra que descreva a casa de Jeannette, que mostre as qualidades que ella possa ter e, assim, a escada que nos parece tão longa tornar-se-á mais curta. Vamos começar. Nair, repare bem a casa de Jeannette e diga uma qualidade della.

A. — Bonita !

P. — Muito bem ! A casa é bonita ! Escreva esta palavra no primeiro degráu.

A. — Prompto !

P. — Rosa que outra palavra nos diz como é a casa ?

A. — Alta.

P. — Sim... Vamos escrever esta palavra no segundo degráu.

Helena, diga-me outra palavra que nos conte como a casa póde ser.

A. — Grande.

P. — Perfeitamente. Escreva a palavra *grande* no terceiro degráu. Dinah, diga como você acha essa casa ?

A. — Acho que ella é nova.

P. — Bem. Você escreva esta palavra no quarto degráu.

Outra qualidade da casa, Elza ?

A. — Clara.

P. — Sim. Ainda faltam quatro degráus, falle você Aydeth,

A. — A casa parece confortavel.

P. — Diga outra qualidade, Ilza.

A. — Larga.

P. — Só faltam dois degráus. Berenice e Doracy querem fallar, não é ?

A. — Ventilada.

A. — Commoda.

P. — Porque acha você, Berenice que a casa é ventilada ?

A. — Porque tem muitas janellas.

P. — Muito bem. Já subimos toda a escada, estamos no ultimo degráu.

A. — E a casa é bem alegre !

P. — Alegre ! E' mais uma qualidade. (apontando as palavras escriptas nos degráus) Leia Carmen, as palavras que descrevem, que nos contam como é a casa de Jeannette.

A. — (Lendo) Bonita, alta, grande, larga, ventilada, commoda e... alegre.

P. — E se a casa não fosse bonita, como seria ?

A. — Seria feia.

P. — Eis ahi outra qualidade que a casa póde ter. E se não fosse alta ?

A. — Havia de ser baixa.

P. — Perfeitamente. E não sendo grande ?

A. — Seria pequena.

(Continua o exercicio com os outros adjectivos qualificativos).

P. — Pois bem, minhas filhas, todas essas palavras (aponta as palavras escriptas no quadro negro) que nos dizem como é a casa de Jeannette e todas essas outras que nos mostram como póde ella ser, são *adje-*

ctivos qualificativos, isto é, são palavras que nos contam as qualidades das pessôas e das cousas.

Vejamos se comprehenderam bem.

A. — Comprehendemos.

P. — Vejamos. Eu vou escrever. (Escreve sentenças em que entrem qualificativos ja conhecidos das alumnas.)

A casa de Jeannette é alta e bonita.

Minha casa é pequena e escura.

Na primeira sentença, Eunice, que palavras vê você que mostrem qualidades ?

A. — Alta e bonita.

P. — E na segunda sentença, Dolores ?

A. — Pequena e escura.

P. — Justamente. Como se chamam as palavras que mostram as qualidades das pessôas ou das cousas ?

A. — As palavras que nos dizem as qualidades que as cousas ou pessôas podem ter, chamam-se *adjectivos* qualificativos.

A. — As palavras — alta, bonita, pequena e escura, são adjectivos qualificativos, professora ?

P. — Exactamente.

A. — Ellas mostram as qualidades da casa, não é ?

... — E' isto mesmo. Vejo que comprehenderam. Mas agora reparo que nos demorámos tanto em observar a casa de Jeannette, que está muito tarde para v'sital-a.

Deixemos, pois, a visita para amanhã e vamos brincar um pouco.

O nosso brinquedo de hoje será — o *adjectivo qualificativo*.

Eu designo uma de vocês e digo o nome de um objecto.

A alumna, designada por mim dará a esse nome tres qualidades, emquanto eu conto até nove. Se não disser as tres qualidades, sahirá do jogo. Aquella que disser uma qualidade já mencionada, sahirá tambem.

A. — Prompto ! Que bom !

P. — Vamos.

Grupo Escolar Modelo "D" Pedro II
em Maceió, 1 de junho de 1927.

Ritta de S. José Brennand'.

Professora,

* * *

A TERRA ARAVEL

(Plano de aula em escola rural)

Preparação material

A professora terá á mão : pedras, cascalhos, areia da praia e do rio, barro, torrões de terra de diversos tamanhos, etc., que serão a preparação material da lição.

Preparação mental

A nossa lição de hoje será sobre a terra, que tambem se chama solo, a terra sobre a qual trabalhamos, plantando as sementes, que nos dão os alimentos mais necessarios á vida.

A terra que pisamos não foi sempre como a vemos. Nos seus primeiros dias, a parte que não era coberta pela agua, era quasi toda de pedra, rochedos enormes sobre os quaes a vida das plantas e dos animaes era impossivel. O calor da propria terra e o calor do sol foram abrindo nas rochas as primeiras fendas, por onde as aguas das chuvas se foram infiltrando alargando as aberturas. Ao mesmo tempo o calor e o frio iam roendo as pedras, destruindo-as, pouco a pouco.

Vocês já viram como aquelle pó amarello, que é a ferrugem, gasta a enxada, que o lavrador atira ao monturo, ou o homem preguiçoso deixa em abandono por muito tempo ? A ferrugem vae, sem que ninguem veja, gastando o ferro, reduzindo-o a poeira. Assim era a acção do calor e do frio sobre as pedras enormes que formavam a superficie da Terra. Depois essa destruição foi augmentada pelo correr sem fim das aguas dos rios ; pela acção dos raios caidos nas grandes tempestades, que

eram frequentes ; pelas erupções dos vulcões, derretendo as rochas e atirando-as a grandes distancias ; pelos terremotos sacudindo tudo, desgregando tudo, abatendo penedos collossaes. E, assim, as pedras, se iam gastando, quebrando-se, pulverizando-se. Pelas fendas nasceram as primeiras plantas, plantinhas rasteiras e humildes, cujas raizes, penetrando nas rachaduras, augmentavam as fendas. Vieram plantas maiores, depois desse trabalho modesto das algas e dos musgos.

Todos esses elementos de destruição do solo bruto doutro tempo formaram o pedregulho, o cascalho, a areia, e o barro, que aqui estão. E pedregulho, areia, cascalho e barro, misturando-se, formaram as diferentes qualidades de terra, que o lavrador trabalha.

As constantes revoluções da terra, fazendo rolar do alto as grandes pedras, esmagavam as plantas, esmagavam os animaes, que já viviam nas mattas. E as arvores esmagadas, e os animaes mortos, apodreciam sobre a terra, formando uma camada superficial da terra escura, que se chama *humus* e é indispensavel á vida das plantas.

E para que o homem podesse trabalhar a terra foram precisos milhares de annos de uma guerra tremenda dos elementos da natureza, guerra que ainda não terminou, nem termina nunca.

As terras em que os lavradores cultivam o milho, a canna, o feijão, o arroz, o café chamam-se *terra aravel*, isto é, terra que póde ser trabalhada com o arado. Essa terra compõe-se de quatro partes : *silica*, a que chamamos areia ; *argilla*, a que damos o nome de barro ; *calcareo*, que é a pedra contendo cal, e *humus*, que é a camada escura que se encontra á flôr do solo. Cada uma dessas partes, por si só, nada produz, nella não nasce o milho, o feijão, a canna, a mandioca. Para que a terra seja boa é preciso que entre na sua

composição de 50 a 70 partes de areia, 20 a 30 partes de argilla, 5 a 10 partes de calcareo, 5 a 10 partes de humus. Infelizmente nem todas as terras podem ser formadas assim e é por isso que ha terras boas e terras más, que o lavrador precisa conhecer para não perder a semente, para não perder o seu tempo e o seu trabalho.

A terra, pois, ficou feita de pedacinhos, de grãosinhos, separados por pequenos buracos, atravez dos quaes circula a agua e o ar. A terra que não tiver esses buraquinhos não serve para plantação alguma, porque faltará a planta o ar e a agua, de que ella precisa para viver, que são o seu alimento. As terras de areia, misturadas com barro, formando torrões facilmente quebraveis com a propria enxada, são terras boas; mas as terras barrentas, terras duras, cujos granulos não são separados, não são boas.

A esses buraquinhos, da grossura de um cabelo, dão-se os nomes de *Espaços capillares, capillares do solo, poros*.

Tem agora vocês uma noção da terra que cultivamos e sobre a qual crescem os canaviaes.

Vamos ver o que aprenderam dessa lição.

(A professora faz a revisão da lição, interrogando os alumnos, afim de verificar o aproveitamento, dirigindo-se, de preferenc'ia, aos alumnos mais morosos na assimilação, repetindo a explicação as vezes que bastem á comprehensão da maioria da classe.)

Inducção

Examinemos agora a areia, ou salica, uma das partes componentes da terra aravel. Aqui está esta, que é do rio e est'outra que é da beira do mar. Como veem uma, a do mar, tem os granulos menores, a outra, a do rio, muito maiores. Vou escrever o nome que se dá a areia para que não esqueçam (silica).

— Observem agora essas duas qualidades de barro, que tambem se chama *argila*

(escreve no quadro negro); com este faz-se o tijollo e com este a telha, a panella, os vasos para flôres e muitas outras coisas. A industria que utiliza a argila sabem que nome tem? Vou lhes dizer — *Ceramica*.

— Temos aqui o *calcareo*, que é uma das partes componentes das terras boas. E aqui está o *humus*, o adubo, o esterco, que as plantas não despendam.

— Tomem a silica e a argilla. Que differença notam?

— Examinem agora o calcareo e o humus e digam a differença que existe entre os dois.

— Façamos um pouco de terra aravel, misturando os quatro elementos. Quantas partes de areia deve conter uma boa terra aravel? Quantas de barro? Quantas de calcareo? Quantas de humus? Misturemos, proporcionalmente, esses quatro elementos. Prompto. Eis ahi uma boa terra para as sementes.

Demonstração pratica

— Se vocês quizerem poderemos ir ao quintal para uma demonstração mais pratica da nossa lição. Eu estou com vontade e vocês?

— Muito bem; então vamos.

— Aqui está este buraco, que mandei fazer hoje pela manhã. Esta parte de cima, mais escura é a que chamamos humus; quanto mais profunda é esta camada, melhor é a terra. Chama-se a isto *gordura*, e é por isso que se diz que é *magra* a terra que tem pouco humus, e é *gorda* a que tem uma camada espessa e funda. Quando a terra tem pouco humus é preciso adubal-a, engordal-a, por meio de adubos chimicos... Mas isso será para outra lição. Esta terra que aqui está é gorda ou magra?

— Muito bem, é o que se póde chamar uma terra gorda, porque tem humus em abundancia. Terra para produzir muito. E toda ella é assim na sua maioria. Está

porém, sem cultura. Veem, ao redor daqui ninguém plantou nada ! E' terra perdida. E quem abandona assim a terra hade viver sempre pobre. Vamos aproveitar este buraco, plantando nelle esta mangueira. Vocês verão que daqui ha dois annos ella dará sombra e dará fructo. E fará muito mais, fará coisa muito mais importante. As folhas desta mangueira vão fabricar oxigenio, vão destruir o acido carbonico, e sem o oxigenio, que as folhas das arvores

fabricam, a vida do homem, a vida de todos animaes seria impossivel.

Vocês ficam de hoje em diante encarregados de cuidar dessa mangueira. Na proxima lição tratarei do sub-solo.

CRAVEIRO COSTA.

(Adaptação das explicações do dr. Dias Martins no seu bello livro *A B C do Agricultor*.

A PHILOSOPHIA DO MILHO

O lavrador veio de enxada ao hombro e arroteou a terra. Sol posto voltou á cabana, alegre por ter vivido bem aquelle dia de vida que findara.

Dormiu, sonhou, foi feliz.

No dia seguinte voltou, não mais para l'mpar a terra fresca e acolhedora, mas para entregar-lhe o grão de milho que lhe destinara.

Cavou aqui e ali e foi deixando onde cavou a semente obscura.

Recebeu-a bem a terra, a cujo carinho rapidamente germinou.

Dois ou tres dias depois ja apparecia ella á face do solo, verde, cheia de viço e de ansia de crescer.

E foi crescendo e subindo e caminhando para o alto.

Os olhos que a viam hoje e a vinham ver cinco dias depois ja a encontravam mais alta, mais fórte, mais vigorosa.

E a planta crescia, subia, ia para cima. Depois lhe veio o pendão e a espiga, brotou e, tres mezes decorridos, ja a espiga aguardava a colheita.

A epoca da colheita chegou.

Apanhadas as espigas, aqui e ali, ellas todas, o milharal começou sentir a inutilidade de viver sem para nada servir e

foi definhando, murchando, morrendo por fim . . .

Ah ! se agente fosse tambem assim e percebesse a propria desvalia e sentisse que só deve viver quem tem a felicidade de produzir !

O milho — attingida a sua finalidade, terminada a sua missão — definha, morre, desaparece, sem que nada consiga impedir-lhe a marcha para o proprio anniquilamento.

Deixou de ser util, deixou de produzir, cumpriu a sua missão na terra ?

Póde resolutamente desaparecer.

Ah ! se os homens fossem assim, se os homens podessem ser assim, se os homens quizessem ser assim ! . . .

LIMA JUNIOR.

“A escrita é uma especie de desenho linear especial que constitúe uma brincadeira para a criança desde que os seus olhos e as suas mãos estejam convenientemente exercitados”. (Pestalozzi).

* * *

“A criança não quer nenhum intermedio entre si e a Natureza.” (Pestalozzi).

* * *

“Deixae sorrir a criança. A alegria é um dom de Deus”. (Pestalozzi).

Educação cívica

A PROCLAMAÇÃO

Passara Deodoro muito mal aquella noite de apprehensões patrióticas. Parecia que a dyspnéa ia pôr termo, horas antes da Republica, áquella vida gloriosa e abnegada. E tão mal a todos se afigurava o estado do enfermo, que Benjamin Constant appellara para o patriotismo de Floriano afim de que, em ultima emergencia, assumisse o commando das tropas que se iam reunir.

Mas ao amanhecer, quando alguns officaes foram á residencia do general comunicar que as forças se estavam concentrando, já Deodoro, dominando a enormidade de seus soffrimentos physicos, havia partido, e, momentos depois, apresentava-se, a cavallo, diante das unidades do exercito sublevadas, assumindo-lhes o commando, determinando-lhes as posições e, alli mesmo, certificando-se da efficacia militar da revolta e da sinceridade de algumas adhesões de ultima hora.

Deodoro ia decidir os destinos do Brasil.

Toda a força que formava ao lado externo do Quartel General e arredores obedecia cegamente á vontade do general, inclusive a 2.^a Brigada, commandada por Almeida Barreto, na qual o ministerio concentrara a sua defeza. Barreto, até então, malquistado com Deodoro, reconciliara-se, estendendo-lhe a mão.

No grande pateo do Quartel General, porém, havia ainda, duvidosa, vacillante na sua adhesão, toda uma divisão do Exercito. Para aquella tropa voltavam-se as preocupações das forças revoltosas e dos milhares de civis que alli estavam, fraternizando com Deodoro. Apparecesse um ge-

neral prestigioso e audaz e teria corrido abundantemente o sangue brasileiro naquella manhã de 15 de Novembro e, talvez, a sorte das armas tivesse assegurado o throno imperial.

O ministerio reunido confabulava no interior do Quartel General. Ouro Preto dava ordens aos chefes militares, invocando a cada momento o cumprimento do dever de soldado. Uma dessas ordens, dada a Floriano, fôra no sentido de se apoderarem da artilharia postada diante do Quartel General, pois, em peiores condições, as nossas forças, no Paraguay, haviam obra-do façanha semelhante, com victoria, dissera o chefe do governo a Floriano.

— Mas, sr. Visconde, disse-lhe Floriano, lá nós tinhamos em frente inimigos estrangeiros e aqui somos todos brasileiros.

O commandante de que a tropa vacillante precisava seria, talvez, o almirante Barão de Ladario, ministro da Marinha. Eil-o que chega, num carro, escoltado por um piquete de cavallaria.

— Prendam o Ladario ! bradou, energico, Deodoro.

O almirante não vacillou um minuto. Salta do carro, saca da sua pistola e dispara-a sobre Deodoro. Errara, felizmente, o alvo. A bala apenas chamuscou uma das orelhas do general. Houve uma descarga e Ladario cahiu banhado em sangue...

Deodoro resolve, de impeto, penetrar no pateo do Quartel General. Era o acto decisivo daquelle momento historico. No interior, uma divisão do Exercito formava em quadrilatero. O general mandou abrir o grande portão de ferro, que se escanca-

rou e, a cavallo, com o olhar chammajante, heroico, alçou a espada e bradou :

— Apresentar armas !

Toda a tropa obedeceu, rendendo a sua homenagem militar ao grande soldado. As musicas tocaram o hymno nacional, enquanto, fóra, a massa popular victoriava Deodoro e acclamava a Republica.

Estava, desde aquelle momento, por terra a monarchia brasileira.



NÃO TENHO CANDIDATOS

Agitara-se a politica republicana, por occasião do primeiro pleito presidencial, em 1891. Formaram-se duas correntes antagonicas — uma em favor da candidatura civil, outra aferrada á necessidade da permanencia de um chefe militar á frente do governo. Estes, naturalmente, naquella hora em que a Republica ainda se não firmara em seus fundamentos constitucionaes, eram por Deodoro; aquelles levantaram a candidatura de Prudente de Moraes.

Deodoro, sem predileção pela politica, alheiará-se daquella luta, concentrando-se no seu patriotismo, disposto a acatar á soberania da Nação, que se ia manifestar pela voz autorizada do Congresso Nacional.

Os elementos militares acolheram a candidatura do illustre Prudente de Moraes como um desafio ás classes armadas, que haviam feito a Republica, e uma ingratição ao soldado glorioso que chefiara o movimento republicano em 15 de novembro.

Anuviavam-se os horisontes e dizia-se francamente que as classes militares só acceitavam um presidente — Deodoro.

Deodoro não falara — sobre o assumpto, deixando ao Congresso inteira liberdade para pronunciar-se.

A 6 de fevereiro, ás vespéras do grande pleito, Pedro Paulino, então senador por

Alagôas, quiz saber a opinião de Deodoro e dirigiu-lhe a seguinte carta :

“DEODORO. Approxima-se a eleição do chefe e vice-chefe do estado. Estamos em duvida sobre a escolha do ultimo. Preciso que digas com franqueza o que tens resolvido a respeito. Responde-me. Teu mano — *Pedro.*”

No dia seguinte, Pedro Paulino recebia esta carta, que, na simplicidade de suas linhas, define a integridade moral do homem que fizera a Republica.

“Não tenho nem devo ter candidato a cousa alguma no Congresso : eleja elle á sua livre vontade o presidente e vice-presidente da Republica. Teu mano — *Deodoro.*”

Parece um documento exhumado dos tempos heroicos da Grecia !

Deodoro, dictador, chefe indiscutido da Nação, amparado solidamente ás forças armadas, não tinha candidatos : o Congresso que escolhesse livremente ! E elle acataria a escolha. Comprehendia aquelle character formado na rudeza dos combates que acima do seu immenso poder havia um poder maior — o da Nação, que se ia manifestar solemnemente.



O DERRADEIRO ESCRAVO DO BRASIL

Habitado á sinceridade, Deodoro não suspeitava dos homens. Educado nos quartéis e formado o seu character por entre a fumarada dos canhoneios, certo o seu espirito não se preparara para o posto que lhe destinara a revolução triumphante. E talvez o seu grande erro fosse acceitar a chefia do governo provisorio.

Depois de eleito presidente da Republica, os politicos que lhe disputaram a posição congregaram-se e formaram ao seu governo grande opposição, no Congresso. O chefe do gabinete, Barão de Lucena, não

soubes ou não quiz conter os impulsos do character autoritario do generalissimo. Entre Deodoro e o Congresso cavou-se um abysmo.

Num impeto, proprio do seu temperamento, aquelle impulso que o fez penetrar no pateo do Quartel General, na manhã da Republica, decidindo uma situação difficil, fel-o dissolver o Congresso.

Estava-se a 3 de novembro de 1891. O paiz estremeceu, abalado profundamente no seu regimen constitucional. Mesmo nas classes armadas a attitude de Deodoro causara desgosto, o que veio avolumar a onda que lhe hostilisava o governo.

Dias depois, a 23 de novembro, fazia-se a reacção legal. Elementos militares, principalmente da Marinha, tendo á frente o almirante Custodio José de Mello, intimaram o presidente a renunciar o seu mandato.

Não estava Deodoro ao desamparo de elementos poderosissimos para conter a sedição. Mas o velho soldado fartara-se do poder a que as contingencias politicas o haviam acorrentado. A presidencia tornara-se para elle uma cruz pesadissima, muito mais pesada do que os seus soffrimentos physicos, a sua avançada idade e as responsabilidades que juntara, proclamando a Republica, á sua immensa gloria militar.

Aconselharam-no a que resistisse. Eram-lhe fieis as fortalezas, os governadores dos Estados, excepção unica do Pará, as tropas do Rio e as que estavam em varios pontos do paiz. Resistisse e a revolta seria, dentro em pouco tempo suffocada.

Não quiz.

“Não queria derramar o sangue brasileiro. Acima da sua situação de presidente estavam os interesses do Brasil”.

E mandou lavrar o decreto de renuncia. Quando lh'o trouxeram á assignatura, molhou tranquillamente a penna e quedou-se um momento meditativo e commovido. Um silencio de morte pairava no salão. Olhou

sereno a assistencia e, desatando-se-lhe os labios num sorriso de felicidade, disse : — *Assigno a carta de alforria do derradeiro escravo do Brasil.*

Assignou e libertou-se.

CRAVEIRO COSTA.

* * *

EVITO-A, COMO PATRIOTA

Injustiças praticadas pelo governo e perseguições a militares distinctos irritaram o Marechal Deodoro da Fonseca contra os ministros. Temendo o seu grande prestigio nas classes armadas, o barão de Cotequipe, presidente do Conselho de Ministros, escreveu-lhe, tentando suborna-lo com o titulo de visconde, a cadeira de senador e dinheiro. Deodoro, porém, altivamente, repelliu o insulto de taes offerecimentos, respondendo :

— “A minha resposta é que as cadeiras do Senado devem ser offerecidas aos politicos e aos que se julgarem aptos para serem legisladores; e que, quanto aos titulos nobiliarchicos, eu me contentarei com a fidalguia de sentimentos. Quero ser simples soldado e, portanto, recuso uma e outra cousa, preferindo, antes de tudo, ficar ao lado dos meus irmãos de armas.”

Acceitou unicamente o dinheiro correspondente ao seu soldo, dizendo ao thesoureiro que lhe queria pagar, por ordem do governo, uma quantia exaggerada.

— “Minha familia sou eu e minha mulher. Basta-nos o meu soldo.”

Ao imperador escreveu :

— “Attendei, Senhor ! O que os militares pedem é tão pouco : o reparo de uma injustiça que os affronta e vilipendia...

— Vosso Ministerio vos atraição, pelo menos nesta causa. A causa é muito séria, Senhor ! Tem exasperado o Exercito e o provoca á reacção... — Mas, Senhor, a ser negada justiça, terei vergonha da farda

que visto, eu que me orgulho de pertencer ao Exército, e nesse caso será uma verdadeira graça minha exoneração do serviço”.

Tudo foi em vão. O Ministerio não ouviu a voz do Exército. E Deodoro proclamou a Republica, em 15 de Novembro de 1889. Foi chefe do Governo Provisorio até o dia 24 de Fevereiro de 1891. Nesta data foi eleito presidente da Republica. Encontrando opposição no Congresso, e mal aconselhado, dissolveu-o no dia 3 de Novembro de 1891, recebendo adhesões de todos os Estados, com excepção do Pará. Mas, em 23 do mesmo mês, a Esquadra, sob a chefia de Custodio de Mello, intimou-o a resignar o mandato de presidente. Poderia resistir e debellar a revolta, como fez mais tarde Floriano, porém querendo evitar a calamidade de uma guerra civil, entregou o poder ao vice-presidente. E na occasião em que assignava o manifesto á nação, um ministro lhe disse :

— “Marechal, com as tropas e as fortalezas do Rio e o apoio dos governadores em pouco tempo a revolta será esmagada. Por que não resiste ?”

— “Porque acima de minha vaidade e da presidencia, colloco os interesses sagrados do meu paiz. Agora, a guerra civil póde ser a morte da Republica ou o desmembramento da Patria. Evito-a como patriota”.

E evitou-a.

Nessa questão militar que determinou a proclamação da Republica, o glorioso exercito brasileiro repelliu a affronta do Ministerio que tentava esmagalo. D. Pedro, velho e doente, não se achava ao par dos acontecimentos, pois os ministros não lhe diziam exactamente o que havia. O exercito não odiava o Imperador, que era a incarnação viva da patria Brasileira. Porém, não podia supportar, como de facto não supportou, a affronta de Ministros violentos e auctoritarios.

“A BALA . . .”

O que a esquadra fez a Deodoro em 23 de Novembro de 1891, fez a Floriano Peixoto em 6 de Setembro de 1893. Porém, Floriano resistiu. E venceu, chegando ao fim de seu governo em 15 de Novembro de 1894.

Logo no principio da revolta, certa nação estrangeira, muito poderosa, parecia ser sympathica aos revoltosos. Na Bahia de Guanabara estavam dois navios desse paiz. Um dia, o commandante de um desses navios acompanhado do respectivo consul, procurou o Marechal no palacio do Itamaraty. Disse-lhe que não confiava nas providencias do Governo, que os seus patricios precisavam ser garantidos em sua vida e em sua propriedade e que por isso a marinhagem ia desembarcar. Mas antes de dar as necessarias providencias, desejava saber como o Governo receberia os marinheiros de sua nação. Floriano levantou-se, como si fosse movido por um choque electrico. Aquella pergunta era um insulto á patria, ao brio e a honra dos brasileiros.

— “Sr. Marechal, como receberá os nossos marinheiros ?”

O Marechal, olhando indignado o atrevido estrangeiro, deu dois passos para a frente, e respondeu seccamente :

— “A bala . . .”

Os dois estrangeiros cumprimentaram o Marechal e sahiram. Mal tinham sahido, Floriano chamou um dos seus officiaes ajudantes e por elle mandou uma ordem escripta ao commandante das tropas que defendiam os pontos de desembarque : “varrer com metralha a marinhagem estrangeira que desembarcasse”. Depois, elle proprio foi dar providencias, distribuindo tropas pelo littoral e inspeccionando as obras de defesa da cidade. Esperou os acontecimentos.

Os estrangeiros não desembarcaram...

FOI UM DEVER, SIMPLEMENTE

Em 15 de Novembro de 1894, Prudente de Moraes subiu ao poder, governando a Republica até 15 de Novembro de 1898. Porém, teve que lutar muito. A Guerra de Canudos explodira nos sertões da Bahia. O Exercito luctou e venceu. Voltaria no dia 5 de Novembro. O presidente resolveu ir recebe-lo no Arsenal de Guerra. Era publico e notorio que havia uma grande conspiração e que se pretendia matar o dr. Prudente de Moraes. Seus amigos, seus parentes e os proprios ministros achavam que elle não deveria ir, porque graves acontecimentos eram esperados no desembarque das tropas. Mas a todos os conselhos respondia Prudente de Moraes.

— “Eu vou. Chegam os soldados de Canudos, que arriscaram a sua vida na defesa da legalidade. O presidente da Republica deve ser o primeiro a dar-lhes bôa-vinda. Eu sou o presidente”.

E foi.

Lá, repentinamente, surge um soldado, Marcellino Bispo, que alveja Prudente de Moraes com uma grande garrucha. Tendo

a arma negado fogo, saca da blusa um punhal. O presidente ordena :

— “Prendam este homem”.

O ministro da Guerra, general Bittencourt, e o chefe da casa militar, coronel Luis Mendes de Moraes, avançam corajosamente. Subjugam o soldado. Mas os defensores do presidente saem do local com o ventre rasgado pelo punhal assassino. Pouco depois morre o ministro. Prepara-se o enterro. Espalha-se o boato de uma revolução. Os amigos politicos e pessoas e os parentes pedem ao presidente que não acompanhe o enterro. Seria certo um novo attentado. Prudente de Moraes, destemido e sereno, respondeu :

— “Eu sou o presidente. E mais do que o presidente, eu sou o amigo. Si me matarem, morrerêi no posto de honra, cumprindo um dever. Eu vou.”

E foi. A pé, de chapéo na mão, no meio do povo, o presidente acompanhou o enterro. E a um amigo que lhe gabava a coragem, respondeu :

— “Foi um dever, simplesmente”.

E, em verdade, tinha sido.

ASSIS CINTRA.

O ETERNO DESCONTENTE

Um homem descontente com a sorte queixava-se de Deus :

— Deus, dizia elle, dá aos outros as riquezas e a mim não dá cousa alguma ! Como é que eu hei de poder fazer o meu caminho nesta vida, sem possuir cousa nenhuma ?

Um velho ouviu estas palavras e disse-lhe :

— Acaso és tu tão pobre como dizes ? Deus não te deu, porventura, saude, mocidade ?

— Não digo que não, e até me orgulho bastante da minha força e do verdor dos meus annos.

O velho pegou então na mão direita do homem e perguntou-lhe :

— Deixavas cortar essa mão por mil rublos ?

— Nem por dez mil !

— E a esquerda ?

— Tambem não !

— E por dez mil rublos, consentias em ficar cego por toda a vida ?

— Nem um olho dava por tal dinheiro ! Salvo seja !

— Vês, observou o velho, que riqueza Deus te deu e tu ainda te queixas !

Leão Tolstoi.

“A criança é o pae do homem”.

Da historia alagoana

—Trechos de um livro de leitura “Alma das Alagôas”—

(CRAVEIRO COSTA)

O SOLO

Cerca de cinquenta e nove mil kilometros quadrados dão os geographos ao Estado das Alagoas. Pequeno porque está situado no Brasil, que é um mundo. Maior, porém, que Sergipe, Rio Grande do Norte e Espirito Santo; maior ainda que alguns paizes da Europa, entre os quaes a Hollanda, que, durante os primeiros dias da colonisação, dominou grande parte do nosso paiz, ao norte.

Seu littoral estende-se por 355 kilometros; quarenta e seis leguas medem-se da embocadura do S. Francisco á confluencia do Moxotó; da capital para o interior andam-se oitenta leguas.

Ao norte e oeste fica Pernambuco, com limites ainda não fixados; ao sul, o rio S. Francisco separa Sergipe e Bahia das Alagoas; a léste o oceano Atlantico.

Visto no mappa tem a fórma de um triangulo rectangulo, truncado ao occidente: o S. Francisco, o Atlantico e o Persinunga formam-lhe os lados, ficando o Moxotó na parte truncada.

Nenhum systema especial de serra se distingue no Estado. As suas elevações, que não excedem de quinhentos metros, são ramificações da Cadeia Oriental. A parte central fica na falda da serra da Borburema, em geral, planicies extensas aqui e alli, cortada por elevações, que tomam nomes diversos dados pelo povo. A zona árida e cálida, onde verdejam cactus varios, algumas leguminosas, algumas bromelaceas, não sendo raros, porém, os pontos de vegetação luxuriante — refugio abençoado do caminheiro e do gado causti-

cados pela ardencia do sol. As caatingas são menos extensas e mais bastas que as bahianas, nem sempre verdejantes, mas sempre bemfasejas. E o sertanejo, que atravessa a planicie aspera, nem chega a extenuar-se porque os oasis não estão longe. Na parte oriental, mais accidentada, accentua-se um systema de vastos planaltos, declinando em direcção ao littoral, onde se estendem terras arenosas. Na zona da matta — uma riqueza infinita em madeiras de construcção civil e naval, em lenhos magnificos de mobiliario, em plantas textis, oleoginosas, medicinaes e corantes. Rios numerosos cortam o Estado em todas as direcções, convergindo uns directamente para o mar e outros para o S. Francisco, formando duas vertentes notaveis. De seu conjuncto hydrographico destacam-se as formosas e vastas lagôas, que deram o nome á terra — terra das lagôas.

Pequenas pontas, abrindo enseadas abrigadoras da navegação de pequena cabotagem, recurvam o littoral. Ilhas fluviaes e lacustres apresentam-se propicias ao homem.

Os minerios, asseguram, afloram por toda parte. A fauna é numerosa e variada nas aguas, na terra, nos ares.

Terras optimas para todas as culturas, nellas os cannaviaes e os algodoades fazem a baze da nossa riqueza economica. Terras abençoadas! Trabalhal-as é semeiar a fartura, a riqueza, a alegria de viver, a independencia da vida. Terra dadivosa, nunca foi ingrata a quem a cultiva. A semente que nella cae é seara, é opulencia. Amemol-a, não sómente como a terra em que nascemos, em que nasceram e morreram

os nossos antepassados, mas, principalmente, como a expressão mais alta da nossa esperança, da nossa grandeza, do nosso porvir. Amemol-a, que ella é prodiga., Cultivemol-a, que ella esconde em seu seio a abundancia !

FACTORES ETHNICOS

Tres foram os factores ethnicos do nosso povo — o portuguez, bôa raça européa, o indio, encontrado nas selvas, e o negro, introduzido na colonisação como elemento de trabalho.

O homem primitivo das Alagoas os portuguezes encontraram na infancia da vida social. Indomito, aguerrido, erradio pelo littoral ou acardumado nas florestas, agremiados em tribús, mais ou menos numerosas, mas incapaz de movimentos grandes, formadores de collectividade, foi para o portuguez da primeira organisação colonisadora um adversario pemanente e temivel, defendendo heroicamente a terra e costumes nataes.

Ao norte, até além do Itamaracá, erravam os *potiguaras* e os *tabajaras*; os *cahetés*, antropophagos, dominavam as margens do S. Francisco e levavam suas incursões sanguinolentas até Iguarassú; os *abacatiaras* assentavam suas tabas nas ilhas sanfranciscanas; os *aconans*, os *cariris*, os *coropatós*, irriquietos, excursionavam nas proximidades do S. Francisco, onde tambem viviam os *moriqritos*; os *chucurús*, os *vouvés*, os *chocós*, os *umans*, os *pipianos* occupavam as extremas occidentaes da terra alagoana.

Ramos de uma só nação, a dos Tupys, contavam-se por milhares. Estatura pequena, mas de compleição robusta, rosto feio, eram eximios na caça e na pesca. Cultivavam a mandioca, o milho e o fumo. Andavam nús.

No primeiro periodo da colonisação isolaram-se como factores ethnicos, mantendo-se em constante hostilidade aos portu-

guezes, numa guerra sem treguas, forçando o donatario a "conquistar a palmas o que lhe havia sido dado a leguas". As allianças constructoras do crusamento só vieram mais tarde, depois da catechese intelligente dos jesuitas. Quando foi da invasão hollandeza já as duas raças se haviam approximado, perdidas as repugnancias reciprocas.

O isolamento hostile do indio, impedindo ou difficultando a obra portuguesa na capitania, fez com que os lusitanos recorressem á Africa nella recrutando o braço que precisavam. Pedro Lopes de Souza foi quem primeiro, no norte, introduziu o negro em seu dominio de Itamaracá, em 1531. Era bem o braço de que a terra carecia. Forte, resistente, resignado, humilde, supportando a sua condição deprimente de animal domestico, subjugado no meio de uma natureza livre, sem que lhe ouvissem os gemidos lancinantes, abateu, intrepido, a floresta bruta e fez culturas, e fundou os engenhos, e construiu os povoados, e desenvolveu a riqueza da capitania. Trabalhador insuperavel, comedido e sobrio, foi o instrumento principal da cultura da terra. Primeiramente, como o indio, isolou-se no seu soffrimento, cuidando dos cannaviaes. Depois o seu affastamento foi cedendo ao convivio com o branco e com elle caldeou o seu sangue. Affectivo, beberam-lhe o leite os nossos avós, embalou carinhosamente a infancia dos nossos antepassados, criou generosamente centenas de gerações alagoanas. Quando o batavo invadiu a capitania estava identificado com o branco, como acontecera ao indio. A' guerra hollandeza o negro offereceu um chefe valoroso — Henrique Dias, e o indio um verdadeiro heroe — Camarão.

No primeiro periodo da colonisação, em face da repulsão do autochtone e do isolamento do negro, a capitania é simplesmente um producto da civilisação lusitana,

dominada pela ambição do lucro, pela lealdade ao rei e pelo fanatismo religioso. Passado esse periodo, pela acção dos padres da Companhia de Jesus sobre o indio e pela expansão affectiva do africano, co-meçou a fusão das tres raças. Do contacto do negro com o branco saiu o *mulato*, do branco como o indio o *cariboco*; dos dois productos em cruzamento resultou o *mameluco*.

Outras fusões geraram outros typos, que se confundem no bronseio do facies local, enrijados pelas asperezas dos sertões, ou fortalecidos pelas auras marinhas, typos capazes das maiores resistencias phisicas, de que na historia nacional foram expressões notaveis a retirada da Laguna, o povoamento da Amazonia e a lucta de Canudos. Calabar é o representante primacial nessa epoca de formação ethnica, dessa sub-raça.

A immigração africana deteve-se mais no littoral que no sertão, do que resultaram habitos differentes e vida economica distincta entre as duas zonas alagoanas.

A promiscuidade das tres raças não excluiu a supremacia do branco; predominava sempre o portuguez. O indio continuou a ser caçado nas mattas como animal bravo e o negro a ser escravizado. A perseguição áquelle só terminou ao tempo de Pombal. O negro foi mais infeliz. Em compensação da sua collaboração estupenda na vida economica brasileira, os nossos antepassados, firmados em leis deshumanas, o rebaixaram á categoria de gado. O captiveiro do africano e seus descendentes durou tres seculos, sendo definitivamente extinto, sob a pressão da vontade popular, em nossos dias, a 13 de maio de 1888.

Essas tres raças formaram o homem das Alagoas, o homem nacional. Em todos os grandes momentos historicos da nacionalidade o alagoano tem figurado com dignidade e noção perfeita do patriotismo — na invasão hollandeza, nas luctas pela inde-

pendencia, nas guerras externas, nas campanhas sociaes e politicas para implantação da democracia.

OS PRIMEIROS POVOADOS

Alagoas até 1817 foi parte integrante da capitania de Pernambuco, doada por D. João III, a quem deve o Brasil o seu primeiro aparelhamento colonial, a Duarte Coelho Pereira. Era de 60 leguas a doação real, desde a fóz do rio S. Francisco até o rio Santa Cruz de Itamaracá.

Um anno depois Duarte Coelho, com o proposito firme de vencer, entrava na posse de seu vasto dominio, armado de poderes quasi iguaes aos do rei. A terra não lhe era estranha. Antes da doação Duarte Coelho por ella andara, investigando-lhe o littoral, sondando-lhe as possibilidades de aproveitamento e varrendo-a de contrabandistas. Andara toda a immensa costa e penetrara o rio, a que deu o nome de S. Francisco, e que os indigenas chamavam Paratitinga. Dahi, das margens da grande caudal sanfranciscana, expulsou os francezes, que faziam com os indios o commercio de pau-brasil, destruindo os acampamentos intrusos e fundando uma feitoria portugueza.

Foi em recompensa desse serviço que a munificencia real contemplou o fidalgo aventureiro, quando partilhou em capitánias a terra brasileira.

Duarte Coelho era um homem intelligente, pratico, dotado de ampla visão administrativa. As suas terras estavam cobertas de mattas e povoadas por tribús ferozes. Luctou contra o homem selvagem e contra a natureza brutal. Os danos que lhe causaram as flexas hervadas do selvicola, que se amoitava, de tocaia, nas frondes e nos troncos enormes, a espreita do invasor, não foram menores e menos dolorosos do que os resultantes das endemias reinantes em todas as regiões que se desbravam.

Venceram, porém, a intelligencia a pertinacia e a bravura do donatario.

A floresta virgem, pelo ferro e pelo fogo, cedeu lugar ás plantações mais uteis — aos cereaes, ás arvores fructiferas, aos canaviaes, ao lado das primeiras habitações. Levantaram-se depois os engenhos de assucar e a fé catholica levantou as ermidas. Os colonos agruparam-se para melhor se defenderem. Aqui e alli se foram formando os povoados, tangidos para mais longe os indios bravios. Vieram depois as autoridades. A ordem civil organisou, á maneira portugueza, os nucleos nascentes.

Penedo, Porto Calvo, Alagoas, S. Miguel e Santa Luzia do Norte, as mais antigas povoações alagoanas, são mais ou menos contemporaneas.

Penedo, á margem do S. Francisco, a 7 leguas da embocadura da caudalosa arteria fluvial, por onde circula o progresso de cinco Estados brasileiros, foi, por certo, de todos o primeiro povoado, originario da feitoria fundada por Duarte Coelho, entre 1522 e 1525, antes da doação regia. Varridos os indios, assenhoreada a terra pelos portuguezes, feita a alliança com os selvicolas mais accessiveis ou descridos do exito de qualquer reacção, a feitoria cresceu, tornou-se povoado. Em 1636 era elevada á categoria de villa, com o titulo de S. Francisco, prospero, irradiando, rio acima a sua influencia civilisadora. Chave do sul, della apossaram-se os hollandezes, fortificando-a, ponto estrategico de primeira ordem.

Depois Porto Calvo, zona obrigatoria das expedições que demandavam o sul, antigo pouso dos potiguaras, dahi expulsos por Christovam Lins, fidalgo florentino a quem o donatario cedera o dominio de vasta região e que lançou os fundamentos do burgo, presidindo-o ao começo de seu desenvolvimento, continuado por sua mulher, D. Adriana de Hollanda, que, segundo antigas chronicas, ainda em 1647 alli vivia com a avançada idade de 110 annos. Ao

mesmo tempo que Penedo, em 1636, era elevada á villa, com o nome de Bom Successo.

Talvez pelo mesmo tempo Alagoas, cujas terras haviam sido doados a Diogo Soares da Cunha, ou Diogo Soares de Mello, segundo outros. Os cahetés ahi viviam, tomada a terra aos tupinambás. Expulsos por sua vez foram se localizando os colonos, que cultivaram a gleba abençoada, regada pelo Subauma. Em 1633 os hollandezes devastaram o povoado florescente, saqueando as propriedades e incendiando as habitações. Tambem em 1634 era officialmente villa, com a denominação de Magdalena do Sabaúma.

Os mappas hollandezes, de 1645, mencionam o engenho Sinimbú, a 7 leguas da fóz do rio S. Miguel. Eram terras de uma fertilidade pasmosa, "os mais ricos pastos de todo Brasil", segundo um relatorio hollandez. O engenho formou o povoado e o povoado cresceu cobijado pelo batavo.

Já em 1610 existia o povoado de Santa Luzia, á margem da lagoa do norte. Era entreposto commercial notavel.

O que aos colonos custou o fundamento desses nucleos não podemos hoje avaliar. A dilatação das aventuras em demanda dos sertões, rasgando no seio da matta virgem os primeiros caminhos, affastando os selvicolas, construindo as primeiras habitações, cultivando a terra, lançando as bases da nossa riqueza economica no assucar e no algodão, fundando a industria pastoril, instituindo a organização civil no aglomerado anarchico dos primeiros povoadores, fixando o homem ao solo pela familia e pela propriedade é uma obra estupenda de intelligencia e vontade que a imaginação infantil não póde alcançar.

Tenhamos para esses elementos anonyms de trabalho persistente, que foram o portuguez e o negro, uma admiração ardente porque a elles devemos as franquias do progresso que hoje desfructamos.

A dialectação portugêsa no nordeste brasileiro

(MARIO MARROQUIM)

I

A CAPITANIA DE PERNAMBUCO

Ao surgir do seculo XVI, em plena febre dos descobrimentos, excitado o natural espirito de aventura pelas noticias de riquezas faceis e fabulosas nas regiões longinquas de além mar, hespanhoes e portugueses encontravam-se no oceano, acicatados pelo mesmo empenho e pela mesma ambição. Quasi em tempo igual tocavam terras da America do Sul, Alonso de Hojeda, Vicente Ianez Pinzon e Pedro Alvarés Cabral.

Este, no dizer de Oliveira Lima, "tomou por uma ilha o novo continente, que elle propositamente abordára, não de certo na intenção definida de o descobrir, mas, baseando-se n'uma falsa medição da terra, na de aproar rapidamente pelo Occidente aos esplendores da India, aos quaes Colombo ainda não chegára, emmaranhado em terras selvagens, prenuncios, acreditava-se, do almejado continente asiatico".

Portugal, porém, fascinado pelas riquezas da India, pouca importancia deu ao descobrimento de Cabral; entretanto D. Manoel fez introduzir o cultivo da canna de assucar nas novas terras e já em 1526, recebia o reino direitos por assucar de Pernambuco.

Para combater a pirataria que contrabandeava pau-brasil nas terras de Santa Cruz, resolveu o monarcha português dividil-as em capitánias, sendo executado o seu plano em 1534.

A capitania de Pernambuco dispunha de sessenta leguas de littoral, desde a margem esquerda do rio S. Francisco,

no sul, até os limites da capitania de Itamaracá, pelo rio S. Cruz, ao norte.

Em seu territorio estava incluído todo o actual Estado de Alagôas e grande parte do de Pernambuco.

Seu donatario, Duarte Coelho, homem de grande valôr moral e extraordinaria energia, dedicou-se á sua Capitania, desejoso de corresponder á munificencia regia e de consolidar cabedaes.

Mas, emquanto nas capitánias do Sul, a ambição do lucro facil impellia os colonos ás aventuras perigosas das lavras e da procura de metaes preciosos, Duarte Coêlho apegava-se ao sólo, e confiava ao assucar o progresso de suas terras e o augmento dos seus haveres.

D. João III, aguçada a sua cobiça pelas noticias do ouro e da prata que o Perú e o Mexico despejavam na Hespanha, insistia para que fossem procurados esses metaes.

Duarte Coelho, porém, adiando sob varios pretextos as expedições, montava engenhos encommendados na Europa, e incentivava o cultivo da canna e do algodão, distribuindo sesmarias aos seus colonos.

Tinha bem razão o intelligente donatario.

Emquanto as demais capitánias se afundavam na anarchia e em desastres sem conta, á excepção da de S. Vicente, Pernambuco, com a sua prosperidade radicada ao sólo, caminhava á testa de todas.

Nem mesmo o pau-brasil, tão abundante em suas terras, tentava a cobiça do donatario.

Em repetidas cartas ao rei, queixava-se da desordem que implantavam entre seus colonos as constantes náos que abordavam

o Recife para o commercio daquella madeira: distrahia-os do seu labôr agricola.

Sómente depois que verificou a nenhuma importancia que ligava o rei ás suas queixas, é que, em 1549, impetrou a d. João III licença para exportar tres mil quintaes de pau-brasil por anno.

Como não podia impedir aquelle commercio, perturbador da tranquilla faina da lavoura, queria ao menos, ser o beneficiado com elle, já que em suas terras era feito.

A colonisação da capitania foi feita com gente nobre e limpa, pois Duarte Coelho trouxe consigo muitos fidalgos, além dos gentishomens de sua casa.

As levas de degredados, dos quaes bôa quota deveria tocar a Pernambuco pela sua importancia e pelas necessidades de sua lavoura, modificavam-se ao contacto da terra, si não por sua natural indole, pela energia sevêra do donatario, que, senhor de poderes quasi magestáticos, zelava com grande cautela pela bôa ordem e disciplina de suas terras.

Em pouco tempo desenvolveu-se uma notavel população europêa em Pernambuco.

De outros pontos do paiz, atrahidos pelas noticias de sua prosperidade, accorriam muitos colonos, e quando d. João III, no desejo de fazer reverter á corôa as capitancias, tirava aos donatarios grande numero das prerogativas de que gosavam, foi exceptuado da medida Duarte Coelho.

Segundo documentos da epocha, ainda não findára o seculo XVI, e já Pernambuco contava uma grande população fixa.

Olinda, com seu termo, sommava quasi 3.000 almas, sem contar os escravos. Em toda a zona da matta, espalhavam-se os engenhos de fabricar assucar e os seus proprietarios, "*plebeus ou nobres endinheirados, minhôtos quasi todos*", (Oliveira Lima — Pernambuco, Seu desenv. hist.) pacientes e laboriosos, entregavam-se com perseverança ao labor agricola.

Dos cento e vinte engenhos de assucar que havia em todo o Brasil, sessenta e seis ficavam em Pernambuco e produziam duzentas mil arrobas de assucar, não podendo dar vencimento á canna.

Assim, apesar das noticias vindas do Sul, portadoras de nóvas de minas e de ouro, Pernambuco não abandonou a lavoura, e foi o sólo com a sua grande força consolidadora que formou o alicerce da sua prosperidade.

O elemento portugês não ficou preso á orla do littoral: internou-se na matta, desbravou-a, descobriu o sólo, fixou-se nelle, a principio pelas raizes poderosas do interesse, pois cada engenho custava naquella epocha dez mil cruzados para ficar em ponto de moer, ao depois pelo amor á terra generosa que pagava com cem por cem o esforço dos seus cultivadores.

Desde Penedo até Itamaracá multiplicou-se o empenho agricola e colonizador do portugês. Porto Calvo, S. Luzia do Norte, S. Miguel de Campos, Rio Formozo, Serinhaêm, Cabo, Iguarassú, foram outros tantos nucleos de onde se irradiava a força de expansão que ia produzir fructos nos engenhos visinhos.

E enquanto nas outras capitancias, pelo minoria da população europêa, a lingua geral era a usada no intercambio commum, tendo o colono portugês que aprendel-a para as necessidades de sua vida de cultivador ou de aventureiro, em Pernambuco, bem cêdo, o indigena foi obrigado ao uso do portugês.

E' que, nos engenhos, onde a ferocidade do caheté era dominada na escravidão dos roçados de cannas e de algodão, o elemento portugês em numero bem elevado teve pontos de rezistencia para a projecção civilisadora de sua linguagem.

Os indios iam sendo sacudidos, rechassados para o sertão; naquella epocha, dizia o padre Cardim: os *indios* da terra são já poucos.

Ligado ao sólo, radicado na estabilidade prospera das plantações, da casa de morada solida, em que procurava adaptar todo o conforto possível na epocha, com o numero sempre elevado de aggregados e auxiliares reinóes, o senhor de engenho, irradiava de uma maneira constante e systematica o elemento dominador do seu trabalho e da sua lingua.

O encadeiamento de engenhos ao longo de toda a capitania, estabelecia zonas de influencia constantes, obrigando o uso do portugês.

O já citado Fernão Cardim, em sua chronica de viagem, diz que, Pernambuco "tem sessenta e seis engenhos, que cada um é uma bôa povoação".

Anchieta, numa descripção dos serviços prestados pela Companhia de Jesus no Brasil, diz sobre o mesmo assumpto: "Item na dita capitania de Pernambuco ha muitas fazendas e alguns 60 ou mais engenhos de assucar, a tres, quatro, cinco e oito leguas por terra, cada um dos quaes é uma bôa povoação com muita gente branca, Negros de Guiné e Indios da terra". Nas capitancias do sul, onde dominava o espirito de aventura, onde o europeu não se fixava ao solo, a lingua não tinha esses nucleos de onde se expandisse uma força constante capaz de absorver o tupi-guarany.

As energias dispersas e errantes dos bandos em procura do ouro, eram abafadas, sem um ponto de apoio para a resistencia. O portugês aventureiro, morando em barracas, sem estabilidade, isolado em meio ás tribus barbaras, não podia impôr sua lingua ao selvagem; aprendia a delle.

Só depois, com o progredir das capitancias veio a acontecer o que logo de principio houve em Pernambuco: o elemento portugês, em maior numero, dominou e venceu o indigena, formou centros de população no interior e impôz sua lingua.

II

A LINGUA PORTUGUESA NO
SEculo XVI

Emquanto no Brasil, a distante colonia, quasi esquecida, ao calôr das luctas contra o indio e contra a terra, a tenacidade portugêsa formava uma nação e creava uma raça amassada com três sangues, de tres continentes, na metropole, a lingua passava por uma transformação radical.

Desde o seculo XII até o XVI, tinha caminhado ao sabor das correntes populares, sem codificação, sem regras, sem grammatica.

Os letrados, pela falta de uma norma fixa de escripta, multiplicavam os syncretismos orthographicos, que, junto aos morphologicos, davam ao portugês archaico aquelle aspecto de confusão e desordem que o caracteriza.

Nos principios do seculo XVI, appareceram as primeiras grammaticas.

A lingua entrou numa phase de policia-mento e de correção, para attingir logo depois o periodo aureo do quinhentismo.

O filão humanistico, o fogo sagrado do amôr ás lettras, conservado nos conventos durante a Idade média, rebentou em flo-rações de entusiasmo pelas lettras gregas e latinas, vulgarisadas pela imprensa recém-descoberta.

O Renascimento italiano em pleno triumpho com Dante, Petrarca, Boccaccio, Tasso, Ariosto, Machiavel e outros grandes nomes, estendendo-se por toda a Europa, veio a alcançar seu maior esplendor em Portugal naquelle seculo. Esse movimento reformador da lingua, porém, movimento litterario e que só aos poucos se iria infiltrando nas camadas populares, começou com Sá de Miranda, que chegava a Portugal em 1526, de volta da Italia; onde ao contacto do renascimento artistico, af-feiçoára a elle seu espirito.

O eruditismo greco-latino que iria trazer ao português tantos termos novos e archaizar tantos outros, só aos poucos, entretanto, alcançou esse resultado, facilitado pela natural tendencia das gentes incultas em imitar as expressões das pessoas instruidas.

Com a chegada de Duarte Coelho a Pernambuco, rodeado de fidalgos e de colonos, a lingua portuguesa, no inicio de sua gloriosa ascensão, era transplantada e aprofundava raizes definitivas no interior da capitania. Emquanto porém o littoral, ao contacto civilizador da instrucção, e pelas communições constantes, ia assimilando as modificações e evoluções da lingua da metropole, os colonos, isolados nos engenhos espalhados e perdidos nas 12.000 leguas do feudo de Duarte Coelho, conservavam em sua linguagem o typo de origem, que era aquelle trazido pela primeira colonisação, quando a lingua portuguesa ainda não fôra attingida pela febre transformadora da Renascença, nem a força demolidora do eruditismo greco-latino, tinha relegado para plano secundario os legitimos termos portuguezes, formados de accordo com as leis da phonologia.

Prova flagrante disto, é o grande numero de palavras e expressões archaicas ainda em uso no fallar das gentes incultas dos engenhos de Pernambuco e Alagôas, herdeiros directos da lingua dos colonos minhotos do seculo XVI.

João Ribeiro em sua *Selecta Classica* escreve : "Os colonos do Brasil trouxeram no seculo XVI as mesmas qualidades e a mesma linguagem idiomática dos precursores da epoca classica; muitos dos chamados *brasileirismos* de expressão, e até de prosodia, acham-se em perfeita concordancia com certas peculiaridades dos seculos XIV e XV".

E em nota accrescenta : "No seculo XV foi que se formou a linguagem que devia ser popular e plebeia no seculo seguinte,

o da descoberta e primeira colonisação do Brasil. Os aventureiros, exploradores e o povo que emigrou para a America, não falavam a lingua culta dos quinhentistas, eivados de erudição latina e italiana, mas a linguagem documentada pelo seculo XV".

Mais do que qualquer outra região do Brasil, conserva o Norte usos e costumes tradicionaes.

O mesmo João Ribeiro, no seu *Diccionario Grammatical*, escreve : "No seculo actual, a crise do proletariado europeu occasionando diversas correntes de povoamento e emigração do solo, procurando por acclimação mais facil, a zona subtropical e temperada, tende a produzir no Brasil dois typos ethnicos differentes: o *nortista*, fiel ás tradições, unitarista, homogeneo, e brasileiro do typo-colonial, e o *sulista*, perdendo o caracter nacional na incohesão do cosmopolitismo, italianizado, germanizado, federalista."

Com o typo colonial e a perfeita cohesão do caracter nacional, conserva o *nortista* tambem, na sua lingua, traços bem vivos do portuguez colonial.

Os *matutos* dos engenhos de Pernambuco e de Alagoas, e cuja linguagem pretendo estudar no presente trabalho, conservam a lingua da colonisação por contingencias sociaes e geographicas.

Isolados na extensa zona da matta, entregues a um trabalho estafante, sem estimulo de progresso, sem escolas, analfabetos em quasi sua totalidade, não têm consciencia do papel importante que representam na economia do *senhor de engenho*.

A submissão humilde que é a herança deixada em seu temperamento pelo sangue africano, só é contrabalançada pela inconsciencia com que, inconstantes, sem apego ao solo, "*de trouxa ás costas*" percorrem os engenhos alugando o seu braço forte, actuados pelo mesmo nomadismo que impellia os indigenas, cujo sangue misturado ao

do africano escravo, forma o sedimento de sua sub-raça.

Muito embora mude de patrão constantemente, vê o matuto nelle, seja qual fôr, o *senhor de engenho*, o superior a quem serve em obediencia a uma força atavica que vai fixar suas raizes nas senzalas de-sapparecidas.

Essa inconsciencia ignorante, esse anal-fabetismo integral são a grande força que tem conservado o typo de linguagem inicial.

Hoje, com o desenvolvimento da industria assucareira, as uzinas estendendo em todas as direcções os tentaculos de seus tri-lhos que vão deixando de *fôgo morto* os tradicionaes *banguês*, já se tem modificado e cada vez se modifica e altera mais, esse espirito de obediencia resignada, de temor e de respeito do *matuto*.

O problema do "braço" estabelecendo a lucta dos senhores de engenho pela conquista do trabalhador, tem despertado nelle a consciencia do seu valor economico, elevando consequentemente o seu nivel moral.

A diffusão das escolas, as estradas carroçaveis, o automovel, vão dia a dia destruindo a barreira que ainda o isola, vão aproximando-o da civilisação e da consciencia do seu proprio valor.

A par das causas sociaes, a circumstancia geographica do seu isolamento, contribuiu para se conservar a linguagem do descobrimento entre a população rural.

A zona da matta de Pernambuco e Alagoas, por muito tempo esteve insulada, esquecida. Seus engenhos embarcavam o as-sucar pela estação ou porto mais proximos, enviando-o em costas de cavallos, através de 5, 8, e 10 leguas de pessimos caminhos.

Essa ausencia de meios de communicação, o cavallo sendo a maneira mais com-moda de viajar, conservou por muitos annos toda essa vasta e riquissima zona com-

pletamente alheia ao desenvolvimento geral do paiz.

Emquanto no littoral, desde a descoberta, as communicações faceis, o meio cosmopolita e a instrucção largamente diffundida encaminhavam a marcha normal da lingua, no interior, o povo récolhido nos latifundios e nelles vivendo ignorado, esquecido, anonymo, conservava a lingua herdada, alterando-a é verdade, de accordo com as tendencias de evolução phonetica impostas pelo meio, mas sem desprezar os termos e as expressões que recebera.

Essas alterações, porém, não soffreram influencias extranhas.

Emquanto no sul, o allemão, o italiano principalmente, são elementos novos que têm de influir por força na lingua do povo com o qual convive, no norte, onde não ha immigração, a lingua conservou-se, soffrendo apenas as alterações sonicas logicas e naturaes.

Amadeu Amaral, falando sobre o dialecto caipira de S. Paulo diz: "a pronunciação clara do *e* e do *o* atonos finaes comprova o facto de que o ensurdecimento dessas vozes só começou em época relativamente proxima, pois de outro modo não se comprehenderia por que o caipira analfabeto pronuncia *lado*, *verdade*, quando os portugueses pronunciam *ladu*, *verdad'*." (1)

Não seria antes a influencia do colono italiano, em contacto tão intimo com o povo paulista, a causa dessa pronuncia?

O italiano tem claras as vogaes atonas finaes.

O matuto nortista pronuncia *ladu*, *verdad'i*, e pelo facto de ter ficado o português no norte, longe do contacto intimo de qualquer outro idioma, e até mesmo, no interior, a propria lingua litteraria ter exercido sobre elle uma diminuta influencia,

(1) Amadeu Amaral — O Dialecto Caipira — 32.

essa pronuncia do matuto nortista vem provar e com maior autoridade o contrario do que escreveu o sr. Amadeu Amaral.

Consideremos agora trechos do português do fim do seculo XV e começos do seculo XVI.

Por elles veremos qual a lingua introduzida em Pernambuco ; amostra um tanto melhorada, pois certamente o escriptor como o povo em geral falaria uma linguagem mais descurada do que os escriptos documentam.

Tomada de Ceuta (1).

O sol começava já aquecer, anojavam-se os homêes, porque tanto tardava o signall que lhes avia de seer feito, pera sahirem em terra, e desi os mouros andavam ja polla rribeira fazendo suas maneiras, pollas quaes punham grande alvoroço na gente que estava em nos navios, e cada hüm desejava sayr se non teveram rreço da defesa d'el-rey..

E, tanto que aquelle mouro foy morto, logno todolos outros viraram as costas e acolheram-se aa cidade e os christãos de volta com elles.

(1) Gomes Eannes de Zurara.

Que sinicã os anees e ho veeo que põoe aos esposados, quãdo se velam. (2)

Ho papa Evaristo estabeleceo que os que ouvessem de casar recebessem bêçoes do sacerdote na ygreja pruvicamente. E ho anel que dá ho esposo aa esposa e ho que dá ha esposa a ho esposo significã que hüm a ho outro se devê amar, ou por que seja sinal que as vôtades e coraçoes sejã ajuntados. E põoe-se ho anel no quarto dedo, que chãmã *medicus*, por quanto dizê que nelle he hua veea de sangue, que vay ataa o coração.

O veeo que pooê aas esposadas ê cima da cabeça ha a dar a êtêder que devê seer sempre subjectas a seus maridos, (e) a semelhãça de Rebeca, que, quãdo vyo a Isac, seu esposo, cubryo-se ha cabeça, (3)

(2) De Sanchez de Verçial — ed. de 1502. apud. J. J. Nunes — Crest. Arcaica.

(3) Nos textos archaicos acima, estão graphados com ê varias palavras que deveriam sel-o com e *til*, por falta de matriz apropriada na linotypo.

Commemorações civi- cò-escolares

3 DE MAIO

Creanças !

Escutae-me, porque estou designada pelo Director desta Escola, para fallar á vossa alma, avivar em vossos coraçoes sentimentos de patriotismo, recordando a data de hoje, que relembra um dos maiores acontecimentos da historia — o descobrimento do Brasil.

Elle constitue, em verdade, a semente

que na poderosa e fertil terra da America brotou, desenvolveu e, cada anno que se escôa, semeia em nossas almas sentimentos elevados e nobres, que nos exaltam e dignificam; idéas sublimes que consistem no aperfeiçoamento intellectual e moral de nossa patria.

E eu vou contar-vos em palavras singelas, mas repassadas de alegria e vaidade, a historia, que outr'ora, muitas vezes, re-

petiram aos meus ouvidos os meus esquecidos mestres.

A estreiteza do mundo antigo necessitava de novos descobrimentos, pois desse modo elles podiam declarar ás nações existentes novas terras com que pudessem desenvolver suas relações commerciaes, e para esse fim surgiu o periodo das grandes navegações, e consequentemente das grandes descobertas.

Salientou-se então Portugal, levando a effeito muitos descobrimentos, a começar de 1383 até 1495, quando D. Manoel I, confiou a Vasco da Gama uma pequena frota de quatro navios, para que elle tentasse a viagem para leste.

Vasco da Gama dobrou o cabo da Bôa Esperança e descobriu em 20 de maio de 1498, o caminho das Indias.

Tornou á Portugal dois annos depois, apenas com a terça parte de sua tripulação. Mais tarde, em 1500, resolvendo D. Manoel assegurar o commercio das Indias, fez equipar uma poderosa esquadra de 10 caravelas e 3 navios redondos.

Assumiu o commando desta esquadra Pedro Alvares Cabral, governador da Beira e senhor de Belmonte.

Do dia 9 de Março, depois de uma cerimonia solemnissima, que foi a benção do chapéo que o Papa havia enviado para Cabral, e da bandeira com a cruz de Christo entregue ao almirante pelo proprio rei D. Manoel, sahiu a esquadra do Tejo com destino ás Indias.

A principio a viagem correu sem novidades, chegando a esquadra no dia 14 ás Canarias, e, a 22 á ilha S. Nicoláo, no archipelago de Cabo Verde.

No dia 25 de março a esquadra desviou-se tomando para o sudoeste, affastando-se do continente africano, para evitar as calmarias, isto é, a falta de ventos.

Tanto porém se affastou, que no dia 21 de abril um marinheiro de bordo, deu o alarma de terra, e Cabral começou a ter

seguros indicios com o apparecimento de hervas e folhagens junto ás náos e aves marinhas adêjando no espaço.

E com effeito não se enganou. No dia seguinte, 22, ao longe, elle divisou o contorno escuro de uma terra, que julgando ser um monte deu o nome de monte Paschoal.

Estava descoberto o Brasil. O descobrimento e a conquista foram para Cabral um sonho que afinal já estava realisado. Mas, escutae bem, meus meninos, que era preciso elle conhecer a terra que descobrira. L no dia 23, tendo á frente os navios menores, navegou Cabral até junto ao rio que se chamou de Frade, desembarcando então Nicoláo Coêlho, que, tranquillizado quanto aos indios, unicos habitantes naquella terra, facilmente travou relações com elles.

Era necessario, porém, um abrigo melhor. Navegou Cabral para o norte, indo o piloto Affonso Lopes numa pequena caravela costear a terra afim de avisal-o logo que encontrasse um porto conveniente, o que de facto annunciou no dia 24, e a 25 a esquadra ancorou em um porto tão proprio, que recebeu de Cabral o nome de — Porto Seguro, hoje conhecido como — Bahía Cabralia ou enseada de Santa Cruz.

No dia 26 de abril, domingo da Paschoa, Cabral e os seus desembarcaram, e foi então celebrada, num ilhéu que se chamou da Corôa Vermelha, a primeira missa que se disse no Brasil, sendo officiante Frei Henrique de Coimbra.

Em seguida á missa, foi cortada uma arvore com cujo madeiro se fez uma cruz.

No dia 30, foram os portuguezes ao logar em que se achava a cruz, ahi ajoelharam e a beijaram para que os indios vissem quanto elles acatavam o symbolo da propria fé.

E no dia 1 de maio trouxeram a cruz de onde estava e cravaram-no em logar alto, ao pé de um improvisado altar, celebrando-se então a segunda missa, sendo esta

solemnidade assistida por muitos selvagens que procuravam imitar aos portuguezes em todos os signaes do externo culto.

O sentimento de patriotismo era apanaggio de povos civilizados, e Cabral era bem a manifestação desse sentimento. Tomou posse, para o seu rei, da nova terra, que pelos indios era chamada — Pindorama e que quer dizer terra das palmeiras.

Suppondo que a terra encontrada era uma ilha, chamou-a — ilha de Vera Cruz ; mas em breve foi este nome mudado pelo de Santa Cruz e poucos annos depois, em 1504, recebeu o nome — de Brasil, em consequencia da grande quantidade que nelle existia, de u'a madeira preciosa que assim se chama, mas á qual os indigenas denominavam — Ibirapitinga, ou páo vermelho côr de brasa.

E' fóra de duvida que muito antes da viagem de Cabral, já os hespanhóes haviam estado no Brasil.

De direito porém, a gloria cabe aos portuguezes, que fincaram um marco na terra achada, não deixando de salientar o vulto heroico e vigoroso de Cabral, que singrando os mares, com a febre de desejo que se lhe desenhava no olhar, fechando os olhos ás consequencias de tão arriscada aventura, visava um unico fim : conquistar mais glorias para seu paiz, e mais riquezas para o seu territorio. Foi elle o primeiro que mandou á Portugal a noticia alviçeira do descobrimento.

Para esse fim, reuniu os commandantes dos diversos navios, para resolver sobre quem devia receber a incumbencia.

Não se sabe porém, até hoje, ao certo, se o encarregado dessa missão foi Gaspar de Lemos ou André Gonçalves. Seja como fôr, o emissario partiu a 2 de maio para Lisbôa, no mesmo dia em que Cabral deixava em terra dois degradados, que tinham fugido de bordo, e foram os primeiros colonos para exploração do novo dominio portu-

guez, continuando a sua viagem para ás Indias:

A esquadra de Cabral só chegou, a Calicut em 13 de setembro, tendo soffrido grande e violento temporal, junto ao cabo da Bôa Esperança, onde em 24 de maio foi a frota desfalcada em seis navios, entre elles, o que estava sob o commando de Bartholomeu Dias que naufragou junto ao cabo por elle proprio descoberto.

E chegando ás Indias, dir-se-ia que se sentiam exhaustos aquelles peitos de heróes que acabavam de devassar oceanos, vencendo innumerados impecilhos que antes lhes haviam resentido os animos, neutralizando parte de suas energias, mas que encorajadamente continuavam a obra ingente a que se lhes impuzera D. Manoel, o Venturoso.

Foi, pois, meus meninos, o Brasil descoberto em 22 de abril de 1500, pelo almirante portuguez Pedro Alvares Cabral. O que não se póde, ao certo, affirmar é que esse descobrimento, se tenha dado devido a uma casualidade, porque historiadores, homens capazes e esmiuçar os factos, dignos de melhor reminiscencia, já têm dito, assegurado mesmo, que Pedro Alvares Cabral, o gigante de 2 metros e tanto de altura, pelos documentos que possuia, fazia o calculo de no Occidente existir um grande pedaço de terra inculta e ignorada.

Por isso, creanças desta Casa de ensino, ficai sabendo que se não póde dizer, ao certo, que o Brasil foi descoberto por uma casualidade, motivada por uma corrente oceanica ; dizei que o Brasil, a nossa patria querida, foi descoberto nos albores das primeiras horas de um dia, florido de abril, a que vós todos deveis a homenagem do amor mais puro e santo.

Commemora-se comtudo, a data de seu descobrimento no dia 3 de maio, por uma determinação da primeira Assembléa do

do Imperio, observada tradicionalmente ha muitos annos.

O dia 3 de maio é aquelle em que a Igreja Catholica commemora a Santa Cruz e foi Santa Cruz o primeiro nome que recebeu o Brasil.

E, ao terminar esta pequenina palestra, exulto da alegria que me cala nalma, porque vos digo, que o grande e elevado sentimento que nos prende á patria, e a dedicação em servil-a e engrandecê-la chama-se — Patriotismo... E todos nós, meus meninos, devemos ser bons patriotas !!...

VIVA O BRASIL !!!...

Leonor Assumpção.

Do Grupo Escolar "Diegues Junior".

• •

13 DE MAIO

Presados alumnos.

A data de hoje, commemorando a lei que, em 1888, declarou extinta a escravidão no Brasil é das mais gratas aos corações brasileiros, porque consagra o desaparecimento da mancha que nos enodoava ante o mundo civilizado, conservando escravizada uma raça que era explorada por aquelles que do seu suor se mantinham para assim prosperar e viver faustosamente.

A origem da escravidão perde-se nos fastos da nossa cara historia.

A principio os vencedores matavam os vencidos, mas essa selvageria logo se extinguiu.

Esta pena imposta aos vencidos foi substituida pela escravidão delles.

No Brasil as raças captivas eram a dos indigenas e a dos africanos, havendo por conseguinte o que se chamou a escravidão vermelha e a escravidão negra.

No seculo XVI a escravidão vermelha augmentou com a descoberta de vastos e riquissimos territorios.

O clima tropical destes novos dominios não offerecendo hospitalidade tornava-se cruel e assassino para o europeu explorador e aventureiro que ahi definhava e morria. Era preciso aproveitar o trabalho dos incolas ou selvicolas.

A inferioridade intellectual e cultural dessas raças animava o europeu que lhes usurpava o trabalho desde que não lhe exigiam remuneração ficando unicamente reservado ao indigena o trabalho, ao colono o proveito.

Quando Cabral descobriu o Brasil já o commercio de escravos existia no Velho Mundo.

Foi assim que D. João III quando doou pedaços de nossa terra a seus capitães deu-lhes tambem o direito de captivar o gentio para o serviço da terra e dos navios, podendo vende-los em Lisbôa mas em numero limitado durante o anno.

Portugal se assim procedeu foi imitando a Espanha, que por este meio havia colonisado e feito prosperar as terras de sua corôa, praticando ahi muitas crueldades com os pobres indigenas.

Para não haver mistura com os da terra com quem elles muito se assemelhavam eram marcados com ferro em brasa.

Esta escravidão não attingia um numero superior, devido nem só ao character indolente do gentio, pois raramente dava conta da tarefa que lhe era confiada como tambem á ferocidade de algumas tribús e a superioridade de numero do gentio sobre os colonos.

Muitas tribús pela sua ferocidade tornavam-se respeitadas e temidas, outras se revoltavam com a prisão de seus irmãos e quando conseguiam combater com alguns dos escravizadores estes pagavam caro a ousadia dessa escravidão.

Além disto algumas tribus desapareciam do littoral, internando-se pelos sertões, furtando-se assim da vista dos colonos.

Não tardou muito que em favor dos indígenas se fizesse sentir uma influencia benefica.

Esta influencia foi a Igreja.

Na America Portuguesa a voz do Padre Antonio Vieira influiu para diminuir a escravidão indigena e na America Espanhola, Bartholomeu Las Casas, Bispo de Chiapa, conseguiu do imperador Carlos V medidas protectoras para a liberdade do gentio.

Em abril de 1639, o Papa Urbano VIII em bulla dirigida ao Brasil, proclamava esta sentença : *Entes humanos como os demais homens não podem ser reduzidos á escravidão.*

Apezar disto, esta escravidão só terminou em 1759.

Resta-me agora vos fallar da escravidão negra, que foi mais longa, mais dolorosa e mais nefanda das escravidões.

Esta começou com os descobrimentos portuguezes na Africa e favorecida por D. Fernando e Carlos V.

Foi o seu iniciador o portuguez Gilianes que aprisionou nas Canarias alguns homens, escravizou-os e levou-os para a Europa, onde não conseguiu vendel-os por ter o principe D. Henrique, obrigado o pirata a reconduzi-los a sua patria.

Outros imitaram Gilianes e foi sob os auspicios regios que começou no Brasil a introdução dos escravos africanos.

O governo da metropole protegia aos indígenas e favorecia indirectamente a escravidão negra, devido ao character docil e submisso do africano, a sua resignação para supportar trabalhos os mais pesados, concorrendo assim para o typo ideal do escravo trabalhador.

Assim o trafico cresceu, formando-se contractos entre a Africa e a America ; e posta em uso a hereditariedade da escravidão esta augmentou extraordinariamente.

Esses infelizes eram surprehendidos e aprisionados por covardes piratas ou tro-

cados por missangas de vidro, pannos de riscado e muitas outras futilidades.

Viajavam amontoados nos porões dos navios, calculando-se 400 a 500 em cada viagem.

Era difficil e pessima esta travessia.

Muitos morriam em viagem saudosos de sua terra.

A bordo a lucta era tremenda.

Durante o dia era-lhes permittido subir a coberta; muitos aproveitavam essa occasião e se atiravam ao mar quando escapavam ao olhar do seu vigilante.

Eram maltratados quando não queriam se alimentar ou choravam com saudades daquelles que haviam ficado e que sabiam nunca mais encontra-los; as mães não lhes era permittido nutrir o filhinho.

As vezes eram acommettidos pelo *banzo*, molestia que os tornava idiotas e apathicos, quando não os dizimava a inanição.

Vendidos aos colonos estes, apesar dos grandes lucros auferidos com o seu trabalho, nenhum cuidado dispensavam ao pobre escravo.

Elle não era mais que um animal ao qual se dá alimento e descanso, condições essenciaes para recuperar as forças e continuar um bom trabalho.

A vida para elles era o eito das fazendas onde trabalhavam desde o nascer do sol até á noitinha.

Seu trabalho era dirigido pelo feitor, homem de máos sentimentos, empunhando o relho ou chicote que elles chamavam bacalháo.

Ai do que commettesse uma falta; o feitor surrava-o até fazer sangue, quando não o atava a um pedaço de páo, não lhe sendo possivel mover os braços e as pernas : era o tronco.

A senzala, que mais se parecia um curral que habitação humana, era o lugar destinado ao descanso.

Esse regimen adoptado no Brasil fez com que o escravo a principio fugisse,

preferindo morrer livre no meio das florestas, longe da repugnante senzala e dos olhos satânicos do feitor e dos senhores.

Alguns houve que, quando estavam quasi a ser alcançados pelos capitães de matto homens perversos que andavam em sua busca, atiravam-se ao abysmo junto com seus filhos para exterminar com elles a malfadada existencia.

As fugas continuavam, os assassinatos de senhores e feitores, multiplicavam-se. A nossa historia registra um facto heroico desses infelizes : o Quilombo dos Palmares.

Aproveitando o abandono em que ficaram, quando Pernambuco foi invadido pelos hollandezes, fugiram e formaram um nucleo resistente entre Porto Calvo e Atalaia.

Ahi chefiados por Zumby saqueavam, uma vez por outra, algumas fazendas proxims e faziam pequeno commercio com os logarejos vizinhos.

Durou esse Quilombo 64 annos, de 1630 a 1694, contando uma população de 20 mil escravos.

Constiuindo um serio perigo para os colonos o governo mandou combate-lo.

Não foi facilmente conquistado, senão depois da derrota de algumas expedições.

Zumby atirou-se a um abysmo, dizendo aos companheiros : *A morte é a liberdade, a vida é a escravidão.*

Esse gesto foi imitado pela maior parte dos companheiros.

A principio todas as nações civilisadas toleravam essa escravidão, mas o evoluir dos tempos fez que em alguns paizes fosse ella se extinguindo. Alguns brasileiros, muitas vezes de origem suspeita, dizem que o mal deste paiz é ter sido povoado por negros e portuguezes, lastimando não serem descendentes de hollandezes ou espanhóes.

Não digamos assim, pois nos tornariamos ingratos para com Henrique Dias, injustos para os Rebouças; maculando os no-

mes de Luíz Gama e José do Patrocínio. Coube a Inglaterra o papel mais importante na campanha para a extincção desse trafico.

Em 1826 o Brasil comprometteu-se com ella em abolir o trafico; compromisso esse assignado com a lei de 7 de novembro de 1831.

Máo grado nosso só em 1850 o grande estadista Eusebio de Queiroz impoz severas penas aos contrabandistas.

Já existia no Brasil 1.500.000 escravos. Estava assim dado o primeiro passo para a liberdade.

No Sul, na cidade de Santos, existia um baluarte da propaganda abolicionista : o quilombo de Jabaguarana.

Alli muitas almas justas e piedosas crearam um ayslo para os desventurados captivos.

Emquanto nas fazendas se castigava, alli se dava aos foragidos o pão, o carinho, o trabalho, a liberdade, o consolo, a instrucção.

Secca a fonte do trafico era preciso secar outra tambem de grande valor : o ventre.

Dentre essas pequenas campanhas apparece José Maria da Silva Paranhos, visconde do Rio Branco, talento de primeira ordem, que se entregando a essa obra meritoria, conseguiu vencer os maiores obstaculos e ligar eternamente o seu nome á lei de 28 de setembro de 1871, que declarava livre os filhos que nascessem de mulheres escravas.

Esta lei ficou conhecida por Lei de Ventre Livre.

Desappareceu com essa lei o estigma que traziam as creanças desde o seio materno.

As conquistas foram pequenas, lentas e difficeis.

Os senhores de escravos se oppunham tenazmente as ideas libertarias contrarias aos seus interesses.

Em 1884 no Amazonas e Ceará já não havia escravos.

No Ceará o heróe jandadeiro Francisco José do Nascimento, appellidado *Dragão do Mar*, de accordo com alguns moços que faziam parte de sociedades libertadoras, fechára o porto ao trafico da carne humana tendo tido muitas vezes que sustentar luctas terriveis com a força do governo.

Homem ignorante, sem instrucção, tinha nalma a sinceridade dos que se sacrificam por uma idéa.

A propaganda recrudesca.

O espirito publico não tolerava as consequencias funestas da escravidão.

A velhice do escravo teve o seu arrimo na humanitaria lei de 28 de setembro de 1885, proposta pelo ministerio presidido por José Antonio Saraiva e decretada pelo de João Mauricio Wanderley, barão de Cotegipe.

Dia a dia o pensamento da liberdade dos captivos ganhava novos adeptos.

A mocidade estudantesca, as sociedades libertadoras, as classes armadas, auxiliavam poderosamente aos propagandistas brasileiros José do Patrocínio, Joaquim Nabuco, José Antonio Saraiva, Tavares Bastos, João Alfredo, Zacharias de Góes André Rebouças e muitos outros, que seria enfadonho enumerar.

Joaquim Nabuco não satisfeito com esta propaganda foi a Roma solicitar do papa Leão XIII o seu valioso concurso em prol da abolição no Brasil.

A alma brasileira se levanta para protestar contra o crime secular da escravidão. A raça negra vae ser incorporada no Brasil á communhão social.

A mancha de lodo e sangue que deshonorava toda a America apagou-se com a lei de 13 de maio de 1888, conhecida por lei Aurea, sancionada pela princesa, D. Isabel, filha de D. Pedro II e regente em nome de seu pae ausente.

Ella ficou cognominada a *Redemptora*.

Ao terminar a assignatura, José do Patrocínio o grande tribuno, ajoelhou-se e exclamou : *Meu Deus, já posso morrer, não ha mais escravos em minha terra.*

Diz tambem o historiador Raphael Galanti que das tribunas cahiam nuvens de flôres e o pranto e a alegria irrompiam de todos os lados.

Estava extincta a escravidão no Brasil.

Sr. Director, peço-vos desculpas pelas faltas encontradas, filhas de meus escassos conhecimentos.

A vós collegas agradeço a attenção com que me ouvistes e espero o vosso benevolo acolhimento.

E vós, creanças desta escola, a quem principalmente me dirijo, amai com fervor esta casa pois é nella que, por meio dos ensinamentos de vossas mestras, encontrareis o segredo do destino das gerações, preparando assim vossos corações para os bons sentimentos, vossa intelligencia para as boas idéas e vossas forças para as boas obras.

Unidas agora ergamos um viva ao Brasil.

Viva o Brasil !

Viva o dia 13 de Maio !

Inesia Diegues Serva.

Do Grupo Escolar "Diegues Junior".

"Pretendo que os meus alumnos não creiam sinão no que lhes possa sêr demonstrado". (Pestalozzi).

"Não lanceis a criança no labyrintho das palavras, antes de haverdes formado o seu espirito no conhecimento das realidades". (Pestalozzi).

"Os alumnos não devem sêr um instrumento passivo: a sua educação não será sólida si não fôr elle o seu proprio agente". (Pestalozzi).

Os grandes educadores alagoanos

I

DOMINGOS MOEDA

Domingos Bento da Moeda e Silva nasceu a 4 de agosto de 1839, no povoado da Barra de S. Antonio, actualmente municipio de S. Luiz de Quitunde.

Vencido o curso primario naquelle povoado, passou-se para Maceió, onde cursou com brilho e proveito as disciplinas classicas do tempo : Latim, Philosophia e Rethorica.

Tendo de escolher uma profissão e não sendo um favorito da fortuna, optou pelo magisterio. E para elle preparou-se solidamente, frequentando os melhores professores contemporaneos e em breve com elles emparelhava.

Latinista profundo, sabedor insigne de varias linguas, da geographia, da historia e das mathematicas puras, deu-se de corpo e alma ao professorado, tornando-se o seu curso de humanidades dos mais conceituados e frequentados da capital.

Intelligencia vasta e penetrante, sempre em dia com a evolução da pedagogia, installou-se o illustre educador solidamente na sua profissão,

Professor, exclusivamente professor durante meio seculo, nunca cortejou a politica nem teve aspirações que della dependessem. O seu mundo era o seu collegio—o *São Domingos*.

Levaram-no, sem favor, á vereança municipal e em 1887 fizeram-no Presidente da Camara em cujo posto bem serviu á sua cidade. Mas logo voltou ao seu educandario, a cuidar, patrioticamente, da formação mental e moral de centenas de alagoanos.

Em 50 annos de professorado preparou

para mais de mil rapazes: preparou-lhes a intelligencia sem a preocupação venal do exame; preparou-lhe o character, moldando-o pela propria austeridade da sua moral.

Do seu collegio, de quando em vez, era chamado ao Lyceu. Em 1865 regeu interinamente a cadeira de latim; no anno seguinte, ainda interinamente, substituiu o cathedratico dessa disciplina; em 1870 chamaram-no á cadeira de inglez; todos os annos lá estava, na nossa tradicional casa de ensino secundario, como examinador e presidente de bancas.

Por fim, em 1889, foi nomeado cathedratico de portuguez, solicitando, tempo depois, sua exoneração.

Nunca se deu a outra profissão e, sem desfructar na vida as vantagens asseguradoras do exito, comtudo triumphou, triumphou pela intelligencia, pelo saber, pela bondade, pela nobreza da profissão a que se consagrou com abnegação, preparando conscientemente homens dignos da sua terra e da sua gente.

Cançado do magisterio, deu por encerrado o ciclo do seu sacerdocio, recolhendo-se ao seio abençoado da sua familia.

Mas, octogenario, o seu espirito não envelhecera. A mesma scintella que lhe illuminara a vida, tornando-a das mais nobres e das mais uteis ás Alagôas, no fim daquella existencia meritoria bruxuleou em beneficio dos seus semelhantes. A sua instancia foi fundado o *Orphanato S. Domingos*, a casa modelar, que é o orgulho das Alagôas.

O professor Domingos Moeda falleceu a 15 de dezembro de 1923, em Maceió, aos 84 annos de idade, dos quaes 50 foram consagrados ao magisterio.

CONSÊLHOS

Meninos, eu vou dictar
As regras de bem viver :
Não basta sómente lêr,
E' preciso ponderar
Que a lição não faz saber,
Quem faz sabios é o pensar.

Neste tormentoso mar
De ondas de contradições
Ninguem soletre feições,
Que sempre se ha de enganar ;
— De cáras a corações,
Ha muitas leguas que andar.

Applicai a conservar
Todos os cinco sentidos,
Que as parêdes têm ouvidos
Ei tambem podem falar ;
— Ha bichinhos escondidos
Que só vivem de escutar.

Quem quer males evitar
Evite-lhe a occasião,
Que os males por si virão
Sem ninguem os procurar ;
Antes que ronque trovão
Manda a prudencia ferrar.

Sempre vos deveis guiar
Pellos antigos consêlhos,
Que dizem que ratos velhos

Não ha modo de os caçar ;
Não bataes férros vermelhos
Deixai um pouco esfriar.

Se vos mandarem chamar
Para vêr uma funcção
Respondei sempre que não,
Que tendes em que cuidar.
Assim se entende o rifão:
Quem está bem, deixa-se estar.

Deveis vos acautelar
Em jógos de pao e topo,
Promptos em passar o cópo
Das argolinhas do azár :
— Taes as fabulas de Esopo
Que vós deveis estudar.

Quem fala, escreve no ár,
Sem pôr virgulas nem pontos
E póde quem conta os contos
Mil pontos acrescentar :
Fica um rebanho de tontos
Sem nenhum adivinhar.

Até aqui póde bastar,
Mais havia que dizer,
Mas eu tenho que fazer,
Não me pósso demorar
E quem sabe discorrer
Póde o resto adivinhar.

D. Barbara Heliodora G. da Silveira.

(Martyr da Inconfidencia mineira). Minas Geraes — 1789

A criança deve ser posta em condições
de ganhar a propria subsistencia, e prote-
gida contra toda especie de exploração.

* * *

A escola deve dar a criança a capacidade
de exprimir-se facil e correctamente.

“E' preciso conduzir a criança das in-
tuições confusas ás percepções claras”.
(Pestalozzi).

* * *

Não ha escola bôa para a criança que
não quer aprender.

O ensino primario no Estado



As cifras fidedignas, pacientemente colligidas pela Directoria Geral da Instrução Publica, para a estatistica escolar do anno passado, não nos deixam muito distanciados dos Estados que se estão empenhando seriamente pela dessiminação do ensino primario.

E' um facto que as estatisticas escolares em Alagôas nunca deram uma idéa, se quer approximada, do estado da população infantil, quanto á alfabetisação.

As cifras, de quando em vez publicadas, nunca passaram de estimativas. Em verdade, dessas cifras á realidade a distancia era sempre grande. E assim mesmo, revestidas de authenticidade official, corriam mundo.

A fonte donde ellas provinham — o professorado — não era isenta de suspeição, porque os mappas escolares organisados mensalmente para o effeito de recebimento de ordenados e que serviam de base á estatistica geral, eram sempre fantasticos. Os algarismos que elles registravam, sem fiscalização de especie alguma, cresciam ao sabor das conveniencias dos professores, empenhados em dar á Directoria Geral a illusão de que, no interior, o magisterio cumpria rigorosamente o seu dever.

Mas a propria Directoria não tinha elementos para ajuisar exactamente o gráo de eficiencia da dessiminação do alfabeto. Porque não se fizera ainda o inquerito censitario da população infantil em idade escolar. E sem essa base tudo mais fallava.

Esse recenseamento foi feito em 1925—1926. E se bem que, por motivos diversos, não fosse um trabalho completo, limitado que ficou aos nucleos de população mais densa, para o effeito de uma melhor loca-

lisação das escolas ruraes, fez-se comtudo um serviço meritorio e de proveito ao fim collimado.

As escolas vão tendo, pouco a pouco, uma localisação mais criteriosa, em harmonia com as exigencias da população infantil que precisa de alfabetisação. E chegou-se a um resultado seguro, quanto ao numero de crianças em idade escolar.

A' data do recenseamento foram contadas nas localidades de população mais densa 45.929 crianças em idade escolar, das quaes 22.854 eram completamente analfabetas.

E' uma base, essa, que se póde considerar irrecusavel, attento ao cuidado com que foi feito o serviço, para apreciação do coefficiente de analfabetismo entre as crianças alagoanas. Esse coefficiente é, fora de duvida, inferior a 50 %.

Ainda bem. Outros Estados dão maior coefficiente. E, por isso, nos devemos sentir consolados porque o coefficiente do analfabetismo é maior em outras circunscripções administrativas do paiz.

Temos agora a estatistica escolar de 1926, calcada em informações rigorosamente exactas, pois que o serviço de matricula e frequencia em todo o Estado é severamente controlado pelas Juntas Escolares. A matricula e a frequencia nas escolas publicas, registradas nos mappas mensalmente enviados á Directoria, são uma verdade.

O quadro que temos presente abrange tambem o ensino particular. Com relação a esse a estatistica daquelle anno alcançou sómente os estabelecimentos devidamente registrados, em numero de 70.

Segundo esse quadro, organizado pelo Inspector Geral, Sr. Archimedes Gomes da

Nobrega, a *Revista de Ensino* pode archivar os informes que seguem.

Em 31 de dezembro de 1926 existiam, em pleno funcionamento no Estado 411 escolas primarias, sendo:

Officiaes	341
particulares.	70

Das 341 escolas officiaes 7 eram agrupadas e 334 isoladas, das quaes 70 do sexo masculino, 68 do feminino e 196 mixtas.

Das 70 escolas particulares 9 eram masculinas, 10 femininas e 51 mixtas.

O ensino nas escolas estadoaes foi ministrado por 428 professores — 26 homens e 402 senhoras e nas escolares particulares por 130 professores—70 homens e 60 senhoras.

Temos, portanto, um total de 411 estabelecimentos de ensino primario e 558 professores.

Nas 341 escolas estadoaes matricularam-se 25.905 crianças, sendo:

Sexo masculino	10.519
" feminino	15.386

Nas escolas particulares a matricula foi a seguinte :

Meninos	1.232
Meninas	2.111
<hr/>	
Total	3.343

Temos, pois, um total de 29.248 crianças matriculadas nas escolas, para 45.920, recenseadas, em idade escolar.

A frequencia media nas escolas publicas elevou-se a 18.169, sendo: 10.840 femininas e 7.329 masculinos. Nas escolas particulares a frequencia foi de 2.816; 1.775 do sexo feminino e 1.040 do masculino.

Tem o Estado a alfabetisar, segundo o levantamento do censo escolar de 1925—1926, pouco mais de 16.000 mil crianças.

O ensino primario no Estado é dado á infancia, segundo á progressão do ensino, em escolas infantis e escolas fundamentais; segundo á organização, em escolas isoladas, escolas reunidas e escolas agrupadas; segundo á sua localização, as escolas são ruraes e urbanas.

O Estado ainda não tem a organização completa do Jardim da Infancia, que é o intermediario entre a familia e a escola primaria, para crianças maiores de 5 e menores de 7 annos. Mas, na capital, em tres dos seus grupos escolares, funcionam cursos infantis, para crianças daquela idade, que obedecem, mais ou menos regularmente, os processos pedagogicos de Montessori, com resultados apreciaveis.

Mais um esforço, quando o permittirem as finanças estadoaes, teremos o Jardim da Infancia.

Os grupos escolares, em numero de 7, dos quaes 4 na capital, são a vanguarda do ensino primario. A organização que nelles se observa, se não attinge á perfeição, vae sendo de uma eficiencia notavel.

Ha professores que podem exercer o magisterio em qualquer Estado: intelligentes, estudiosos, a par dos melhores processos de ensino.

No interior a fiscalisação assidua das Juntas Escolares vae conduzindo o ensino aos beneficios que delle se deve esperar.

Ha, é verdade, muito que fazer: mas, é tambem um facto, está se fazendo o possivel, dentro da exiguidade dos recursos orçamentarios.

A criança deve ser educada, inculcando-se-lhe o sentimento do dever de pôr as suas melhores qualidades a serviço de seus irmãos.

* * *

E' preciso conduzir a criança das intuições confusas ás percepções claras". (Pestalozzi).

PASSARO CAPTIVO

(Exercício de leitura e memória)

Armas, n'um galho de arvore, o alçapão...
E, em breve, uma avezinha descuidada,
Batendo as azas, cae na escravidão!
Dás-lhe, então, por esplendida morada
A gaiola dourada.

Das-lhe alpiste, agua fresca, ovos e tudo.
—Porque é que, tendo tudo, hade ficar

O passarinho mudo,
Arrepiado e triste, sem cantar?

É que, creança, os passaros não fallam:
Gorgeiando apenas, sua dor exhalam,
Sem que os homens os possam entender...

Se os passaros fallassem,
Talvez os teus ouvidos escutassem
Este captivo passaro dizer:

«Não quero o teu alpiste !
«Gósto mais do alimento que procuro
«Na matta livre em que a voar me viste ;
«Tenho agua fresca n'um recanto escuro.
 «Do bosque em que nasci ;
 «Tenho fructas e flores,
 «Sem precisar de ti ;
«Não quero a tua esplendida gaiola :
«Pois nenhuma riqueza me consola
«De ter perdido aquillo que perdi !

«Prefiro o ninho humilde, construído
 «De folhas seccas, placido e escondido
 «Entre os galhos das arvores amigas.
 «Deixa-me ! quero o sol,
 «Quero o ar livre e o perfume da floresta !
 «Com que direito á escravidão me obrigas ? !
 «Quero o esplendor da Natureza em festa !
 «Quero, ao cahir da tarde,
 «Soltar minhas tristissimas cantigas !
 «Porque me prendes ? Solta-me, covarde !
 «Não me roubes a minha liberdade :
 «Deus me deu por gaiola a immensidade !
 Quero voar ! voar !...»

Essas cousas o passaro diria,
 Se pudessem os passaros fallar...
 E a tua alma, criança, sentiria
 Essa immensa afflicção :
 E a tua mão, tremendo, lhe abriria
 A porta da prisão...

OLAVO BILAC.

Instrucções para o professor:—a) mandar ler e decorar a poesia,
 —*b)* pedir e explicar a significação das palavras menos communs, como
gorgeando, exhalam, pompas, arrebol, etc. ; — *c)* pedir o transumpto oral
 e depois escripto desta poesia; — *d)* fazer ver que, de facto, só o grande ego-
 ismo do homem explica que elle prenda uma ave, que de nada lhe serve
 sómente porque lhe agrada á vista e ao ouvido, com prejuizo da liber-
 dade da pobresinha.

Defeitos de educação

Historia de um menino mal educado

(OCTAVIO PIRES)

(Continuação)

COMO A FAMILIA DE JULIO O FAZ INFELIZ

Julio é expulso do collegio no meio do anno.

As matriculas do Gymnasio estão fechadas e por isso fica em casa a espera que se abram.

Como "já é mocinho", consoante lhe chama a familia, tem todas as liberdades e vive ao sabor de suas tendencias

Pela manhã sae e recolhe-se á casa quasi á hora do almoço; feita a refeição, dorme algumas horas, acorda e espera o jantar.

Tem-se em conta de moço bonito, por isso esmera-se na *toilette*.

Vai á mesa de jantar preparado para sair; logo que termina a refeição, dirige-se ao espelho, deita o chapéo, suspende a aba atraz, abaixa-a na frente, accende o cigarro ou charuto, pega da bengala, e la vai em busca de amigos para o passeio.

Se consegue fazer-se acompanhar, não deixa de percorrer as ruas que têm maior numero de familias.

Assim que se vai approximando das casas em cujas janellas ha moças, dá forte palmada nas costas do companheiro, ou atira-lhe o chapéo ao meio da rua, ou empurra-o para fazel-o cair, e isso tudo acompanhado de risadas e carreiras.

Quer que as atenções voltem-se para elle e que as moças o achem espirituoso.

Si toma o *bond*, fal-o com barulho, fa-

lando alto, dizendo banalidades e dando gargalhadas.

O intuito é sempre o mesmo:—chamar attenção.

Logo que o *bond* passa em frente dum bilhar, café ou botequim, salta e obriga o companheiro a seguil-o.

Vai em busca do taco ou do cópo.

No estabelecimento onde se acha, o procedimento é sempre o mesmo.

Derrama o café ou cerveja dos companheiros, ou deita-lhe cinza de cigarro, de modo a provocar protestos e ditos picantes.

Passa algum tempo nesse bello gosto e depois dirige-se ás igrejas ou ás avenidas, ou aos alpendres dos theatros, se estão funcionando.

Sempre vai acompanhado de amigos *melhores* ou iguaes a elle.

Em falta de outros *divertimentos*, vagueia pelas ruas, dirigindo pilherias ás pessôas que encontra, batendo nas portas e correndo depois, ou entrando nos *bonds* e saindo, depois de percorrer pequenas distancias.

Assim *diverte-se* até ás 11 horas ou meia noite quando se recolhe á casa.

Ahi chegando, procura os aposentos e dorme até as 8 1/2 ou 9 horas da manhã, para depois recommear a vida do dia anterior.

A familia não lhe faz a menor observação. E' "mocinho" e por isso é natural que se *divirta* e fique na rua até muito tarde da noite.

Com a familia é duma *dócilidade* e *amabilidade* extraordinarias.

Grita com a mãe e as tias; por qualquer motivo bate nas creadinhas.

Exige collarinhos alvos e lustrosos, e coitada daquella que não lh'os trouxer a contento!

"E' nervoso", diz a mãe, e por isso relevam-lhe as má creações.

O pae, devido ás suas occupações, poucas vezes o vê, e não póde zelar por elle.

Leva assim a vida, até o dia de seguir para o Gymnasio.

* * *

Julio nada aproveitou durante o tempo que percorreu os collegios ; mas apesar disso, inscreve-se nos exames de certificados officiaes ou de admissão, para matricular-se no Gymnasio.

A falta de conhecimentos é supprida pela abundancia de coragem !

Garante á familia que é approvado e no dia marcado para os exames é um dos primeiros a apresentar-se.

Verificadas as provas escriptas, Julio é reprovado.

Chega em casa e diz "que os pontos de exames foram além dos exigidos pelo regulamento da instrucção publica, e que os examinadores tornaram-se carrascos, e que por isso, elle e toda a turma foram reprovados.

Como "mal de muitos consolo é," a familia resigna-se e facilmente esquece a primeira prova da *bôa* instrucção que lhe tem dado.

Não tendo sido approvado em exames de admissão, Julio não pôde matricular-se no Gymnasio, mas, precisando fingir de *estudante de preparatorios*, vai como ouvinte.

Abrem-se às aulas, Julio apresenta-se no estabelecimento, mas não as frequenta.

Passa o tempo nos corredores, fumando, gritando e dando vaias.

O inspector do estabelecimento vive constantemente a reprehendel-o, sem ser attendido.

Muitas dias não vai ao Gymnasio, e de livros debaixo do braço e cigarro á bocca, anda vagabundando por toda a parte.

Um dia promove um grande barulho no edificio do Gymnasio: não o podem mais supportar, despedem-no e vedam-lhe a entrada.

Não leva o facto ao conhecimento da familia, e continua a sair todos os dias para os *estudos*.

Um collega, depois de algum tempo, o vai procurar, e não o encontra ; conta a familia o que se passou no Gymnasio.

Todos ficam contrariados, e logo que Julio chega indagam por que foi despedido.

Responde com palavras arrogantes e explica tudo a seu geito, dizendo "que se nada tinha dito era porque isso não o prejudicava e nem o impedia de entrar em exames no fim do anno ; estava estudando com explicadores particulares.

Levam o facto ao conhecimento do pae ; este revolta-se e reprehende o Julio ; mas resolve-se a ir pedir ao director do Gymnasio que releve a falta e dêixe que o filho volte aos *estudos*.

E assim faz.

O director do Gymnasio aproveita-se da occasião e faz-lhe ver a falta de applicação do filho e incorrecção de proceder.

Como elle pede, permite que Julio volte ao estabelecimento, certo de que elle nada aproveitará.

Se, porém, continuar a perturbar os trabalhos da casa e a esquecer-se do Regulamento, será despedido de vez.

Retira-se o pae satisfeito e ao chegar á casa communica a todos que Julio pôde voltar ao Gymnasio.

O *estudante* está fóra, e ao recolher-se pregam-lhe um *sermão*, que elle não ouve e ao qual nem liga importancia.

A todas as pessôas amigas diz a familia que Julio vai bem nos estudos e que no fim do anno pretende tirar quatro ou cinco preparatorios.

Mas infelizmente chega o fim do anno e o *estudante* não vai a um só exame, porque *aguarda-se* para os exames de março do anno seguinte.

Começam as férias, mas não para elle, porque nellas vive todo anno.

* * *

De Novembro a Janeiro, Julio passa como sempre, com a differença de não se fazer acompanhar pelos livros; frequenta assiduamente todas as festas de familias ou duvidosas.

Si a familia é convidada para uma reunião, e por qualquer motivo não póde ir, elle é que não se deixa ficar em casa e lá se apresenta.

Ao chegar á reunião, o primeiro cuidado é familiarisar-se com o botequim da festa e fazer-lhe repetidas visitas, antes de começarem as danças.

Depois dirige-se á sala e a todas as senhoras, conhecidas ou não, vai pedindo walsas, quadrilhas e polkas.

Muitas revoltam-se com a petulancia do *mocinho* e o despedem sem lhe prestar attenção; outras mais condescendentes, pedem-lhe desculpa e excusam-se.

Afinal encontra quem lhe satisfaça o pedido, e eil-o em movimento.

Durante os intervalos é constante no botequim.

Poucas horas depois de começar a festa, tem o lenço cahido em triangulo sobre o palitot e preso ao collarinho amarrotado e sujo.

Fala a todos e sobre tudo, procurando sempre fazer-se espirituoso e admirado!

Fuma nas salas, cospe por toda parte e pisa na cauda dos vestidos das senhoras.

Quando termina a reunião elle é um dos ultimos a sair, porque, depois de já se achar de chapéo e bengala, ainda vai ao botequim ver algum resto de bebida da qual se serve.

Quando a familia não é convidada e elle sabe que ha festa em qualquer parte, procura logo um conhecido, que tenha sido convidado e pede-lhe para o levar em sua companhia; si não encontra quem lhe arranje ingresso, apresenta-se por si e com desembaraço toma parte na reunião, e a

excepção do dono da casa, todos o têm como convidado.

Como, bebe e dança, sem cerimonia e com o maior desembaraço.

Si a festa é d'algum anniversario e servem-se mesas de frios e dôces, elle, é quem começa os brindes dizendo: "Eu não devia levantar a minha desautorizada voz..."

Durante muito tempo aborrece a todos a dizer asneiras e só termina quando as manifestações de enfado são bem visiveis.

Entende que é orador e deixa-se levar por essa illusão.

Como sempre, é um dos ultimos a retirar-se e muitas vezes ainda vai em busca d'algum *popular*, donde sae ao romper do dia.

A familia, habituada como está, não se preoccupa com elle e nem procura saber onde passa quasi sempre as noites inteiras.

"E' *mocinho*" e por isso é muito natural que tenha certa liberdade e que goste de festas e danças.

Ainda dizem mais:

"Está na idade; o pae, quando era como elle, e até a bem pouco, não perdia uma festa".

"Fosse onde fosse, elle lá ia".

"Todos podiam ser esquecidos por occasião dos convites, menos elle". "Pudera! era um dos primeiros pares de walsas das salas e um dos moços mais espirituosos daquelle tempo: o filho tem a quem puxar, quem herda não furta".

Julio saiu ao pae, satisfaz o gosto da familia e para isso não se faz rogado.

(*Continúa*).

E' mais pelo coração do que pela razão que devemos conquistar á criança e ter ascendencia sobre ella. (Marion).

* * *

A vida não é para o saber nem para o trabalho, mas o saber e o trabalho são para a vida. (Spencer).

Educação Nacional

(ARARIPE JUNIOR)

Quando penso no que ouvi referir relativamente aos methodos barbaros que empregavam os mestres régios para embutir no cerebro das crianças a *Artinha* do Padre Pereira, não posso deixar de reconhecer que temos caminhado muito.

Em 1864, na cidade do Recife, quem escreve estas linhas, assistia como victima integrante da hecatombe, ás sabbatinas da aula de latim do Dr. Cajueiro.

Imagine-se uma turma de 50 ou 60 alumnos, diga-se, a aula inteira, sem distincção de classes, desde a de *hora horæ* até a de Virgilio, formando um grande circulo, e um maniaco de latinidades, no centro, a fazer perguntas inesperadas, aos adiantados, aos cavilosos, aos atrasados; ponha-se no cerebro desse maniaco o prazer feróz do *quináu* e a astucia vulpina do *grammatico*, que nunca teve outro horizonte senão o da philosophia da crase ou da metathese; accrescente-se o rancor systematico contra o viço e a natural inconsequencia da juvenildade; arme-se esse individuo, em nome da lei, de uma ferula, e de impunidade no animo dos pais, e ter-se-ha fielmente stereotipada a pedagogia de não ha muitos annos, tal qual a concebiam nossos maiores e prérgavam os Robespierres das escolas primarias.

Nesses tempos raro era o professor que não accitava como verdade inconcussa o aphorismo — *litteræ sine sanguine non intant*, e o *serva dorsum* do seculo XVII. O mestre de ordinario olhava para o menino com odio; e todo seu esforço, todo seu cuidado, toda sua sciencia concentrava-se no desenvolvimento de uma pericia de domador de feras. Mil armadilhas eram por elle inventadas para colher em falta as po-

bres crianças confiadas á sua solitudine; e nunca de seus labios defluia um movimento de *sympathia* ou de amor.

A submissão incondicional era a melhor virtude do alumno.

Deste modo a escola não se affigurava aos que para ella eram impellidos senão como um ergastulo destinado á tortura daquelles que se propunham ao saber.

Felizmente tudo isto desapareceu com o pesadelo da propria escravidão; e não ha pedagogo actualmente que não preconise a eliminacão systematica do medo dos processos da educacão. Com effeito, não podia dar-se maior inconsequencia do que começar a instrucção pela *paralyisia* das forças da vontade e pelo embotamento da percepção. Hoje a disciplina escolar achase firmada justamente na cultura desses elementos, que outr'ora eram atrophados. Tornar o ensino alegre e attrahente, economisar as forças do alumno, e evitar o desperdicio da attenção: eis o ponto essencial da pedagogia moderna e que se offerece tão intuitivo que é sufficiente enuncial-o para tornal-o inevitavel.

Não basta, porém, que á escola se tenha tirado esse character repulsivo de carcere privado e de matadouro antigo. No estado actual de nossa civilisação, dada a insinceridade de pedagogos, nos proprios jardins da infancia e nas escolas, em que o ensino corre parellhas com as mais bellas festas, senão espectaculos da intelligencia, sob a apparencia d'essas flôres e desses ruidos festivos, muita vez se estão apparellhando escravidões intellectuaes, ergastulos Moraes muito peiores do que os que nos fabricavam os mestres-régios dos tempos antigos. Eu me refiro ao pessimismo pro-

pinado nas escolas por meio de uma educação cívica, na qual directa ou indirectamente se reflecte o desalento de certos espiritos e a desorientação de naturezas, para as quaes não existe uma faculdade chamada *enthusiasmo*, susceptível de ser cultivada como qualquer outra.

De que serve alimentar a energia individual do alumno, illuminar-se-lhe a imaginação, enchendo a sua intelligencia de aspirações scientificas e artisticas, se tudo isso tem de esbarrar diante da convicção de que o circulo em que elle vive não o animará, nem correspondendo a seus esforços, nem comprehendendo os seus intuitos ?

Pois bem, é esse o grande vicio que se nota, com raras excepções, na pratica de todos os dias. O pessimismo e o máu humor filtram a todo instante, passando dos labios do mestre e das paginas dos livros, atravez do coração ingenuo das crianças; e quando menos se pensa, em vez de se ter apparelhado um homem, sadio no corpo e na alma, alegre e contente de si mesmo, e cheio de coragem para entrar na lucta da vida, o que se encontra é um desalentado, um vencido, cuja unica aspiração está no repouso, cuja unica actividade reduz-se a uma critica esteril do circulo social em que as circumstancias o collocaram. E tudo isto, esse mediocre sentimento de resignação, essa repugnancia invencivel ao esforço, essa perenne maldicencia contra o paiz e contra os seus homens não é senão o resultado inconsciente do pessimismo que tem invadido sorrateiramente o nosso meio intellectual, e que de um modo insensivel vai carcomendo, a começar da escola, uma das mais bellas qualidades do homem — a coragem.

Como é possivel que de nossas academias saiam doutores dispostos a concorrer para o engrandecimento desta Patria, si desde os bancos de primeiras letras só se faz plantar em seu espirito a idéa da inferioridade do caracter nacional, da impotencia da raça a que pertencemos, da inutilidade do esforço num meio social condemnado pelas leis fataes da historia a ser mero campo de exploração de industriaes de outras nações ?

Contra isto pugno ha muito tempo, e desejaria vêr na pedagogia nacional inscripto como artigo primeiro do seu programma a guerra desabrida a todos aquelles que se tornam aqui echos malignos das calumnias assacadas ao Brazil pelos Gustavos Le Bon e outros publicistas, que, do lado opposto do Oceano, e com a autoridade de uma civilização milenaria descrevem o nosso caracter sem nos haverem estudado.

Nesta mesma *Revista* o Dr. M. Bomfim, com a proficiencia que todos lhe reconhecem, chamou a attenção dos mestres para a necessidade de modificar a pratica dos processos pedagogicos, que copiámos da Allemanha e da França, mostrando a conveniencia de confundil-os ou identifical-os com o meio physico e moral, em vista do qual é feita a educação da criança. Essa methodisação, que é simples, depende unicamente da intelligencia e do amôr que o pedagogo haja posto na arte que exerce; e tudo se consegue, accrescenta o illustrado publicista, "interessando a criança pelo scenario em que ella vive e pelas cousas que ella conhece".

Um dos maiores defeitos do systema de Rousseau foi converter o seu Emilio numa especie de Telemaco que não dava um passo sem o auxilio e o conselho de Mentor. A concepção pedagogica moderna funda-se exactamente no sentimento opposto. O mestre não passa de iniciador.

E as faculdades do alumno devem ser por junto avivadas de tal modo, que em pouco tempo seja o alumno o seu proprio mestre. Aprender, dizia Aristoteles, é viver. Viver é pôr-se a gente em intelligente concordancia com o meio circumdante. De sorte que a verdadeira educação consiste

no desenvolvimento encyclopedico das noções adquiridas no periodo propriamente animal e inconsciente da existencia, isto é, nos dois primeiros annos da vida. N'essa época não ha noção elementar de mathematica, de physica, de chimica, de biologia, de soiologia e de moral que não nos tenha penetrado no intellecto; durante esse tempo todos os phenomenos geraes têm sido registrados no cerebro; e desde que se tem penetrado no periodo consciente, não resta ao mestre outro trabalho senão aguçar o desejo de systematisar essas noções, num progredir harmonico, integral, da intelligencia, subordinado ao engrandecimento moral do individuo e da sociedade. Esse processo autodidactico, quando não tivesse outra vantagem, seria o meio mais efficaz de erigir o sentimento da propria dignidade.

Muito se tem escripto sobre o exito obtido nas escolas do ensino da historia pela biographia dos grandes homens; e para provar a efficacia deste ensino não seria preciso mais do que lembrar que raro é o homem de estatura moral, pertencente á civilização occidental, que não se houvesse nos primeiros annos de sua vida nutrido com as biographias de Plutarcho. E' que esse escriptor, como nenhum outro, conseguiu despertar os instinctos moraes do homem, communicando aos moços pelos exemplos de grandeza moral, citados em suas obras, um enthusiasmo infindo pela nobreza da raça humana. Ninguem melhor do que Plutarcho soube tonificar-lhes a alma com o sentimento de solidariedade, que se encontra na vida dos homens de todas as épocas, entre si, e da repercussão dessa qualidade nas sociedades de que elles foram os guias, os defensores ou protectores.

Ora, esse instincto moral apparece no homem ao mesmo tempo que nelle se formam aquellas noções rudimentares, de que o pedagogo se tem de tornar o jardineiro.

A obrigação, pois, do jardineiro é cuidar dessa planta, é regal-a com mais zelo ainda do que ás outras.

Os exemplos que mais podem convir á criança brasileira para o desenvolvimento desses seus instinctos moraes são os da nossa historia, a começar dos tempos que correm e volvendo depois ao passado.

Os livros de educação estão cheios de biographias de philosophos, generaes, estadistas, poetas e artistas de outras éras e de outros paizes.

Taes biographias são de ordinario letra morta para os cerebros infantis, porque, antes de tudo, lhes falta a vida, que só resulta da immediata correlação das figuras descriptas com o meio real em que se respira. Copiadas de autores classicos, esses esforços de grandes homens, que existiram em épocas longinquas, não conseguem imprimir-lhes no espirito impressão differente da que se obtem diante de figuras theatraes, de méra convenção, verdadeiras abstracções de virtudes, de talentos, de qualidades, elaboradas por artistas num intuito puramente esthetico. O que, portanto, se faz mistér no interesse da educação nacional é obsedar o alumno desde logo com a feição sympathica dos vultos da nossa historia, que mais proximamente influiram na organização da patria, esforçando-se o professor, o mais que fôr possível, por unir a vida, sentida, não decorada chronologicamente, desses individuos, aos beneficios de liberdade e de progresso delles decorrentes para o nosso meio social.

O primeiro empenho do mestre será, então, mostrar em como sem o esforço desses brasileiros, sem a superioridade de suas vistas, sem o seu desinteresse e as suas luzes, não seriamos hoje uma nação; e que tambem se é verdade, que, fóra do concurso do povo e das classes laboriosas, toda a sua intelligencia se perderia em vãos esforços, não é menos certo que o Brasil forma hoje um conjuncto de aptidões e se

affirma entre os povos, não á maneira de um aggregado de tribus insubmissas e incapazes de direcção, mas como uma pátria digna, tão digna como qualquer outra, de ser amada, e capaz de gerar nos seus filhos o sentimento da dignidade collectiva.

A grande questão reside em começar desde o berço a infundir no brasileiro a idéa, tornando-a palpavel, concreta, por meio de representações animadoras e fortificantes, de que somos um producto historico, temos individualidade, e que não ha que desesperar do futuro, desde que todos se convençam da realidade da nossa existencia. (Ext.)

JÓGOS ESCOLARES

GATO E O RATO

Diversas meninas formam uma ródá e duas outras ficam sendo: uma o *gato* e a outra o *rato*.

O *rato* esconde-se. Chega o *gato* e pergunta:

- Sr. *rato* está em casa ?
- Não senhor.
- A que horas elle vem ?
- A's 9 e 1/2.

Logo depois, chega o *gato* :

- Sr. *rato* já chegou ?
- Já, sim, senhor.
- Dá licença que eu entre ?
- Póde entrar, mas não cuspa no chão e limpe os pés !

Começa a perseguição: o *gato* a correr atraz do *rato* e este a fugir.

E assim levam muito tempo até que o *gato* consiga pegar o *rato*.

Depois, mais duas outras meninas serão o *gato* e o *rato*, até todas o serem.

Quando isto succeder, acabar-se-á o jogo.

* *

A SERPENTE

Esta serpente vem rastejando
E pouco a pouco vae se enroscando ;

Passem de largo, sejam prudentes,
Pois o veneno traz em seus dentes.

Nossa serpente, quando se enrola,
Fica redonda como uma bóla;
Chega o inverno que a entorpece
E nesse estado, morta parece.

Mas . . . despertou nossa serpente
E desenrola-se tranquillamente.
E' que do estio o sol ardente (*bis*)
Bem aqueceu esta serpente (*bis*).

As meninas formam um semi-circulo, cujas extremidades representam a cauda e a cabeça da serpente.

A que representa a cauda marcha para dentro do circulo e a que representa a cabeça marcha para fóra delle.

A cauda aproxima-se e a cabeça afasta-se do centro.

Ficam immoveis quando dizem: — Morta parece.

Depois a cauda se desenrola girando em sentido contrario e a cabeça volta para dentro do circulo (centro) restituindo assim á serpente, a sua fórma primitiva.

* *

CAÇADORES DE PASSAROS

10 a 60 Jogadores. Pateo ou sala de aula

Marcam-se dois cantos oppostos. Um é o *ninho* e outro a *gaiola* dos passaros. A *mamãe-passarinho*, escolhida, vae para o *ninho*. Duas outras crianças são caçadoras de passaros e ficam entre o *ninho* e a *gaiola*. Quando o jogo é na sala de aula, os jogadores ficam sentados nos bancos; si num pateo, ficam em linha na extremidade do pateo e são todos *passarinhos*, podendo tomar diversos o mesmo nome. Feita por grupos, será facilitada a chamada. Si fôr na sala de aula, cada fileira deve escolher o seu nome, mudando todos de logar de modo a se misturarem. O mestre chama o

nome dum passarinho e imediatamente todos os que têm esse nome voarão da *floresta* para o *ninho*, mas os *caçadores* procurarão impedil-o. O *passarinho* apanhado é posto na *gaiola*, mas fica salvo si alcança o *ninho*. E' preciso ensinar aos jogadores a não correr em linha recta para o *ninho*, mas a fazel-o em diversas direcções.

A distancia dos *caçadores* será determinada com pequena experiencia, de modo a evitar muito facil captura dos *passarinhos*.

* *

CATAVENTO

10 a 60 Jogadores. Sala de aula

Este jogo, além de divertir, serve para familiarisar as crianças com os pontos cardeaes.

Tendo a classe aprendido as direcções *norte*, *este*, *sul* e *oeste* um jogador, que representa o informante do tempo (o professor pôde tomar esse papel) fica defronte dos outros e annuncia a direcção em que sopra o vento.

Por exemplo, quando diz: "*Está soprando o vento norte*", os jogadores voltam-se rapidamente para o norte; si diz "o oeste", os jogadores voltam-se para "oeste"; quando diz "roda moinho" os jogadores giram tres vezes rapidamente sobre o calcanhar direito.

O interesse depende em grande parte da rapidez e variedade com que o chefe annuncia os pontos cardeaes. Para crianças mais velhas pôdem-se nomear os pontos collateraes: *Noroeste*, *sudoeste*, etc.

* *

CASANDO FLORES

Este é um dos lindos jógos orientaes da Coréa, jogado pelas crianças daquelle paiz, Japão e China.

Cada jogador segura um punhado de flores do campo — flôres e folhagens in-

discriminadamente, sem selecção no conteúdo do ramo. As crianças assentam-se em grupos.

O primeiro jogador destaca uma flôr do ramo e diz, por exemplo, *maravilha!* Os jogadores procuram casar essa flôr, isto é, cada um que tem maravilhas, colloca-as num monte de que se apropriará o primeiro jogador.

Em seguida, o proximo jogador destaca outra flôr que todos procurarão casar.

Ganhará aquelle que tiver maior numero de folhagem e de folhas contadas no fim. Neste jogo contam-se tanto as diversas especies de folhas como as diferentes especies ou côres de flôres.

* *

ATRAVESSANDO O RIACHO

Este jogo é favorito das crianças pequenas.

Traçam-se no chão duas linhas parallelas para representar o riacho. Para as criancinhas do 1.º anno (com 6 annos mais ou menos de idade) o riacho deve ter a largura de dois pés. Os jogadores correm em grupos e procuram saltar o riacho.

Os que conseguem fazel-o, saltam para traz pulando com os pés juntos em vez de saltar correndo. Em qualquer destes saltos o jogador que não saltar a linha representando o riacho, cae na agua e tem de correr para casa porque está molhado, ficando por conseguinte, fóra do jogo. Para os outros jogadores vae-se alargando o riacho (nova linha se traça para augmentar a distancia) até se alcançar a mais larga distancia que jogador algum pôde pular. O vencedor é o que conseguir o maior pulo.

"A escola verdadeira é aquella onde todos agem: os alumnos e o professor".
(Pestalozzi).

ODE

Aos jangadeiros de Alagôas

Nos braços de Amphitrite, — a immensidade,
Os jangadeiros vão, á noite e ao vento,
A's torturas do sol, á tempestade,
Livres, tão livres como o pensamento !

Entre abysmos, — o mar e o céu, as vagas
São-lhes, talvez, irmans na travessia...
E elles nem sentem commoções preságas,
Porque nunca sentiram covardia!

O mar parece, moderando o esforço,
Ter, para os jangadeiros de Alagôas,
Os affágos felinos das leôas,
Si um domador lhes amacia o dôrso.

E, comtudo, elles vão, levando nalma
O segredo da Gloria e do Destino,
Jangadeiros humildes, cuja calma,
Deante da morte, vale mais que um hymno !

Quem nos dirá que, nessas almas rudes,
Nesses homens do mar, — os jangadeiros,
Vive o germem latente das virtudes,
Do inflamado valôr dos brasileiros ! ?

O alphabeto da altura, com certeza,
Elles o sabem lêr na luz dos astros ;
Ouvem, na voz do mar a Natureza,
E a Natureza lhes conserva os mastros...

As nereidas e os gryphos, companheiros
Dos mais valentes e felizes nautas,

Abrem álas agora aos jangadeiros,
Como, na lenda grega, aos argonautas...

A' discreção de Eólo, a vela é um seio ;
E', por vezes, serena e, ás vezes, range,
Num palpitar constante de receio,
Que á maruja impaciente e que constranje...

Ondas cavadas, ondas em rebôjo,
Que se desfazem num lençol de espuma,
Deixam passar, vencidas pelo arrojo,
A jangada, que as fôrça uma por uma!

Que tragedias horriveis no mar alto,
Entre a furia revél dos elementos,
Onde ninguem se livra de um assalto,
E todos teem a vida por momentos!

Mas, nada os fez tremer e os apavóra
A' despeito da fome e do cansaço !
Envolvidos na treva ; á luz da aurora,
Querem vencer Neptuno braço a braço !

Titans, porque zombando das procellas,
Não respeitam do mar o grande jugo,
Como os velhos heroes, das caravellas,
Como os homens do mar de Victor Hugo !

.....
Pescadores! se canto o vosso feito
E a coragem suprema aqui vos louvo.
Conquistastes a gloria peito a peito,
Symbolisando a intrepidez de um povo !

CYPRIANO JUCÁ

A saúde povo e a Escola Primaria

MOLESTIAS E REMEDIOS

(DR. DIAS MARTINS)

Este capitulo, ensina a evitar molestias para : — têr mais saúde, viver melhor e morrer menos. E é por falta deste ensino ao povo, nas escôlas primarias, que são mordidas por cobras venenosas, todos os annos, no Brasil, 19.200 pessôas, das quaes morrem 4.800, e quasi todas agricultores. E isso sem fallar no mais. E esse desprêso pela saúde, pela riqueza mais preciosa para a vida humana, é perfeitamente representado por estas palavras de Broussais : — “o homem não morre, mata-se”. . Quantos milhares e milhares de mortes se evitaria no Brasil, si se ensinasse ao Povo, e desde a escola primaria, a defender a saúde !

Por isso a importancia deste capitulo para defesa da saúde do Povo Brasileiro será vista, com melhor entendimento do seu altissimo valor economico, através de alguns factos e numeros indicados abaixo, e relativos á nossa vida rural, especialmente em S. Paulo, e extraidos da these — “Necessidade do ensino da hygiene rural” — que apresentámos em 1907 ao 6.º Congresso Medico Brasileiro de Medicina e Cirurgia, reunido na Capital daquelle Estado :

— Quando em 1808 e 1809 a ulcera phagedemica dos paizes quentes assolou os colonos italianos, recém-chegados a S. Paulo, sobretudo nas vastas plantações dos cafezaes do Oeste, o prejuizo da população rural foi enorme... superior a 2 mil contos.

— A conjunctivite catharral, inflamação dos olhos, geralmente benigna, que o povo chama *dôrdoi*, atacando todos os annos os agricultores, só com medico e pharmacia despende annualmente cerca de 500

contos, sem fallar nos cégos que ficam, depois de cada explosão epidemica.

— Em algumas fazendas, apezar das terras fertilissimas, os salarios são elevados, o trabalhador escasso, o trabalho difficil, e tudo porque o *amarellão* ou *ankylostomiasis* reduz sobremodo a capacidade de trabalho, transformando homens robustos, cultivando seis mil cafeeiros, em opilados, mal cultivando dois mil, e assim mesmo, carpindo-os, ou capinando-os com a sua dyspnéa, a sua anemia galopante, a dissolução rapida da sua energia e a miseria de seus filhos, doentes como elle, e logrando viverem penosamente, mesmo comendo terra, para maior degeneração da raça.

— No inicio das explorações agricolas dos nossos sertões, no penoso trabalho de *abrir fazendas*, não poucos desastres de vida e dinheiro sobreveem, causados pelo *impaludismo*, a *ankylostomiasis*, a *dysenteria*, etc.

— A historia dos *ranchos*, abrigando as primeiras turmas dos trabalhadores da floresta bruta, amansando-a para os trabalhos agricolas, está cheia de episodios dolorosos, de retiradas sombrias, atravez de florestas magnificas, de rios piscosos, lembrando o *Fuge crudelis terras...* de Virgilio.

E nesse trabalho utilissimo de expansão da terra productora, para alimentar o commercio do paiz, ninguem o soccorre, ninguem o protege, á elle, que na solidão da floresta primitiva abre o primeiro trilho do progresso, e ergue o primero abrigo para a familia humana, á custa da propria vida.

E, si isso succede em São Paulo, o que não será no resto do paiz !...

— E o *remedio* para afastar perigos tão graves, e *evitar parasitas* no sangue e no cerpo dos *que mais trabalham no Brasil*, é o ensino da defesa da saude, ministrado ao povo pelo meio mais facil e pratico — “nas *escolas primarias*” — nas *escolas de agricultura*, e — na *propaganda popular*. — E este ensino, esta defesa da *carne de nossa carne, do sangue de nosso sangue*, é preciso dizel-o bem alto : — “*está muito antes da defesa da fronteira*”.

Molestias que mais atacam os gricultores.

Remedios e meios de evital-as e de alliviar os doentes

O agricultor é quasi sempre atacado por muitas molestias, e por isso é de toda conveniencia apprender a defender-se das que mais o perseguem, e a fazer alguns remedios caseiros, para acudir aos seus doentes, visto como nem sempre terá meios e facilidade de pagar ao medico e á pharmacia. Além disso, é utilissimo elle saber tambem prestar os primeiros soccorros aos enfermos, alliviando as dôres dos seus e do proximo, no ermo dos sitios, no isolamento das fazendas, soccorrendo: os afogados, os envenenados, os desacordados, ou sem sentidos, os queimados, animando assim os que soffrem, apavorados pelo desespero que causam as molestias do deserto do sertão. Si o agricultor não souber defender-se das molestias e nem prestar os primeiros soccorros aos seus, e aos trabalhadores doentes, terá muitos prejuizos, por não ter quem trabalhe, nem haver saude na sua casa, e o que é muito grave, ficará o seu sitio com a fama de *doentio*, defeito muito grande, afugentando os trabalhadores. Vejamos agora as principaes molestias que o atacam, os soccorros que elle póde prestar a si mesmo e aos outros, e os remedios que póde fazer, mesmo na sua propria casa

habitualmente assim a ter mais confiança em si, e não desesperar por falta de medico e pharmacia no momento do soffrimento.

Maleitas ou impaludismo

Comecemos pelas *maleitas*, uma das molestias que mais prejudicam a saude do agricultor, e o valor dos sitios e fazendas. As *maleitas* são chamadas tambem: *sezões*, *tremedeiras*, *febres intermitentes*, *febres palustres*, *malaria*, porém o verdadeiro nome é *impaludismo*.

As *maleitas* são espalhadas por uma qualidade de mosquito, que só vive bem nas aguas paradas dos rios, dos ribeirões, dos carregos e lagôas, nos charcos e nos açudes, sem limpeza e sem esgotos. O mosquito, mordendo a gente, deixa no lugar onde enterrou o ferrão ou rostro, dentro da pelle, o germen, isto é, a semente da molestia, que é um *microbio*, chamado *plasmódia da malaria*. Esse *microbio* tendo o feitio, ora de um polvosinho, que não se enxerga, de tão pequenino que é, ora de uma pequenina enguia, sahe do lugar onde o deixou o mosquito, dentro da pelle, e vae ter ao sangue, onde se agarra aos globulos vermelhos e fura-os; esses globulos vermelhos, existindo aos milhões no sangue, já sabemos, dão-lhe a côr vermelha, e têm o nome de *hematias* ou *globulos vermelhos* do sangue, sem os quaes não podemos viver, porque são elles, como já vimos, que carregam o oxygenio do sangue para distribuil-o por todas as cellulas, afim de que possam respirar e viver.

O *microbio* ou *plasmódio da malaria* furando as *hematias* fica dentro dellas, e ahi augmenta tanto, que em pouco tempo os globulos cheios dos seus filhotes rompem-se e de dentro delles sahem muitos *plasmódios* novos, e um veneno feito por elles, chamado *toxina*. E tudo isso vae se espalhando no sangue; e cada vez que as *hematias* são assim estragadas aos milhares,

cada vez que os plasmodios e veneno espalham-se no sangue, por todas as partes do nosso corpo, o doente de maleitas sente-se mal, tem o *acesso* das febres palustres, isto é, sente: arrepios, tremores, calefrios, bater de queixos, tremor de todo corpo, e um grande frio, depois do qual apparece um calôr forte, que é a febre, e depois o suor, suor em abundancia, que marca o fim do *acesso*, acabando quasi sempre á tarde, para voltar no outro dia ou nos dias seguintes, ás mesmas horas.

Si o doente não se tratar, as *maleitas* o matam, ou então o debilitam de tal modo, que fica imprestavel para o serviço mais leve, e os filhos que tiver seraõ todos enfesados, magrinhos, muito fracos, e aquelles que chegarem a crescer serãõ quasi todos doentes.

Os doentes de maleitas podem transmitir, isto é, *pegar* maleitas nas outras pessoas, por meio dos mosquitos; por isso todo o doente de maleitas deve ter muito cuidado em não ser mordido pelos mosquitos, sinão o mosquito, mordendo-o, chupa-lhe o sangue, e com elle o *plasmódio da malaria*, de modo que, quando tal mosquito morder uma pessoa sã, lhe transmittirá a molestia, deixando-lhe dentro da pelle o plasmódio, que irá destruir-lhe o sangue, produzindo maleitas, nella, que não andou nos brejos, tambem chamados *pantanos*.

Por causa disso não se deve ajustar trabalhadores doentes de maleitas, sinão depois de bem curados.

Perigos das aguas paradas e mosquitos

Para evitar maleitas o meio mais seguro é acabar com mosquitos, o que se obtem acabando tambem com as aguas paradas, com os brejos, visto o mosquito não poder viver nas aguas correntes.

Pelo que é indispensavel, nos lugares de aguas paradas abrir vallos e vallêtas, dando escoamento ás aguas, assim como não

deixar poça d'agua de qualquer tamanho em redor da casa.

Na agua parada estão os ovos dos mosquitos, que ahi nascem aos milhares. E o povo sente bem estas coisas dizendo :

Quando a agua está parando

Maleitas está chocando

As valletas dando passagem á agua parada, fazendo-a correr, os ovos e os filhotes dos mosquitos são carregados e destruidos pela correnteza, e assim é difficil o mosquito viver.

Quando não se puder dar escoamento ás aguas paradas espalha-se sobre ellas kerosene, deste modo : vê-se quantos metros quadrados tem a superficie d'agua e deita-se numa lata colheres de sopa de kerosene, quantos forem os metros quadrados encontrados; depois disso toma-se um pedaço de panno já usado, embebe-se bem no kerosene, e o arrasta-se sobre as aguas paradas ; atrás do panno fica uma camada do oleo do kerosene, uma especie de nata que espalhando-se sobre os ovos e filhotes dos mosquitos, boiando n'agua, mata-os afogando-os, por falta de ar.

Isso será feito de 10 em 10 dias, porque, assim, todos os ovos e filhotes serãõ destruidos, não havendo mais mosquitos. Em vez porém de medir o terreno, se póde molhar o panno em kerosene e arrastal-o sobre as aguas paradas, como ficou dito, não se medindo portanto, neste caso, a quantidade de kerosene.

O mosquito que propaga as maleitas e o que propaga a febre amarella

O mosquito causador das maleitas, quando pousa nas paredes, fica com o corpo perpendicular á parede, isto é, fica com o corpo mais ou menos na posição de um prego fincado na parede, ao passo que o mosquito causador da febre amarella fica com o corpo pararello á parede, isto é, a par da parede, de fórma que a posição do

corpo do mosquito causador das *maleitas*, chamado *enopheles*, é como a de um prego fincado na parede, e a do mosquito causador da febre amarella, chamado *Stegomyia*, é como a de um cordão pendurado nesse prego; a comparação é grosseira, mas serve para guardar na memoria a figura da posição dos dois mosquitos, muito perigosos e que causaram milhares e milhares de mortes no Brasil, principalmente o da febre amarella, quando ainda não se sabia como as *maleitas* e a febre amarella eram transmittidas.

Hoje acaba-se com a febre amarella, como acaba-se com as *maleitas*, destruindo os mosquitos. *Foi um grande medico brasileiro, Dr. Oswaldo Cruz, quem acabou com a febre amarella no Rio de Janeiro e Pará; guarda bem o seu nome, que é o de brasileiro que mais vidas tem salvo no Brasil, pelo que fez contra a febre amarella.*

Na duvida de saber, ou não, si este ou aquelle mosquito é o causador desta ou aquella molestia, o seguro e certo é *fazer guerra a tudo quanto fôr mosquito*, e tambem a tudo quanto fôr moscas e motucas, que são causadoras de tantos males, como os mosquitos.

Não é coisa sem importancia, portanto, sentar-se um mosquito, uma mosca ou motuca, no rosto e nas mãos da gente, porquanto, depois disso, podem apparecer muitas e muitas molestias, e muito graves, e muita gente morrer, sem ninguem pensar que bichinhos tão pequeninos possam fazer tantas mortes, como o mais perigoso assassino.

Cada picada de mosquito, cada contacto de mosca com o nosso rosto, com os nossos alimentos, com o leite, os doces, as fructas, e pão, póde ser uma porta aberta, dando entrada em nosso corpo a molestias graves, como a febre typhoide, a febre amarella, a tísica, a lepra, as inflmnações dos olhos e as bicheiras, etc.

E' uma grande necessidade, pois, afu-

gentar mosquitos, moscas e motucas, e tão grande, ás vezes, como afugentar a propria morte. Não permittas, pois, que as moscas e mosquitos pousem nos alimentos da tua mesa, e nem no rosto de teus filhos, espalhando molestias.

Meios de afugentar mosquitos da casa e do corpo da gente

Diversos são os meios de afugentar mosquitos e que tambem servem para afugentar moscas e motucas, e os principaes são:

Queimar sobre uma telha, com brazas, dentro da casa ou quarto ou rancho, pó de pyrethro, tambem chamado pó da Persia, assucar mascavo, enxofre em pó, folhas cheirosas, mesmo do matto; ou então passar nas mãos, no rosto e nos pés pomada de alcafrão, essencia de eucalyptus, tintura de pyrethro, tintura de quassia amara e o proprio kerozene, com um pouco d'agua para não arder na pelle.

Si o agricultor tiver recursos mandará collocar télas metallicas, semelhantes ao crivo de uma peneira de arame bem fino, nas portas e janellas, e terá as camas todas dentro de mosquiteiros, e usará véos para defender o rosto e luvas para guardar as mãos contra os mosquitos.

O quinino para evitar maleitas

Si, por qualquer motivo, não fôr possível ao agricultor esgotar as aguas paradas, então elle, além de espalhar kerozene sobre as aguas, deve usar, afim de não ter *maleitas*, 25 centigrammas de chorhydrato de quinino, de tres em tres dias, na occasio de deitar-se. O uso do quinino é o meio mais poderoso para evitar *maleitas*, porque elle mata o microbio da molestia, isto é, *plasmódio da malária*. Meio ainda mais seguro de evitar a molestia, quando se viaja ou se demora em lugares de *maleitas* é tomar 25 centigrammas de quinino ao al-

moço e 25 centigrammas ao jantar; e tomar o remedio logo que sentar-se para comer.

Quando as maleitas atacam a gente, o accesso começa a apparecer quasi sempre das 6 ás 7 horas da manhã, mais ou menos, vindo sempre a hora certa. Primeiro, apparecem arrepios de frio, frio forte, bater de dentes e tremor de todo o corpo, e depois calôr, febre, e depois suor que é o fim do accesso, depois do qual o doente sente-se alliviado o resto da tarde e á noite, mas no dia seguinte, ou nos subsequentes, as maleitas apparecem de novo, á mesma hora e tudo começa e acaba como da primeira vez.

O quinino para curar maleitas

Os doentes de maleitas são curados deste modo: a tardinha se dará a elles um purgante, um copo ou dois de agua de Janos, ou melhor, um copo de agua de Rubinat, ou Carabana, conforme a pessoa é fraca ou forte para purgante, ou duas a tres colheres de sopa de sulfato de sodio, que é chamado sal de Glauber, desmanchando-as num copo d'agua. No dia seguinte, tres horas antes do apparecimento do accesso, tomarão elles meia gramma de chlorhydrato de quinino; e uma hora depois outra meia gramma. Assim, si o accesso apparecer ás 6 horas da manhã, serão dadas as doses de quinino: uma ás 3 horas da manhã e outra ás 4 horas da manhã.

Durante tres dias mais os doentes usarão o quinino nas mesmas doses e ás mesmas horas.

O quinino será tomado dentro de capsulas, mas si não houver capsulas no sitio ou fazenda, se enrolará o remedio num papel de cigarro, e si porventura a meia gramma não couber num papel, se a enrolará em dois, ficando em cada papel, mais ou menos, metade de meia gramma, ou 25 centigrammas.

Eurolado o quinino no papel pelo modo mais conveniente, se o põe na bocca depois

de molhado n'agua rapidamente, e engole-se, como quem engole uma pilula, ou uma capsula, bebendo agua em cima.

Durante quatro dias portanto o doente usará o remedio assim como ficou dito, e durante tres dias tomará apenas meia gramma de uma só vez, tres horas antes do accesso; e durante outros tres dias mais, uma dose de 25 centigrammas de uma só vez, tres horas antes do accesso.

Si os doentes não sentirem-se melhor, pôde-se augmentar as doses, e mesmo duplical-as; e quando se sentirem fracos, por causa do remedio, devem beber então café bem forte, leite quente, ou um pouco de vinho ou de pinga ou aguardente, na falta de cousa melhor.

Si o doente fôr criança de 9 a 15 annos, se dará metade das doses dadas ás pessoas grandes, diminuindo porém, as doses nas crianças mais novas; assim, ás crianças de 9 annos se dará menos de metade destas doses.

O purgante para as crianças será tambem o sulfato de sodio, ou sal de Glauber, que é o melhor purgante para ser usado pelos agricultores. Uma colher de sopa cheia de sulfato de sodio contém 18 grammas; uma pessoa grande pôde tomar como purgante duas a tres colheres de sopa; e a uma criança se dará, por cada anno de idade que ella tiver, duas grammas de sulfato de sodio, ou seja meia colher de chá, mal cheia; assim, uma criança de cinco annos tomará 2 colheres de chá; e uma de 10, quatro colheres de chá, ou sejam 10 grammas do remedio no primeiro caso e 20 no segundo.

E' muito conveniente, por causa da pezagem dos remedios, o agricultor ter em casa uma pequenina balança, propria para pezal-os.

Modo de dar quinino ás crianças

Quando os doentes foram crianças, de 1 a 8 annos se usará esta receita de Concetti, notavel medico italiano:

— Uso interno :

Chlorhydrato de quinino . . . 2 gramm.
 Saccharina 30 centigr.
 Tintura de laranjas amargas 5 gramm.
 Xarope simples 60 grmmas

Este modo de usar quinino é muito bom para as crianças, porque o remedio quasi fica sem o amargo que tem.

Cada colher de xarope tem meia gramma de quinino, ou sejam 50 centigrammas, cada colher de doce tem 32 centigrammas; e cada colher de chá 16 centigrammas de quinino.

A uma criança de um anno se dará uma colher de chá em duas doses, com intervallo de uma hora; a uma de tres annos, duas colheres de chá, em duas doses, com intervallo de uma hora. A's crianças de quatro a oito annos, conforme a idade, se dará de duas a tres colheres de chá do remedio, em duas ou tres doses, com uma hora de intervallo entre cada dose. E' preciso não esquecer que a colher de chá é a maior das colheres pequenas e fica abaixo da colher de doce, ou colher com a qual se come doce. Quando as crianças puderem engulir capsulas com facilidade, se dará tambem capsulas.

As pessoas grandes podem tomar tambem deste remedio, na dose de uma colher de sopa, que é meia gramma, ou de meia colher de sopa, que é 25 centigrammas do remedio.

Quando o doente não melhorar com este tratamento, é preciso ir ao medico, pois bem póde ser que a molestia seja *febre typhoide* e não *maleitas*, com as quaes o povo confunde muito a *febre typhoide*, conforme veremos mais longe. *Convem saber que o quinino é muito bom para ser usado contra os constipados ou resfriados; na influenza, tambem chamada grippe; nos catarrhos do peito, da garganta e do nariz, alliviando muito as dôres do corpo, da cabeça e o máu estar. Para essas molestias uzar 25 centigram-*

mas do remedio pela manhã, e 25 centigrammas á tarde, e até mais, nos casos mais fortes. O remedio na dose já conhecida, póde ser dado tambem ás crianças, quando doentes de taes molestias.

O que é amarellão, oppilação ou canseira

Outra molestia que faz muito mal aos agricultores e muito diminue o valor dos sitios e fazendas é o *amarellão*, tambem chamado pelo povo *oppilação, canseira* e cujo nome verdadeiro é *ankylostomiase*, que é produzida por uma especie de lombriguinha ou verme, muito pequenino, do tamanho, ás vezes, de um a um e meio centímetros, mais ou menos, e da grossura de uma linha bem fina; esse verme tem o nome de *ankylostoma duodenale*, e vive no corpo dos doentes, logo abaixo do estomago, dentro do intestino, principalmente n'uma parte delle chamada *duodeno*, e é por isso que o verme *ankylostoma* é chamado *duodenale*. Agarrado ás paredes do duodeno, o *ankylostoma* ahi suga o sangue dos doentes, como as sanguesugas, e o envenena, mudando de lugar para sugal-o melhor, e mais envenenal-o, e de cada lugar que elle sahe o sangue escorre; de modo que o doente, perdendo assim tanto sangue, e sendo envenenado, vae enfraquecendo, amarellando, cansando á tóa, ficando oppilado, não podendo mais fazer serviço que preste, sentindo queimação e até dores no estomago e na barriga ou ventre, e tendo evacuações, obras escuras e vontade de *comer terra* e comendo mesmo, como succede ás crianças, *tirando barro do chão e até das paredes, junto das camas, e por causa disso ficando mais amarellas, inchadas e feias. E um verme tão pequenino, acaba assim, tão tristemente, com familias inteiras, matando-as de soffrimento, miseria e fome, fazendo de sitios com terras optimas para as culturas, lugares de tristeza e morte, e dos quaes todos fogem por causa do amarellão.*

(Continúa).

Primeiras lições de Arithmetica

(CHARLES LAISANT)

(Continuação)

7 — AS DIFFERENÇAS

D'um monte de feijões — oitenta e sete, por exemplo — tiramos, ou separamos, uma pequena porção d'elles; contados, verificamos serem vinte e cinco. Quantos ficaram ? Achar este numero é fazer uma *subtração*; o resultado é o *resto* ou *diferença*. Note-se desde já que, se ajuntarmos o resto ao numero cercado, reconstituimos o monte primitivo, isto é: o numero que soffreu a subtração.

Para achar a differença, escrevemos com palitos o numero maior, oitenta e sete:

oito mólhos sete palitos

e por baixo o mais pequeno, vinte e cinco:

dois mólhos cinco palitos,

tendo todo o cuidado em collocar os mólhos á esquerda e os simples palitos á direita, ficando os palitos por baixo dos palitos e os molhos por baixo dos mólhos.

Do numero maior, tiramos cinco palitos, ficam dois; tiramos dois mólhos, ficam seis. Temos, pois, o resto:

seis mólhos dois palitos,

ou sessenta e dois palitos.

Nada mais simples: achámos a differença desejada procurando apenas as differenças entre numeros inferiores a dez, porquanto tirámos cinco de sete e, em seguida, dois de oito.

Mas, nem sempre isto é tão facil. Supponhamos que o monte primitivo é de cinquenta e dois e o que queremos subtrahir é de dezoito — evidentemente mais pe-

queno do que aquelle. Procedendo como ha pouco:

cinco mólhos dois palitos
um mólho oito palitos,

vemos logo que não podemos tirar oito palitos de dois. Tomamos, então, um dos cinco mólhos e collocamol-o á direita, junto dos dois palitos. Quer o desatemos, quer não, vemos claramente que ficamos com dez-e-dois palitos á direita, e que, á esquerda, temos apenas quatro mólhos, em vez de cinco.

Dos dez-e-dois palitos, tiramos então oito: restam quatro; dos quatro mólhos, que ficaram á esquerda, tiramos um: restam trez.

A differença é, portanto,

trez mólhos quatro palitos,

ou trinta e quatro.

Para este caso, precisamos, pois, saber subtrahir um numero menor do que dez d'um numero maior do que dez, mas, sempre inferior a vinte.

Repetindo bastas vezes estes exercicios, variando-os o mais possivel as differenças — fixam-se rapidamente na memoria; mas, abstenhamo-nos absolutamente de as fazer decorar e recitar. E' a pratica muito repetida que as fará reter para sempre.

Devemos ter em attenção nunca tomarmos, para numero maior, um numero superior a cem, visto que, por emquanto, não sabemos contar mais além.

8 — OS MIL E OS MILHÕES

Até agora, sabemos contar até cem. Já é um um numero bastante grande, se con-

siderarmos a idade d'um individuo em annos: um homem, que tem cem annos, é muito velho, e os centenarios são raros. Mas, é um numero muito pequeno, se se refere a bagos de trigo; um monte de cem bagos de trigo não tem nada de grande: nem sequer chega para alimentar uma creança durante um dia. Pararmos ahi, é pois impossivel; temos que caminhar muito mais longe, o que, de resto não é difficil.

Chegámos a cem, agrupando os palitos em mólhos de dez e agrupando dez mólhos n'um feixe, que contem uma centena de palitos, ou cem palitos, Mettamos agóra dez feixes n'uma caixa; depois, com dez caixas eguaes formemos um pacote; ponhamos dez pacotes n'uma condeça; com dez condeças enchamos um caixote; com dez caixotes carreguemos uma carreta e com dez carretas, um vagão; finalmente, com dez vagões formemos um comboio.

Recapitulando tudo o que fica dito, vamos indicar as designações dos numeros, que representamos por este processo.

Um phosphoro ou um palito, é o que denominamos uma *unidade simples*;

N'um mólho, temos dez phosphoros ou uma *dezena*;

N'um feixe de dez mólhos, cem phosphoros ou uma *centena*;

N'uma caixa de dez feixes, mil phosphoros ou um *milhar*;

N'um pacote de dez caixas, de mil phosphoros ou uma *dezena de milhar*;

N'uma condeça de dez pacotes, cem mil ou uma *centena de milhar*;

N'um caixote de dez condeças, um *milhão*;

N'uma carreta de dez caixotes, dez *milhões* ou uma *dezena de milhão*;

N'um vagão de dez carretas, cem *milhões* ou uma *centena de milhão*;

N'um vagão de dez carretas, cem *milhões* ou uma *centena de milhão*;

N'um comboio de dez vagões, mil *milhões* ou um *bilhão*.

Podiamos caminhar assim tão longe, quanto quizessemos; mas o numero a que chegamos: um *bilhão*, é bastante grande para satisfazer a todas as exigencias do uso corrente. Para fazermos uma idéa da grandeza d'esse numero, basta dizer que, se collocassemos encostados uns aos outros, topo a topo, um *bilhão* de phosphoros de pau ordinarios, o seu comprimento total excederia sensivelmente a circumferencia da terra. Se pretendessemos contar, um por um, um *bilhão* de phosphoros, suppondo que gastavamos um segundo com cada um e que nos occupavamos n'esta pequena contagem durante dez horas por dia, seriam precisos mais de setenta e seis annos; tarefa esta algo demorada, não muito divertida e fracamente instructiva.

Se agora quizermos contar um grande monte de palitos, começamos por agrupal-os em mólhos de dez, collocando em seguida, á direita, os palitos que sobejarem, depois de feitos todos os mólhos: sejam *trez* palitos. Depois, formamos feixes com os mólhos, reunindo-os ao dez; supponhamos que nos sobejaram *oito* mólhos; collocamol-os á esquerda dos *trez* palitos e contamos os feixes aos dez e dez, para obtermos caixas. Sobejaram-nos *cinco* feixes, que collocamos á esquerda dos *oito* mólhos, e, contando as caixas, vemos serem *seis*; collocamol-as á esquerda dos *cinco* feixes e temos, assim, o numero total de palitos:

seis caixas, *cinco* feixes, *oito* mólhos
trez palitos

ou

seis mil quinhentos e oitenta e *trez* palitos

Unicamente com os mólhos e os feixes, podemos contar e formar todos os numeros até mil, tendo sempre presente que

feixe mólho palito

significa:

(cem dez um) palitos

Se no numero, que queremos escrever, não houver palitos isolados, ou mólhos, nenhum embaraço isso nos acarreta. Por exemplo :

oito feixes seis mólhos

comprehendem oitocentos e sessenta palitos

e cinco feixes tres palitos

comprehendem quinhentos e tres palitos.

Devemos mandar formar d'este modo muitos numeros inferiores a mil e fazer addições e subtrações, tal qual como indicámos precedentemente, estendendo, porém, o processo até aos feixes, em vez de nos limitarmos aos mólhos.

E' bom fazer notar que deparamos diferentes vezes com os mesmos numeros dez e cem, ou dezena e centena. Assim :

palito	} querem dizer	um
mólho		uma dezena
feixe		uma centena
caixa		um milhão ou milhar
pacote		uma dezena de milhar
condeça		uma centena de milhar
caixote		um milhão
carreta		uma dezena de milhão
vagão		uma centena de milhão

Um numero, que comprehende milhares

tres vagões duas carretas sete caixotes

uma condeça nove caixas

quatro feixes cinco mólhos

comprehendem um numero de palitos, que exprimimos d'est'arte :

trescentos e vinte sete milhões }
cento e nove mil } palitos.
quatrocentos e cincoenta }

Podemos mandar contar assim alguns numeros, mas sem insistir, por agóra, em numeros muito grandes; restringir-nos-

hemos aos mólhos e aos feixes, ou quando muito, ás caixas.

Em tudo o que precede, tivemos sempre o cuidado de collocar os palitos (unidades) á direita, os mólhos (dezenas) á esquerda d'elles, os feixes (centenas) á esquerda dos mólhos, e assim por diante. Devemos notar que, em rigor, isto é inutil, mas é mais commodo, e que é bom observar sempre esta disposição, porquanto a contagem se faz em perfeita ordem. Mais tarde, a creança, tendo adquirido este habito, achal-o-ha natural, quando chegar o momento, em que se torna indispensavel para o calculo.

Para representar por meio de palitos todos os numeros de que temos fallado, e de que é bom fallar para fixar o espirito da creança, torna-se necessario um material um tanto empecivo e nada facil de collocar sobre uma mesa ou sobre uma folha de papel, muito antes mesmo de chegarmos a empregar os vagões. Vamos ver como podemos simplificar as cousas e mostrar ao novel mathematico — que ainda não sabe lêr, nem escrever, correntemente — que está perfeitamente nos casos de manejar com os seus dedinhos os numeros enormes, de que nos occupamos.

9 — OS TENTOS DE CÔR

Vemo-nos já tão embaraçados com os nossos mólhos e feixes, quando temos que contar apenas um milhar de phosphoros, é deveras desagradavel. Como ja sabemos que os numeros se applicam a qualquer objecto, seja elle qual fôr, substituamos os nossos phosphoros por tentos brancos, o que em nada altera as nossas contas, nem a maneira de as fazer. Substiuamos, depois, os nossos mólhos por tentos vermelhos, que são de mais facil manuseamento; é claro que, sempre que nos seja preciso, podemos substituir um tento vermelho por dez tentos brancos. Continuemos: na casa dos feixes, colloquemos tentos côr de laranja; na das

caixas tentos amarelos ; na dos pacotes, tentos verdes ; na das condeças tentos azues ; na dos caixotes, tentos indigos ; na das carretas, tentos violetas ; na dos vagões, tentos pretos ; finalmente, na dos comboios tentos alongados e brancos.

Os objectos e os numeros correspondem-se, pois, da seguinte fórma :

Phosphoros	{	Comboios, Vagões, Carretas, Caixotes, Condeças, Pacotes, Caixas, Feixes, Mólhos, Phosphoros.
Tentos	{	Alongados, Pretos, Violetas, Indigos, Azues, Verdes, Amarelos, Cor de laranja, Vermelhos, Brancos.
Numeros	{	Bilhões, Centenas de Milhão, Dezenas de Milhão, Milhões, Centenas de milhar, Dezenas de milhar, Milhares, Centenas, Dezenas, Unidades.

Nada nos impede, pois, de escrever todos os numeros que quizermos, até um bilião ou ainda além, com os nossos tentos, sem termos que recorrer aos caixotes, aos vagões e aos comboios ; egualmente podemos, se isso nos interessar, fazer addições e subtracções. E' mister, porém, ter sempre bem presente que um tento vermelho vale dez brancos ; um tento côr de laranja, dez vermelhos, e assim por diante.

Parece, á primeira vista, que em vez de tentos brancos poderíamos empregar moedas de cinco réis, depois substituir os tentos vermelhos por moedas de cinquenta réis e continuar assim até final ; mas, isso tornar-se-hia incommodo e embaraçoso, e era necessario possuir uma bella *fortunasi-nha*, porquanto para representar os biliões era forçoso servirmo-nos de moedas de cinco mil contos. A Casa da Moeda não cunha dinheiro de tal typo, que seria pouco maneavel ; e, decedidamente, é melhor contentarmo-nos com o tento branco alongado para representar o bilião, o que de resto, é mais economico.

Como fizemos acima, collocaremos sempre os nossos tentos cuidadosamente ordenados, a começar da direita :

Alongado	Preto	Violeta	Indigo	Azul	Verde	Amarello	Côr de laranja	Vermelho	Branco

e, pela simples inspecção de cada casa, sabemos qual a côr que ella deve alojar, segundo o logar que occupa, a partir da direita.

10 — OS ALGARISMOS

Sabemos já escrever todos os numeros pelo menos até aos biliões — e facil seria ir mais além —, com os nossos tentos redondos de differentes côres e os brancos alongados. Para isso, basta-nos collocar em cada uma das casas destinadas aos tentos brancos, vermelhos, etc., ou ás unidades, dezenas, etc., um numero de tentos sempre menor do que dez.

Se houvesse um meio, que evitasse termos que contar todas as vezes esses tentos, seria muito mais commodo. Ora n'esta altura, o nosso discipulo já sabe escrever alguma cousa ; podemos, pois, exercital-o a traçar caracteres, que representem os nove primeiros numeros de que temos necessidade, caracteres que se denominam *algarismos*.

São elles :

um dois trez quatro cinco seis sete oito nove
1 2 3 4 5 6 7 8 9

Quer com o lapis, quer com a penna, devemos habituar a creança a escrevel-os muito eguaes, sem floreados, d'um só traço, excepto o 4 e o 5, que exigem dois, servindo no começo d'uma ardosia com pauta, ou de papel pautado, para que os algarismos tenham todos a mesma altura, o que, de futuro, é da maxima importancia na pratica do calculo.

O que importa é fazer representar os numeros de palitos por tentos, os de tentos por algarismos, tendo o cuidado de não nos servirmos de numeros muito grandes, sobretudo no começo. Devemos notar que não temos necessidade de escrever os nossos algarismos com côres differentes, porquanto o logar que elles occupam facilmente nos permite saber se representam simples unidades, dezenas, centenas, etc., ou tentos brancos, vermelhos, côr de laranja, etc., ou ainda palitos, mólhos, feixes, etc.

Mas, aqui, temos uma observação importante a fazer. Ainda agóra, quando na representação d'um numero não tínhamos que empregar tentos d'uma dada côr, não collocavamos nada na respectiva casa. Como agóra não temos côres a distinguir — porquanto o logar occupado por cada um dos algarismos, que constituem o numero, diz-nos, por si só, qual a ordem da casa a que esse algarismo pertence —, se não collocamos nada, confundimos tudo, porque deviamos deixar um espaço em branco exactamente igual á largura d'um algarismo, e não somos tão habeis que escrevamos sempre com essa regularidade. Além d'isso, se a ausencia d'algarismos se dá nas uniões, como podemos saber o que significa o ultimo algarismo da direita ? Para evitar todas estas difficuldades, colloca-se nas casas não occupadas, um caracter rondondo, 0, denominado *zéro* (1), que não tem valor algum, mas que occupa a casa. E' um bom e modesto servo, que guarda a casa e que nos diz: "Aqui não está ninguém; nada valho, sou cousa nenhuma; mas, prohibo que se entre".

Podemos, desde já — multiplicando e variando muito os exercicios — mandar escrever grande quantidade de numeros, mandar lêr muitos numeros escriptos, em-

pregando a miudo o zéro. Si tivermos mais de um alumno, podemos collocal-os em competencia entre si, estimular-lhes a emulação, leval-os a lêr e a escrever cada vez mais rapida e correctamente, e declarar-lhes, por fim, que já estão conhecedores da *numeração escripta*.

Chegados a este ponto, é conveniente voltarmos aos exemplos d'addições e subtrações precedentemente feitas com palitos ou tentos servindo-nos agora dos algarismos. Temos, porém que fazer algumas observações uteis, muito uteis mesmo, que anteriormente não tinham cabimento. Uma d'ellas, concernente á addição, consiste em habituar o alumno a fallar o menos possivel, a nunca dizer: "Escrevo tal algarismo e vae tal numero."

Para nos fazermos comprehender, basta o exemplo d'addição aqui junto, que se deve traduzir em linguagem fallada, da seguinte fórma: 7 e 4: e dez-e-um, e 8: dezenove, e 9: vinte e oito, e 4 trinta e dois. Escreve-se, e, sem dizer, nada; depois diz-se: vão 3, e 8: dez-e-um, e 4: dez-e-cinco e 6: vinte e um, e 2: vinte e tres (escreve-se 3). Vão 2, e 9: dez-cum, e 5: dezeseis, e 2: dezoito (escreve-se 8). Vae 1, e 3: quatro, e 6: dez: e 2: dez-e-dois. Escreve-se, 2, depois 1 á sua esquerda, e lê-se o total: dez-e-dois mil oitocentos e trinta e dois.

Uma segunda observação diz respeito á pratica da subtracção, quando no numero maior se encontra, n'uma dáda casa, um algarismo menor do que aquelle que se lê por baixo d'elle. Tomemos o exemplo do n.º 7; de 52, temos que tirar 18.

52	5	12
18	1	8
34	3	4

(1) Ignora-se quem foi o inventor do zéro; mas, esta ideia, verdadeiramente geral, parece ser d'origem hindú.

O que fizemos com os nossos palitos fica assim traduzido em algarismos. Mas, não se deve escrever nada mais do que 52 e 18, antes do resultado da operação; pôde, porém, succeder que nos esqueçamos de que nos apossámos de uma dezena do numero de cima e que, portanto, ficaram apenas 4 em vez de 5. Deve-se, então, proceder d'outro modo, tendo e vista que: tirar 1 de 4, é o mesmo que tirar 2 de 5. Dir-se-ha, pois: 8, de dez-e-dois: 4 (escreve-se 4); vale, sempre que previamente se tenha ajuntado 10 ao algarismo de cima.

Devemos fazer persistentemente muitos exercicios de addição e de subtracção. A creança interessar-se-ha por elles; mas, tentemos demonstrar-lhe seja o que fôr. Se algumas vezes ella se mostrar embaraçada, recorramos aos seus tentos ou aos seus palitos; procuremos apenas ensinar-lhe a pratica do calculo e não forçal-a a aprender palavras incomprehensíveis. Se ao seu espirito occorrerem observações e se ellas nol-as communicar, escutemol-a com muita attenção. Não tenhamos receio de voltar atraz de tempos a tempos, afim de a habilitar a assimilar os seus numeros, escriptos em algarismos, com as collecções de palitos, de tentos ou de quaesquer outros objectos. E, primeiro que tudo, não prolonguemos as lições; são deixemos afrouxar o interesse e sobrevir a fadiga: é este o mais terrivel flagello do ensino.

Se nos parecer conveniente, podemos d'óra avante, embóra não haja pressa alguma n'isso, iniciar o alumno no emprego dos nomes vulgares dos numeros 11, 12, 13, 14 e 15 (onze, doze, treze, quatorze e quinze).

11 — OS PALITOS TOPO A TOPO

Retomemos os palitos, de que já nos temos servido tantas vezes, e suponhamos que temos, por exemplo trez lotes respectivamente de 5, 3 e 4 palitos. Se disposer-

mos todos os palitos em seguida uns aos outros e na mesma direcção, o comprimento da fileira assim formada será de 12 palitos, isto é: dará a somma dos numeros representados por tres lotes.

Chegar-se-hia ao mesmo resultado, substituindo os palitos do primeiro lote por uma haste do comprimento de 5 palitos; os do segundo lote, por uma haste do comprimento de 3 palitos, e os do terceiro, por uma haste, cujo comprimento seria o de 4 palitos.

Se, em vez d'estes numeros muito pequenos, tomássemos outros maiores, e se, em lugar de tres numeros, tomássemos tantos quantos nos appovesse, procederiamos da mesma fórma, repetiríamos tudo o que acabamos de dizer. As hastes seriam mais compridas; haveria mais de trez hastes; eis tudo.

Verificamos, assim, que um numero qualquer pôde ser representado por uma haste de conveniente comprimento, e que, para fazer a somma de varios numeros, temos apenas que collocar topo a topo, umas em seguida ás outras, as hastes que os representam. O comprimento d'esta fileira de hastes é a somma que se procura.

(*Continúa*).

A GYMNASTICA ESCOLAR

São do Sr. Jorge Demerey, delegado do Ministerio da Instrucção Publica da França ao Congresso da Federação Real dos Propagandistas da Gymnastica Escolar na Belgica, as considerações que passamos para a nossa *Revista*.

A gymnastica foi, por muito tempo, uma agregação de meios empiricos, uma juxta posição de exercicios sem fim bem definido e sem resultados conhecidos. Mas ella torna-se agora o que devia ter sido sempre: um conjuncto de meios proprios para aperfeiçoar o individuo e finalmente a raça — o unico remedio á degenerescencia

e ao desequilíbrio, consequencia dos abusos do mundo moderno.

Não é o atletismo que realizará essa missão. A educação athletica não se propõe ao aperfeiçoamento physico, mas antes á cultura exagerada de certos dons ou qualidades naturaes, com o fim de obter resultados extraordinarios em uma especialidade.

O athleta não é um ser melhorado, sob o ponto de vista individual e ainda menos sob o ponto de vista social.

Todos os *records* do mundo conduziram sempre a abusos e fazem redundar em prejuizo dos que se lhes entregam, certas influencias naturaes que se poderiam com uma sabia regulamentação, utilizar em proveito proprio.

Não é muito menos a educação militar que dará a solução do problema; ella é propria para os homens feitos e não para as crianças, porque ella é a applicação da força adquirida.

Uma bôa educação physica interessa a todos, aos fracos sobretudo, que o sentimento da propria inferioridade afasta do exercicio.

Não deve forçar em nada, nem procurar outra cousa senão um equilibrio salutar entre as funções do organismo.

Um methodo de educação physica não é pois, cousa facil de estabelecer. Não se pôde, sem um preparo muito sério, improvisar programmas de ensino.

Não basta agitar-se com cadencia para se obter bons resultados do exercicio ; é preciso ainda conhecer os effeitos e ter adquirido um manejo do corpo humano sufficiente para se obter as modificações que se desejam.

Um methodo de ensino, para ser digno desse nome, deve ser baseado sobre a experiencia e sobre o conhecimento da influencia do exercicio sobre o corpo, e sómente com essa condicção é que se pôde impol-o á escola.

As tentativas de investigações nesse sentido são muito recentes.

Póde-se agora resumir os conhecimentos adquiridos e traçar o programma a seguir para o futuro.

Os exercicios gymnasticos devem sempre ser encarados sob seus tres effeitos : effeito hygienico, effeito esthetico, effeito economico, isto é, conforme sua influencia sobre a saúde, sobre a fôrma e sobre a melhor utilização da força muscular.

1.º O effeito hygienico do exercicio depende da quantidade de trabalho que elle exige, isto é, da dose do exercicio e de sua violencia. O effeito hygienico comprehende o effeito moral e depende tambem da alegria, da energia que o mestre sabe comunicar a seus discipulos.

2.º O effeito esthetico depende da natureza do exercicio e da repartição dos esforços musculares sobre as differentes partes do corpo, que se desenvolvem e se modificam, segundo seu gráo e seu modo de actividade. E' assim que a repetição de movimentos mal escolhidos ou mal executados pôde trazer deformações do corpo, emquanto que uma bôa gymnastica deve, ao contrario, conservar no homem sua fôrma normal e contribuir para sua belleza corporal.

3.º O effeito economico do exercicio depende da qualidade de sua execução, qualidade que consiste na coordenação perfeita dos movimentos, o que permite obter uma proporção maxima em trabalho util, com o minino de perda de forças e de fadiga.

Um movimento não é um exercicio gymnastico, senão quando produz um dos effeitos citados.

A lição de gymnastica escolar compõe-se da reunião de movimentos voluntarios, variados e graduados de tal sorte, que, sob a direcção de um só mestre, um grande numero de alumnos possam colher beneficios dos tres effeitos do exercicio. A qua-

lidade da lição de gymnastica depende da justa proporção a estabelecer entre esses tres meios de aperfeiçoamento.

Em geral, a lição deve-se compôr de movimentos destinados a activar a circulação do sangue e a respiração, a desenvolver harmonicamente o systema muscular, a remediar as más attitudes do hombro, a dilatar a caixa thoraxica, a endireitar as curvaturas exageradas da columna vertebral, a desenvolver especialmente os musculos das paredes abdominaes.

A lição deve tambem comprehender exercicios que recreiem o alumno, que o tornem dextro e flexivel, que attenuem a vertigem, que aperfeiçoem sua marcha normal e que encontrem sua applicação immediata na vida social.

Para facilitar a tarefa do instructor, é preciso classificar em séries os exercicios que produzem, pouco mais ou menos, os mesmos efeitos e que constituem o plano da lição de gymnastica. Essas séries podem, por sua vez, ser divididas em grupos, que reúnem familias de movimentos similares, e, em cada grupo, os exercicios podem ser classificados pela ordem de energia e da difficuldade crescente.

A lição de gymnastica compor-se-á de um ou de muitos exercicios tomados em cada um dos grupos das séries indicadas abaixo, e em relação com a idade e o adiantamento dos alumnos; e deve-se conformar aos programmas estabelecidos para os diferentes grãos de ensino.

Plano da lição de gymnastica escolar

NATUREZA DOS EXERCICIOS	EFFEITOS	DURAÇÃO (*)
<i>Primeira série</i>		
Marchas e exercicios de ordem.	Efeito geral moderado. Educação do rythmo.	3 minutos
<i>Segunda série</i>		
Movimentos dos membros inferiores e superiores em varias attitudes.	Desenvolvimento symetrico do corpo. Rectificação das más attitudes. Ampliação do torax.	2 minutos
Equilibrado sobre o sólo e sobre a barra.		
<i>Terceira série alternada com a segunda</i>		
Suspensões pelas mãos com ou sem progressão. Attitudes de elevação dos braços.	Ampliação mais accentuada do torax.	4 minutos
<i>Quarta série</i>		
Corridas. Saltos. Dansas. Jogos im- plicando a acção de correr.	Efeito geral mais violento. Applicações uteis.	5 minutos
<i>Quinta série</i>		
Movimentos do tronco. Flexão, extensão, movimentos lateraes e torsão.	Exercicios interessando mais especialmente os musculos do dorso e do abdomen.	4 minutos

(*) Essas indicações de duração não são absolutas.

Sexta série

Saltos variados de pé firme e com ar-ro-jo. Jogos gymnasticos implicando o salto.	Efeito geral maximum. Aplicações praticas.	6 minutos
-----------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------	-----------

Setima série

Exercicios respiratorios e marchas lentas.	Exercicios tendo por fim acalmar o coração e a respiração antes da entrada em classe.	3 minutos
--------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------	-----------

Deslocamento dos alumnos	3 minutos
------------------------------------	-----------	-----------

Total 30 minutos

Durante uma mesma sessão é preciso levar gradualmente os alumnos a executar movimentos energicos que exijam um esforço superior aos da vida ordinaria, mas não se deve terminar a lição por estes ultimos exercicios; ao contrario, deve-se diminuir progressivamente sua energia até ao fim.

Um exercicio que tem um effeito hygienico evidente não tem forçosamente effeito esthetico, nem effeito economico.

A corrida, os jogos ao ar livre, o velocipede exigem um grande desperdicio de força e são por isso hygienicos, mas nada têm que ver com a boa attitude do corpo; e mesmo, si não se toma cuidado, podem exagerar vicios de conformação.

Inversamente, os movimentos de conjuncto, que se chamaram impropriamente movimentos de flexibilidade, pedem tão pouco trabalho muscular, comparativamente aos primeiros, que se deve renunciar a esperar qualquer cousa d'elles, sob o ponto de vista da hygiene. Julgou-se durante muito tempo que se devia obter d'elles o desenvolvimento harmonico do corpo e tomavam-se um a um os movimentos articulares, executando-os successivamente desde a cabeça até os artelhos. Além do incommodo que necessariamente este ensino produz, não é difficil demonstrar a inanidade de um tal systema, que abre a porta a todas as fantasias e a todas as combinações as mais estafurdias.

Si os movimentos de conjuncto têm

muito pouco effeito hygienico propriamente dito, podem ter um enorme effeito esthetico, si se sabe escolhel-os e regular sua execução. Mas para isso é preciso executar os movimentos partindo de attitudes correctas, que exigem o endireitamento de todo o corpo.

Algumas observações simples bastam para dar aos movimentos naturaes um valor gymnastico certo: executar os movimentos dos braços com todo o distendimento possivel, fazer desaparecer as curvaturas do dorso e dos lombos e manter os cotovellos no plano dos hombros; executar os movimentos do tronco lentamente, utilizar o peso do corpo como resistencia, inclinando o corpo gradualmente, desde a vertical até a horizontal nas diversas posições; executar ainda os movimentos dos braços, enquanto se mantêm essas attitudes inclinadas.

O vicio radical de um ensino está em ser elle composto de detalhes multiplos isolados ou artificialmente classificados.

O unico meio de evitar esse defeito na educação physica é esclarecer o pessoal docente sobre os effeitos que deve obter dos alumnos e incutir nelle a convicção de que existem leis naturaes ás quaes deve-se cingir para obter bons resultados. As considerações que precedem não têm outro fim senão despertar a attenção dos professores sobre pontos essenciaes, por demais desprezados".

NOTICIÁRIO

FESTAS ESCOLARES

As datas nacionaes vem sendo festivamente commemoradas em todas as escolas publicas do Estado, aproveitando-se essas datas, na forma do actual Regulamento da Instrucção Publica, para lições civicas.

O dia do descobrimento do Brasil e o dia que recorda a abolição do captivo foram dias festivos em todos os estabelecimentos de ensino official, visando essas festividades formar o sentimento de nacionalidade e de veneração pelos grandes homens da nossa terra, formação que deve ser uma das maiores preocupações da escola, nos dias actuaes de pessimismo elegante, de utilitarismo avassalador, de esquecimento daquelles principios moraes e daquelle idéal civico que deram ao Brasil os grandes estadistas do 1.º Imperio e do segundo reinado e a pleiade de idealistas da propaganda da Abolição e da Republica.

E essas festas, pela sua insistencia e pela intelligencia que preside a organização dos seus programmas, já não interessam sómente ao meio escolar; a ellas affluem elementos extranhos, applaudindo-as sem reservas, estimulando-as.

O dia do descobrimento do Brasil levou á Escola Normal grande e selecta assistencia.

A's 10 horas o pavilhão destinado a essas festas estava repleto.

O Coral da Escola, sob a provecta direcção do professor Regadas, cantou o Hymno Nacional, seguindo-se-lhe uma palestra sobre o facto historico do dia, pela intelligente alumna Regina Wanderley.

Depois foram executados dois numeros,

que mereceram calorosos applausos: *Ave Maria*, canto, com acompanhamento de piano, pela alumna Natereia Bomfim, e *A Luz*, versos de Guerra Junqueiro, declamados pela alumna Nair Cordeiro.

Em concurso de declamação 11 alumnas disseram *A Lagrima*, poesia de Guerra Junqueiro, tendo o jury, composto dos Srs. Cypriano Jucá, J. Roberto e Theodormiro Lima, classificado em 1.º lugar a alumna Diva Guimarães, em 2.º Alayde Moreira e em 3.º Debora Freitas.

— No Grupo Escolar "Diegues Junior", fez-se o hasteamento da bandeira, solememente, ás 8 horas, diante de todos os alumnos, que cantaram o hymno á Bandeira.

A professora Leonor Assumpção fallou á assistencia sobre o descobrimento do Brasil, os alumnos cantaram os hymnos de Alagôas e Nacional e, sob a direcção do professor Salvador Chaves, fizeram exercicios de gymnastica sueca, marchas e evoluções.

— No Grupo Escolar "Fernandes Lima" executou-se um lindo programma, salientando-se a petisada do Pavilhão Montessori, sob a competente direcção da professora Maria Ambrozio.

A professora Maria de Lourdes do Nascimento dissertou sobre a data e a professora Helena Galvão, mais uma vez, pôz em evidencia a sua aptidão, fazendo toda a escola manobrar correctamente em varias series de Gymnastica Sueca.

— Nos Grupos Escolares "D. Pedro II" e "Cincinato Pinto" o dia 3 de maio tambem teve festiva solemnisção.

As escolas isoladas reuniram seus alumnos para a explicação do feriado.

13 DE MAIO

A "Gazeta de Noticias" assim registrou as festas escolares desse dia:

"Obedecendo as prescripções regulamentares a Directoria da Instrucção Publica realisou festas litero-civicas nos Grupos Escolares e na Escola Normal.

O sr. Craveiro Costa, esforçado Director do Grupo "Diegues Junior", fez cantar o Hymno a 13 de Maio, seguindo-se uma prelecção sobre a data pela professora Inesia Diegues Serva. Depois de entoado o Hymno Nacional tiveram logar exercicios de gymnasticas ás vistas do instructor Salvador Chaves.

No Grupo Modelo "D. Pedro II," pelas 8 horas, houve pelas professoras prelecção nas classes, canto do Hymno, versos pelos alumnos Helena Lobato e Bercilino Maia, dialogo por Nubia de Barros e Stella Leite e canto a 4 vozes por uma turma da aula de musica.

Estiveram correctos os exercicios de educação da vista pelos alumnos do "Pavilhão Montessori" sob a direcção magistral e cuidadosa da respectiva professora d. Maria Ambrosio sempre dedicada aos seus pequeninos alumnos nesse arduo mistér de conduzil-os na primeira idade.

Os exercicios de gymnastica a cargo da senhorita Zaira Fontes merecem registros desinteressados e merecidos elogios reclamam os jogos escolares, em que mais uma vez a talentosa professora instructora, senhorita Helena Barros, deu demonstração plena da sua intelligente capacidade e gosto pela especialidade, e extrema bôa vontade em desenvolver os seus alumnos.

A's 9 horas o Grupo "Fernandes Lima" realisou, pelas professoras, prelecção ás classes canto do Hymno Nacional, saudação á bandeira pelos alumnos da classe pré-escolar e exercicios de gymnastica sob o commando da alumna Elza Ferraz.

Na Escola Normal, pelas 10 horas, o

programma foi iniciado por um discurso sobre a data pela quartannista Natercia Bomfim, seguindo-se uma lição de portuguez pela applicada quartannista Yolanda Mendonça, uma lição de chorographia do Brasil, pela intelligente e distincta professoranda Nair Cordeiro, que reaffirmou o seu aproveitamento, terminando a festa com o Hymno Nacional por todos os alumnos.

Estiveram presentes autoridades, professores, familias e cavalheiros e os drs. Adalberto Marroquim, director da Instrucção Publica e Santos Ferraz vice-director da Escola Normal e Director do Lyceu Alagoano e dos Grupos Pedro II e Fernandes Lima".

NOSSAS ESCOLAS

O grupo escolar *Diegues Junior* iniciou no dia 19 uma serie de licções de coisas, por meio de demonstrações praticas, nas nossas fabricas.

A utilidade dessas licções não precisa encarecimento; resalta, e realisa o velho preceito pestalozziano de que a melhor lição é a que entra pelos olhos.

O director daquelle estabelecimento de ensino e educação, o nosso confrade Craveiro Costa, acompanhado das professoras dos 3.º e 4.º annos e alumnos dessas duas classes, de ambos os sexos, fez uma visita á importante fabrica de sabão e sabonetes dos srs. Loureiro Barbosa & C.^a, a mais vasta e bem montada do norte do Brasil. Os alumnos percorreram demoradamente todas as secções da fabrica, acompanhados do gerente, sr. Oscar Mattos e do chimico sr. David Vasconcellos, vendo a fabricação do sabão e do sabonete, desde os primeiros processos industriaes a que se submete a materia prima até a emballagem.

Em cada secção o sr. David Vasconcellos fez demoradas e pacientes explicações aos alumnos, descendo a pormenores da

fabricação, satisfazendo carinhosamente á curiosidade infantil. Todos os alumnos do 4.º anno tomavam notas em suas cadernetas para descripções, que terão de apresentar ao director da escola.

Nas suas explicações, sempre acompanhadas de demonstração pratica, o sr. Vasconcellos foi auxiliado pelo gerente do estabelecimento, sr. Oscar Mattos.

Os alumnos percorreram todas as dependencias da fabricação do sabão, passando em seguida a de sabonetes e perfumarias, revelando enorme interesse por tudo quanto viam pela primeira vez.

A visita durou hora e meia, sendo, durante todo esse tempo, o pessoal superior da fabrica de uma gentileza captivante para com a meninada, satisfazendo prazentivamente a todas as suas indagações.

A' despedida o sr. Oscar Mattos deu aos professores e alumnos amaveis lembranças da visita.

O director do grupo *Diegues Junior* prepara uma visita a uma das nossas fabricas de tecidos.

(Do *Jornal de Alagoas*.)

UMA LINDA FESTA

A *Diegues Junior*, o grande educador alagoano, deve Alagoas a fundação do seu primeiro grupo escolar. E' o mais antigo do Estado. Foi primeiramente uma organização irregular, em casa impropria na qual *Diegues Junior* alojou todas as escolas do seu districto, dando a forma mais de escola reunida que de grupo escolar. A organização foi se fazendo quasi a revelia official.

Mas a semente ficou plantada. O governador Baptista Accioly foi ao encontro daquelle tenacidade victoriosa, construiu o bello edificio da Pajussara e deu-lhe mobiliario condigno.

Como uma homenagem ao mestre insig-

ne, deu-lhe o nome de "*Diegues Junior*". E *Diegues* dirigiu o estabelecimento até morrer. Succedeu-o na direcção Craveiro Costa.

A 11 de junho festejou aquelle estabelecimento, como faz todos os annos, o anniversario de sua fundação. Foi uma linda festa assistida e applaudida por muita gente.

O programma foi dividido em quatro partes, dos quaes tres se realisaram pela manhã.

Os alumnos do 4.º anno, sob a direcção da professora de musica do estabelecimento, senhorita Thereila Maia, cantaram os hymnos das Alagoas e Nacional e a canção patriotica 11 de Junho.

A professora Flora Ferraz explicou a assistencia e aos alumnos do grupo, os motivos da festa, discorrendo sobre a constituição do Estado e a batalha naval de Riachuelo, acontecimentos que a data recordava. A intelligente preceptora recebeu muitos applausos.

A menina Creusa Fontes, do 3.º anno, disse com muito sentimento os bellos versos *Ronda das abelhas*.

A 2.ª parte foi executada pelos *gurys* do pre-escolar, classe que está sob a direcção da professora Dolores Baptista, uma esplendida organização de educadora.

Os pequenos não tiveram falhas nos seus papeis. Mereceram applausos colossaes o numero de gymnastica sueca, serie, letra e musica do provecto professor Salvador Chaves, as *mentirinhas*, os *travessos amiguinhos* e os *quatro irmãos*.

A professora Dolores Baptista foi muito felicitada.

A 3.ª parte constou de uma serie de jogos escolares.

A' tarde todo o grupo escolar fez um passeio no bairro de Jaraguá, executando, á entrada da rua Uruguay, varias series de gymnastica sueca.

O DIA DA NORMALISTA

As normalistas alagoanas escolheram o dia 31 de maio para o dia de sua festa. Este anno, porém, resolveram adial-o para 12 de junho, em homenagem á passagem do 3.º anniversario do governo do eminente patricio Sr. Pedro da Costa Rego.

E a 12 de junho a Escola normal esteve em festas.

Pela manhã houve missa na Cathedral, celebrada pelo conego Antonio Valente, cura da Sé. A missa foi cantada pelo corpo coral da Escola, sob a regencia do maestro Regadas. A assistencia foi grande e selecta.

A 2.ª parte do esplendido programma realisou-se á noite, na sala de espectaculos da Escola, perante mais de 600 pessôas, o que a sociedade maceioense possui de mais distincto, achando-se presente S. Exc. o Sr. Governador do Estado.

Cantado o Hymno Nacional, a primôr, seguiu-se um acto variado :

Estrellas, versos de Bilac, pela alumna Laura Pimentel ; *Elegia*, de Massenet, pela alumna Celeste Pereira ; *Cantigas a proposito*, de Campos Monteiro, por Alayde Graça e Coralia Gomes ; *La Speranza*, coral a tres vozes.

Muitos e merecidos applausos conquistaram as alumnas encarregadas da 2.ª parte do programma.

Branca de Neve, linda opereta em tres actos, do dr. Carlos Góes e musica de A. Weisseman, encheu a 3.ª e ultima parte. René Aboab, Celeste Pereira, Djanira Marroquim, Magnolia Passos, Coralia Gomes, Enaura Luis e o grupo de anões formado por alumnas do Grupo Escolar "Fernandes Lima", proporcionaram á assistencia momentos agradaveis, representando magistralmente seus papeis.

A assistencia não regateou palmas e louvores, os mais merecidos, ás alumnas e ao illustre Dr. Ad. Marroquim, Director da Instrucção Publica, que conseguiu

transformar por completo aquella casa de ensino, pondo-a á altura da sua finalidade.

O guarda-roupa foi todo feito na Escola Normal pelos proprios alumnos; os scenarios, executados pelo jovem artista Messias de Mello, provocaram os mais entusiasticos louvores ao talento do esperançoso pintor alagoano, participando tambem dos applausos o Sr. Etelvino Lima, que foi o ensaiador da opereta.

A festa da Normalista foi um verdadeiro acontecimento social.

REVISTA DE ENSINO

São do *Jornal do Recife*, as apreciações que seguem :

"Recebemos o n.º 2 do Anno I da REVISTA DE ENSINO, orgão official da Directoria Geral da Instrucção Publica de Alagoas a cargo do illustre dr. Adalberto Marroquim, que tem dado á instrucção no visinho Estado do Sul um grande impulso de progresso do que é uma prova a Revista em apreço.

Do seu bem elaborado summario constam os seguintes trabalhos :

Educação moral e civica (trecho de um livro de leitura) : Ad. Marroquim ; *Deodoro* (Poesia) : — Cypriano Jucá ; *Historia Alagoana* : — Craveiro Costa ; *Alagoas* : — Tito de Barros ; *A trahya philosopha* (Poesia) : — Ad. Marroquim ; *Instrucção Publica* (trechos da mensagem do sr. governador do Estado) ; *Minha Terra* (Poesia) — Olavo Bilac ; *Commemorações civico-escolares* (Prelecção da professora Flora Ferraz" ; *Modelos civicos* (Pefis biographicos) ; *Em guarda á Bandeira* (Poesia) : — Tito de Barros ; *Uma licção de portugûês* : — Mario Marroquim ; *Methodologia e Ensino de Historia Patria* : — Craveiro Costa ; *Defeitos de educações* — Octavio Pires ; *Primeiras licções de Arithmetica* : — Charles Laisant e *Noticiario*.

O numero da Revista que temos presente

é um elegante folheto cartonado com 80 paginas impressas em optimo papel trazendo ainda nitidos *clichês* do exmo. sr. Pedro da Costa Rego, governador-do Estado; do sr. dr. Francisco José dos Santos Ferraz, director do Lyceu Alagoano e vice-director da Escola Normal e da senhorita Flora Malta Ferraz professora do Grupo Escolar Diegues Junior e a alumna mais distincta da turma de professorandas de 1926.

Agradecemos a offerta do exemplar que nos foi enviado e apresentando parabens ao sr. dr. Adalberto Marroquim pela publicação da Revista desejamos-lhe vida longa e prosperidades."

CENTENARIO DE DEODORO

Um dos numeros mais suggestivos das festas commemorativas do centenario de Deodoro, a 5 de agosto, promovidas pelo Instituto Archeologico e Geographico Alagoano, será a parada escolar.

Para realização dessa parte do programma a Directoria da Instrucção Publica já tomou as providencias preliminares, determinando a formatura de todos os grupos e escolas isoladas da capital.

A Directoria do Instituto está trabalhando no sentido de tomarem parte nessa formatura as escolas particulares.

FALLECIMENTOS

No dia 26 de junho, nesta capital, após doloroso padecimento, veio a fallecer a exma. senhora d. Anna Regina Pereira Diegues, filha do sr. Manoel Balthazar Pereira Diegues e de d. Maria Joaquina da Fonseca Diegues.

A saudosa extincta era professora jubilada desde 1912.

Era irmã dos saudosos dr. Diegues Junior, José Diegues e d. Maria Eugenia Die-

gues já fallecidos e do dr. Joaquim Diegues e d. Laura Diegues, e tia do padre Diegues Netto que lhe sobrevivem,

— Falleceu a 28 de junho na residencia do seu irmão dr. Joaquim Diéguas. D. Laura H. Pereira Diegues, professora jubilada e das mais notaveis do magisterio alagoano. Nasceu nesta capital a 7 de junho de 1863 do casal Manoel Balthazar Pereira Diéguas e d. Maria Joaquina da Fonseca Diéguas, tendo feito seus estudos aqui no Collegio N. S. da Conceição e completado no Recife em 1877. Desde muito cedo manifestou decidido pendôr pelo estudo e especial vocação para o magisterio a que mais tarde serviu com dedicação, criando em torno de seu nome uma aureola de sympathias com que a cercavão suas collegas e innumeradas alumnas que teve durante o seu grande tirocinio docente.

Em 1885 foi nomeada professora adjunta da Escola Pratica, funções que exerceu por pouco tempo. Dedicando-se ao magisterio particular leccionou em 1886 no Atheneu Alagoano, importante educandario do sexo feminino.

Titulou-se alumna-mestra pela Escola Normal em 1889 sendo nomeada professora de Mangebeira em 1890 e logo depois removida para o Poço, de onde foi, em 1891, designada para uma das cadeiras do sexo feminino da Escola do Pedagogio Alagoano, creado pela reforma deste ultimo anno.

Com a organização do Estado, em 1892, foi nomeada para o 3.º grão da Escola Modelo anexa á Escola Normal, onde serviu até sua jubilação em 1923, durante 31 annos de serviço sem interrupção. Tinha tambem muita predilecção pela musica que cultivou com esmero, principalmente o canto que presava tanto como á sua profissão de educadora.

Foi secretaria do Conselho Deliberativo do Asylo de Orphãos em 1885 e em 1896. Era muito estimada pela meninada, pela sua familia e pessôas com que mantinha

relações, principalmente no circulo de suas collegas e discipulas que sempre lhe devotarão especial apreço.

VIDA ESCOLAR

MAIO

Dia 2

Foi nomeada D. Cecilia Rodrigues de Macedo professora extranumeraria, por tempo indeterminado, da cadeira mixta, vaga, do povoado Veados, municipio de Arapiraca.

— A' professora da cadeira mixta do povoado Tangy, em Viçosa, D. Gilberta Moura de Souza Cavalcante foram concedidos 90 dias de licença, em prorrogação, sem vencimentos, para tratar de negocios de seu interesse particular.

Dia 5

Foram justificadas as faltas dadas pela professora da cadeira mixta do povoado Bonifacio, em Palmeira dos Indios, d. Olindina Pereira da Silva, de 15 de janeiro a 3 de fevereiro ultimos.

Dia 7

A' professora da cadeira subvencionada do povoado Rodeio, em S. Miguel de Campos, D. Joanna Soares Bezerra, foram concedidos 30 dias de licença para tratar de sua saude.

— Foi nomeado professor extranumerario, por tempo indeterminado, da 1.^a cadeira, vaga, da cidade de Pão de Assucar, o cidadão José Bento Lima.

Dia 8

Foi nomeado Inspector Rural do Ensino do povoado Veados, em Arapiraca, o cidadão Pedro Pereira da Silva.

Dia 10

Foram justificadas 15 faltas dadas pela professora D. Aurea Alvim Wanderley, do G. E. "Cincinato Pinto", de 1 a 15 de abril, por motivo de molestia, e 9 dadas pela professora, d. Ophelia de Lima Oliveira, do G. E. "Fernandes Lima", pelo mesmo motivo.

Dia 11

Como pediu, foi exonerado do cargo de presidente da Junta Escolar de Penedo, o Bacharel Israel Lumachi de Hollanda Cavalcante.

— Foi nomeada professora extranumeraria, por tempo indeterminado, da cadeira, vaga, do sexo feminino, da villa de Piranhas, d. Joanna da Conceição.

— Foi mandada pagar ajuda de custo por ter sido removida, por conveniencia do ensino, do povoado Barra do Camaragibe para a de Caruruzinho, em S. José da Lage, d. Auta de Oliveira Souza.

Dia 12

A' professora publica da cidade de Victoria, d. Claudemira dos Anjos Cavalcante, foi concedida a licença de 30 dias para tratar de sua saude.

— Foi removida, a pedido, a professora do sexo feminino da cidade de Maragogy, d. Aurora Ramos de Lima, para a cadeira mixta, vaga, de 1.^a categoria, do povoado Guardianos, em Santa Luzia do Norte.

Dia 17

Por decreto n.º 35 desta data, foi decretada a perda da cadeira subvencionada da Chã de Bebedouro, da capital, em que incorreu a professora da mesma cadeira, d. Othilia Josephina de Oliveira.

— Foi removida, a pedido, a professora

publica da cadeira mixta de 1.^a categoria do povoado Entre Montes, municipio de Piranhas, d. Nylce Alves da Silva, para igual cadeira do povoado Campo Alegre, em S. Miguel de Campos.

— Foi exonerado o Pharmaceutico Cicero Alves da Silva, do cargo de membro da Junta Escolar de Penedo e nomeado para substituil-o o cidadão Miguel Alcides Filho, que exercerá, em commissão, o cargo de presidente da mesma junta.

Dia 20

Por decreto n.º 37, desta data, foi decretada a perda da cadeira de Costuras e Prendas do G. E. "Torquato Cabral", da cidade de Parahiba, em que incorreu a professora da alludida cadeira, D. Marcionilla Bastos Ribeiro.

— A' professora d. Maria Mendonça Patury, da 3.^a cadeira isolada do sexo feminino da cidade de Penedo, foram concedidos 90 dias de licença, em prorrogação, para tratar de interesses particulares.

Dia 23

Foi considerado sem effeito o acto de 19 de abril findo, que nomeou o cidadão José Freitas Britto, membro e presidente em commissão, da Junta Escolar do Municipio de Anadia.

— Foi exonerado o cidadão José Soares Filho, do cargo de Presidente, em commissão, da Junta Escolar de S. Miguel de Campos e o nomeou para exercer igual cargo no municipio de Anadia.

Dia 24

Por Decreto n.º 38, desta data, foi convertida em cadeira de categoria a cadeira mixta subvencionada da Chã de Bebedouro, desta capital.

— Foi mandada pagar a ajuda de custo,

por ter sido nomeada professora effectiva de 1.^a instancia da cadeira mixta do povoado de Alagoinhas, em Penedo, a d. Enoy de Campos Machado.

— Foi removida, por conveniencia do ensino, a professora publica de instrucção primaria da 22.^a cadeira isolada da capital, d. Maria da Gloria Nunes, para a cadeira mixta da Chã de Bebedouro, desta cidade.

Dia 25

Foi jubilada, por se achar impossibilitada de continuar a axercer as suas funcções, conforme provou com os laudos de inspecção de saude e contar mais de 30 annos de effectivo exercicio, a professora da 1.^a cadeira mixta do povoado Girau, em Traipú, d. Olympia Rodrigues de Albuquerque.

Dia 27

Foram justificadas as faltas dadas de 18 de aril a 17 deste mez pela professora de Ponta Grossa, desta cidade, D. Celsa de Assis Romão Velloso.

Dia 28

Foi exonerado o bacharel Eduardo Magalhães da Silveira do cargo de Presidente, em commissão, da Junta Escolar do Municipio de Santa Luzia do Norte.

Dia 30

Foi exonerado o bacharel Edgar Valente de Lima, do cargo de Presidente, em commissão, da Junta Escolar do Municipio das Alagôas.

— Foram justificadas as faltas dadas de 1 a 15 deste mez, por molestia, pela professora publica do povoado de Matta do Rogo, em Santa Luzia do Norte, pela professora d. Emygdia Bandeira de Mello.

Dia 31

Por Decreto n.º 39, desta data, foi aprovado o contracto celebrado entre o Secretario do Interior e o cidadão Salvador Chaves para ministrar, por mais 2 annos, o ensino de Gymnastica aos alumnos do G. E. "Diegues Junior", desta cidade.

— Foi exonerado o cidadão Jurandyr Gomes do cargo de Presidente, em commissão, da Junta Escolar do Municipio de Piassabussú.

JUNHO

Dia 7

Foi jubilada a professora publica de instrucção primaria da 4.ª cadeira isolada da Levada, desta cidade, d. Adelia Saturnina Marques, como requereu, visto achar-se impossibilitada de continuar a exercer as suas funcções, segundo os laudos medicos de inspecção de saude a que se submetteu e contar mais de 30 annos de serviço effectivo.

— Foram justificadas as faltas dadas pela professora d. Dalva Porto Neves, por motivo de molestia, de 1 a 7 de abril ultimo.

Dia 10

Foi rescendido o contracto da professora D. Eurydice Freitas, para ensinar gymnastica no G. E. "Messias de Gusmão".

— Foi jubilada a professora publica de instrucção primaria da cidade de Alagôas, D. Angelica Josephina Loureiro, como pediu, por contar mais de 30 annos de serviço effectivo e se achar em estado de não poder continuar no exercicio de suas funcções.

— O cidadão Affonso Soares Vieira foi nomeado Inspector Rural de Ensino no povoado de Olhos d'Agua das Flôres, municipio de Sant'Anna do Ipanema.

— Foi mandado registrar o estabelecimento de ensino denominado "S. Coração de Jesus", nesta capital, de D. Alexandrina Moreira do Nascimento.

— A alumna-mestra, d. Eurydice Freitas, foi nomeada, em commissão, para o cargo de professora do Aprendizado Agnello de Satuba, em vista de sua approvação obtida em concurso.

Dia 17

Foi dispensada da commissão que exercia no G. E. "Cincinato Pinto", a professora D. Aurea Alvim Wanderley, que passou a servir effectivamente na 4.ª cadeira isolada, vaga, do bairro da Levada, desta capital.

— Foi designada para servir em commissão no G. E. "Cincinato Pinto", a professora d. Elisabeth Casado Lima, que servia no G. E. "Torquato Cabral", da cidade de Parahyba.

— Foi exonerada, a pedido, do cargo de professora extranumeraria da 2.ª cadeira do sexo masculino da cidade de Alagôas, D. Guiomar Costa e Silva, sendo removida, a pedido, para a mesma cadeira a professora publica da cadeira mixta da cidade de Maragogy, D. Maria Nascimento Gonçalves.

Dia 18

Foi o seguinte o despacho do Sr. Governador do Estado na petição da professora D. Maria da Paz Lima, do G. E. "Fernandes Lima", pedindo sua jubilação: "Não soffrendo a peticionaria de molestia que a impossibilite do exercicio do magisterio publico, conforme se vê dos laudos das duas juntas medicas de inspecção de saude a que a mesma se submetteu, indefiro o presente requerimento.

Dia 21

Foi removida, a pedido, a professora da

cadeira de 1.^a categoria do sexo feminino da villa de S. Braz, D. Guiomar Sampaio Bezerra, para a cadeira mixta, vaga, da cidade de Porto Calvo.

Dia 22

Foram justificadas 6 faltas dadas pela professora D. Francisca Augusta de Oliveira, da 1.^a cadeira isolada do bairro da Levada, desta capital, em maio findo, por motivo de molestia.

Dia 23

“Não ha o que deferir, uma vez que a requerente já foi paga, conforme se vê da informação do Thesouro”, foi o despacho dado na petição da professora D. Leopoldina Auta da Luz, requerendo o pagamento de sua gratificação, referente a dezembro de 1926.

Dia 30

Conforme pediu, foi removida a professora publica da cadeira do sexo masculino da villa de Santa Luzia do Norte, d. Joanna

Amelia Romeiro, para a 2.^a cadeira, vaga, do sexo masculino da cidade de Alagoas.

— Por conveniencia do ensino, foi removida a professora publica da 13.^a cadeira isolada desta capital, D. Amelia de Albuquerque Mello, para a 1.^a cadeira isolada, vaga, de Bebedouro, desta cidade.

— Foi nomeada a alumna mestra, d. Maria de Lourdes Cavalcante Mello, professora effectiva de 1.^a entrancia da cadeira, vaga, do sexo feminino, do povoado Barra, em S. Miguel de Campos.

— A' professora publica da cadeira subvencionada do povoado Volta d'Agua, municipio de Alagôas, d. Anna da Silveira Costa, foi concedida uma licença de 30 dias, para tratar de sua saude, sem a gratificação.

A REVISTA DE ENSINO assigna-se na Directoria da Instrucção Publica.

Por anno:

Na capital	24\$000
Para fora	25\$000

Os meus livros

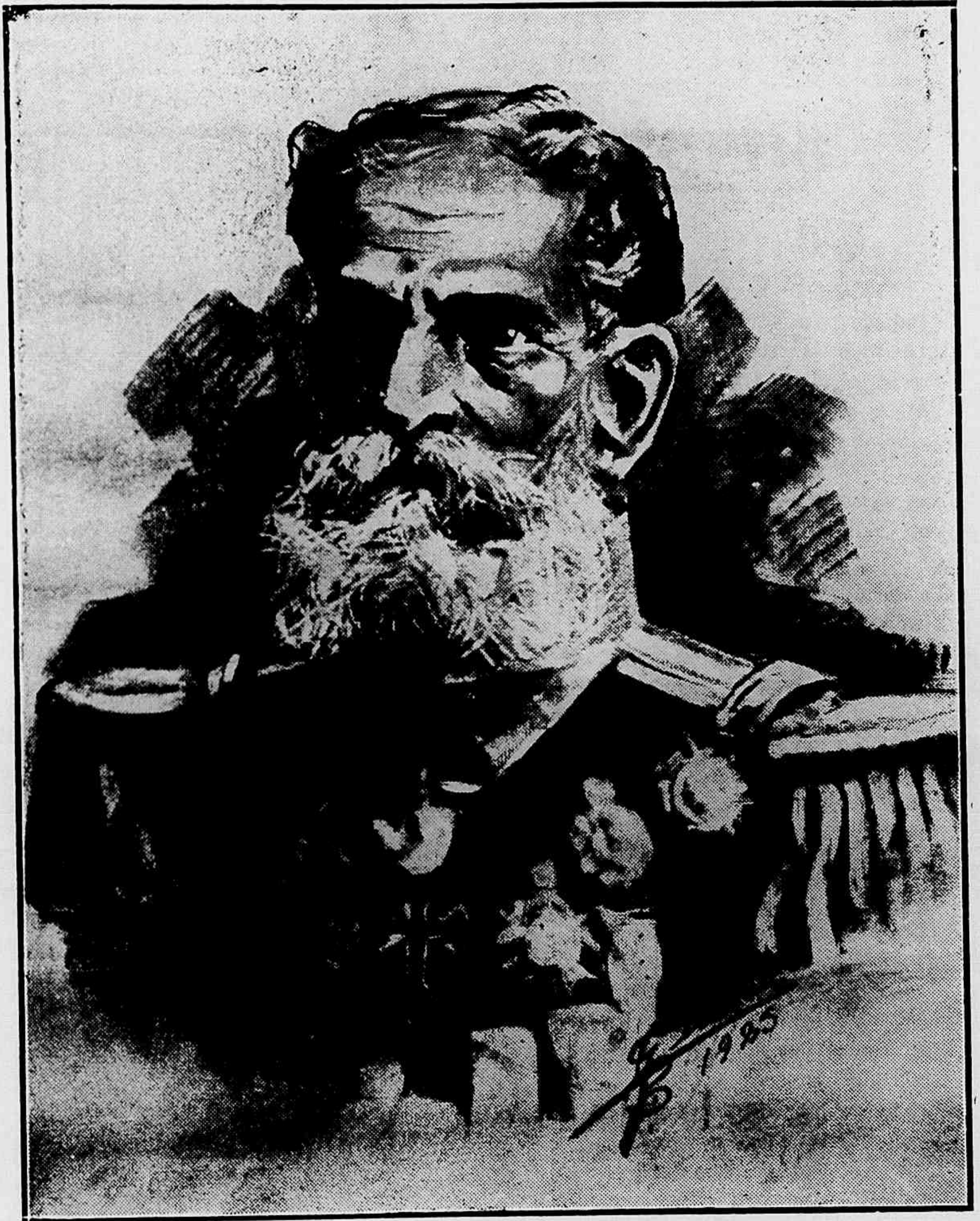
Amo os meus livros todos loucamente,
Jamais os deixo sem os meus carinhos,
Não ficam sós como de certa gente,
Não, não ficam sozinhos.

Amo-os. Em cada qual tenho um amigo,
Que me embala e consola.
São todos bons. Em casa estão commigo,
E commigo na escola!

São todos muito bem encadernados,
E guardados em capas multicôres.
Trato-os com mil cuidados,
Como se fôssem flôres.

Quanto mais calmo e interessado os leio
Tanto mais me deleito e mais aprendo;
São os meus amigos. Não os presenteio,
Não os dou emprestado, nem os vendo.

ROBERTO CORREIA



Marechal Deodoro da Fonseca

1827 — 1927